

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

DIÉLE DE SOUZA SCHNEIDER

**MEMÓRIAS COMPARTILHADAS:
AS VIVÊNCIAS DE IMIGRANTES JUDEUS
DURANTE A REVOLUÇÃO DE
1923 NO RIO GRANDE DO SUL**

Prof. Dr. René Ernaini Gertz

Orientador

Porto Alegre
2013

DIÉLE DE SOUZA SCHNEIDER

**MEMÓRIAS COMPARTILHADAS: AS VIVÊNCIAS DE
IMIGRANTES JUDEUS DURANTE A REVOLUÇÃO DE 1923 NO
RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, área de concentração Sociedades Ibéricas e Americanas.

Orientador: Dr. René Ernaini Gertz

Porto Alegre
2013

Catálogo na Publicação

S358m Schneider, Diéle de Souza
Memórias compartilhadas : as vivências de imigrantes judeus durante a revolução de 1923 no Rio Grande do Sul / Diéle de Souza Schneider. – Porto Alegre, 2013.
125 p.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de História, PUCRS.
Orientador: Dr. René Ernaini Gertz

1. Rio Grande do Sul – História. 2. Imigração Judaica – Rio Grande do Sul. 3. Memória. 4. História Oral.
I. Gertz, René Ernaini. II. Título.

CDD 981.65054

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori, CRB 10/1363

DIÉLE DE SOUZA SCHNEIDER

**MEMÓRIAS COMPARTILHADAS: AS VIVÊNCIAS DE
IMIGRANTES JUDEUS DURANTE A REVOLUÇÃO DE 1923 NO
RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, área de concentração Sociedades Ibéricas e Americanas.

Aprovada em: 25 de março de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. René Ernaini Gertz – PUCRS (orientador)

Prof^a. Dr^a. Núncia Santoro de Constantino (PPGH/PUCRS)

Prof^a. Dr^a. Isabel Rosa Gritti (UFFS)

Porto Alegre
2013

Àqueles judeus da comunidade agrícola de Quatro Irmãos que não se calaram diante das dificuldades que vivenciaram, mas legaram sua memória às gerações vindouras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao professor René Ernaini Gertz, pela orientação, compreensão e auxílio indispensáveis para a realização dessa pesquisa. Minha sincera admiração pelo constante e exímio trabalho com a pesquisa histórica que o Professor desenvolve, principalmente no campo da imigração.

À CAPES pelo auxílio financeiro, sem o qual não haveria possibilidade de realizar a pesquisa em uma instituição particular e tão renomada como o Programa de Pós-Graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aos professores desta Instituição: Charles Monteiro, Cláudia Musa Fay, Jurandir Malerba, Maria Cristina dos Santos, Margaret Bakos e Núncia Constantino, que me instruíram e capacitaram para que o trabalho fosse coerente dentro da teoria e da metodologia da história.

A professora Ieda Gutfreind pelas incansáveis conversas a respeito do tema, da coerência do trabalho, da indicação de fontes e materiais de pesquisa, além de obras da sua biblioteca particular, que me disponibilizou para consultar, meu muito obrigada.

À equipe do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, nas pessoas de Eduardo Chaves, Fátima, Monique e Thainá, que sempre me auxiliaram na busca pela documentação.

À equipe do Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo, nas pessoas de BenHur e Pedro, que me disponibilizaram os periódicos locais dos anos de 1920.

À minha família, sempre preocupada em me auxiliar naquilo que lhes fosse possível: Fernando, meu esposo; Clóvis, meu pai; Roberto, meu sogro; Solange, minha mãe, e Mirele, minha irmã, muito obrigada pelo carinho.

Aos meus colegas que se dispuseram a me ouvir falar sobre a *Revolução de 1923 e a Imigração Judaica*, durante 24 meses, sem parar: Rafael, Vanessa, Alba, Camila, Maria do Amparo, Biloca, Juliana, José Augusto, muito obrigada.

RESUMO

A pesquisa visa a analisar as repercussões da *Revolução de 1923* na colônia agrícola judaica de *Quatro Irmãos*, e as razões pelas quais estes imigrantes compartilharam a memória do acontecimento com seu grupo étnico. A *Fazenda Quatro Irmãos* foi a segunda tentativa da companhia de colonização inglesa *Jewish Colonization Association* de estabelecer judeus, vindos do Leste Europeu, onde viviam em más condições de vida, e os estabelecer no norte do Estado gaúcho, nos anos de 1911/1912. O impacto deste episódio revolucionário gaúcho, a *Revolução de 1923*, decorrente de um conflito político que abrangeu grande parte do estado do Rio Grande do Sul, e as dificuldades causadas e/ou agravadas com o advento deste conflito permanecem na memória da comunidade judaica como um dos fatores que determinaram o “fracasso agrícola” no Brasil. O estudo fica enriquecido com as lembranças e as vivências de ex-moradores da colônia de *Quatro Irmãos*, os quais tiveram seu cotidiano marcado por esta Revolução, e que contribuíram com seu depoimento oral ao Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, sediado em Porto Alegre/RS/BR.

Palavras-Chave: História do Rio Grande do Sul; Imigração Judaica; Memória; História Oral.

RESUMEN

La investigación tiene como objetivo analizar las repercusiones de la *Revolución de 1923* en la colonia agrícola judía de *Quatro Irmão* y las razones por las cuales estos inmigrantes comparten la memoria del acontecimiento con su grupo étnico. La *Fazenda Quatro Irmãos* fue el segundo intento de la compañía de la colonización inglesa, *Jewish Colonization Association*, de establecer judíos, provenientes de Europa del Este, donde vivían en malas condiciones de vida, y establecerlos en el norte del Estado riograndense en los años de 1911 y 1912. El impacto de este episodio revolucionario *gaúcho*, la Revolución de 1923, decurrente de un conflicto político que abarcó gran parte del Estado del Rio Grande do Sul y las dificultades causadas y/o agravadas con el advenimiento de este conflicto permanecen en la memoria de la comunidad judía como uno de los factores que determinaron el “fracaso agrícola” en Brasil. El estudio se vuelve enriquecido con los recuerdos y vivencias de ex vivientes de la colonia de *Quatro Irmão*, los cuales tuvieron su cotidiano marcado por esta Revolución, y que contribuyeron con su declaración oral al Departamento de Documentación y Memoria del Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, en Porto Alegre/RS/BR.

Palabras clave: Historia del Rio Grande do Sul; Inmigración Judía; Memoria; Historia Oral.

ABSTRACT

This Project aims to analyze the impact of the 1923 Revolution in the Jewish agricultural colony of *Quatro Irmãos*, and the reasons why these immigrants shared the event memory with their ethnic group. The *Fazenda Quatro Irmãos* was the second attempt by the british colonization company *Jewish Colonization Association*, to establish jews, coming from Eastern Europe, where they lived in poor conditions, and situated them at the northern Rio Grande do Sul State, by the years of 1911/1912. The impact of this revolutionary episode, the Revolution of 1923, due to a political conflict that covered much of the state of Rio Grande do Sul, and the difficulties caused and/or aggravated by the advent of this conflict remain in the jewish community memories as one of the causes that determined the *Agricultural Failure* in Brazil. This Study counts with the memories and the past living experiences of the former colony inhabitants of *Quatro Irmãos*, in wich they had marked their daily lives by this already cited Revolution, and who contributed with their testimony to the Memory and Documentation Department of *Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, in Porto Alegre/RS/BR.

Key Words: History of Rio Grande do Sul; Jewish Immigration; Memory; Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da localização da Bessarábia, Império Russo.....	21
Figura 2 – Mapa da região da Bessarábia, com destaque para suas fronteiras.....	22
Figura 3 – Localização geográfica de Quatro Irmãos, Rio Grande do Sul, Brasil.....	39
Figura 4 – Mapa das cidades que tiveram comunidades judaicas mais expressivas.....	45
Figura 5 – Propaganda eleitoral em Passo Fundo/RS.....	58
Figura 6 – Fotografia do Cemitério do Combate, Quatro Irmãos.....	80
Figura 7 – Mapa do percurso do depoente Jacó Agranionik.....	90

LISTA DE SIGLAS

ICJMC – Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

JCA – Jewish Colonization Association

PRF – Partido Republicano Federalista

PRR – Partido Republicano Rio-Grandense

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UPF – Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	11
2 - A IMIGRAÇÃO JUDAICA PARA O RIO GRANDE DO SUL.....	19
2.1 - QUAIS AS RAZÕES DE EMIGRAR?.....	19
2.2 - A POLÍTICA IMIGRATÓRIA BRASILEIRA.....	26
2.3 COMO EMIGRARAM? – A JEWISH COLONIZATION ASSOCIATION.....	30
2.4 ONDE SE ESTABELECEM?.....	35
2.4.1 Fazenda Philippon.....	35
2.4.2 Fazenda Quatro Irmãos.....	39
2.4.3 Núcleos urbanos.....	45
3 - A REVOLUÇÃO DE 1923: OS FATOS.....	50
3.1 ANTECEDENTES: A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E A CRISE POLÍTICA....	50
3.2 A DÉCADA DE 1920 NO RIO GRANDE DO SUL.....	54
3.3 OS REFLEXOS DA REVOLUÇÃO ASSISISTA NA COLÔNIA QUATRO IRMÃOS.....	60
3.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO CONFLITO NA COLÔNIA JUDAICA.....	73
4 - A REVOLUÇÃO DE 1923: AS MEMÓRIAS.....	81
4.1 O INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL (ICJMC).....	81
4.2 AS ESCRITAS DE SI – AUTOBIOGRAFIAS.....	85
4.3 AS MEMÓRIAS DOS IMIGRANTES.....	89
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS	118

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa a analisar as repercussões da Revolução de 1923 na memória dos judeus residentes na colônia agrícola de Quatro Irmãos, localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul/BR. O evento permaneceu como fato marcante na memória dos imigrantes judeus que se radicaram nesta área rural, com o financiamento da *Jewish Colonization Association*, na segunda década do século XX. Os acontecimentos da Revolução teriam prejudicado o desenvolvimento econômico e social de Quatro Irmãos e, por muitos, foi considerado o causador da saída de imigrantes dos núcleos rurais, devido ao clima de instabilidade e de medo em que viviam no período dos embates.

A Fazenda de Quatro Irmãos foi a segunda colônia agrícola do projeto da companhia de colonização inglesa *Jewish Colonization Association* de estabelecer judeus, vindos do Leste Europeu, onde viviam em más condições, e os situar no norte do Estado gaúcho, nos anos de 1911/1912. O impacto deste episódio revolucionário gaúcho, a Revolução de 1923, decorrente de um conflito político que abrangeu grande parte do estado do Rio Grande do Sul, e as dificuldades causadas e/ou agravadas com o advento deste conflito na região permanecem na memória de imigrantes judeus como um dos fatores que determinaram o “fracasso do projeto agrícola da JCA” no Brasil.

O estudo enriquece-se com as lembranças e as vivências de ex-moradores da colônia de Quatro Irmãos, os quais tiveram seu cotidiano marcado por esta Revolução, e que contribuíram com seu depoimento oral ao Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, sediado em Porto Alegre/RS/BR. A Instituição, fundada em 25 de novembro de 1985, com uma proposta que envolvia a divulgação da presença e da contribuição judaica no Rio Grande do Sul e no Brasil, contribuindo para a recuperação e o registro da memória da imigração judaica.

O objeto do estudo provocou alguns questionamentos: em que medida a Revolução de 1923 influenciou os colonos judeus a abandonar seus lotes de terras, fixando-se em núcleos urbanos? Quais os motivos que tornaram a Revolução ainda fato marcante na memória dos imigrantes judeus gaúchos?

Ao analisar obras escritas por *memorialistas étnicos* e depoimentos de ex-moradores das colônias agrícolas da JCA acerca dos reflexos da Revolução de 1923 no território do Rio Grande de Sul, constata-se que muitos colonos sentiram-se afetados, naquele período, com os confrontos ocorridos na região e, em consequência, muitos

destes moradores mudaram-se para centros urbanos mais desenvolvidos, desestabilizando a região. Muitos também procuraram a capital do Estado, Porto Alegre, como região propícia para residir num período de instabilidade política.

O tema de pesquisa iniciou quando era vinculada, como Bolsista de Iniciação Científica, ao projeto *Comunidades Judaicas no Interior do Rio Grande do Sul: Santa Maria, Passo Fundo e Erechim*, coordenado pela Profa. Dra. Ieda Gutfreind. Neste momento, debruçei-me sobre um assunto e um rico material que até então não conhecia. Durante minhas atividades de transcrição e digitação de depoimentos orais, resenhas, fichas bibliográficas, um conteúdo me chamou atenção: a Revolução de 1923 e sua repercussão nas colônias agrícolas da *Jewish Colonization Association* (JCA). Esse conteúdo despertou-me a vontade de aprofundar esta relação, tendo contato direto com fontes orais e com o material disponível para a realização do trabalho.

O Trabalho de Conclusão do Curso de História da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) possibilitou-me o primeiro contato com a escrita de uma monografia sobre o tema, porém trabalhei de forma sucinta e, em sua maioria, com fontes bibliográficas. No mestrado, a proposta foi avançar em direção às memórias dos imigrantes judeus que vivenciaram o conflito e que legaram às próximas gerações suas experiência de vida. Sinto-me segura para dar continuidade e aprofundar meu estudo na história do Rio Grande do Sul e na área da imigração judaica, tendo trabalhado por vários anos com a documentação oral do Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall.

A pesquisa visa a analisar as vivências e os indivíduos que compõem o meio social em conflito, relacionando suas memórias à história da Revolução de 1923 e do Rio Grande do Sul, não só como colonos imigrantes, mas como participantes da história regional. Suas lembranças contemplaram fatos e análises que antes eram desconhecidas sobre o período e que não foram contempladas na historiografia.

A Revolução de 1923, como conteúdo, já foi aprofundada no curso de história, suas fontes remetem a posições políticas, estratégicas ou de confronto armado. Este trabalho propõe uma análise do âmbito social, das vivências dos imigrantes judeus e de seus familiares frente ao conflito político no Rio Grande do Sul. Os relatos da população local e/ou daqueles que trazem memórias do período, constituem-se de mais uma perspectiva para o olhar histórico.

As obras que se referem à Revolução de 1923 e seus impactos na comunidade de Quatro Irmãos são escritas por *memorialistas étnicos*, imigrantes e/ou descendentes, que relatam sua vivência e de sua família num novo país, o Brasil, em geral, sem preocupação acadêmica com a história. Depoimentos recentes que foram coletados pela pesquisadora Ieda Gutfreind, em cidades do interior de Rio Grande do Sul como Passo Fundo e Erechim, mostram que na memória ainda há lembranças dos impactos desta Revolução.

Portanto, o estudo pretende contribuir para a historiografia gaúcha no intuito de acrescentar a memória e as vivências da comunidade judaica frente aos impactos causados no âmbito político do Estado, cobrindo uma lacuna negligenciada pela historiografia, que priorizou os eventos políticos e militares vinculados a determinadas personalidades. Observa-se fundamental o olhar apurado à história daqueles que a vivem ou a viveram. Jamais desconsiderando instâncias como as anteriores citadas, e já trabalhadas por diversos historiadores, porém a pesquisa objetiva um olhar que integre o âmbito social para a análise.

A bibliografia utilizada para o desenvolvimento do tema proposto, em sua maioria, são estudos recentes, realizados por pesquisadores nacionais e também do exterior. As pesquisas referentes à imigração judaica ainda são em número reduzido, comparado a outras etnias imigrantes, que dispõem de maiores estudos e que há anos vêm sendo investigados. Apresentam-se algumas destas obras, as quais foram fundamentais para a realização desta pesquisa e que são constantemente citadas:

O presente trabalho muito se valeu de estudos realizados pela professora Dra. Ieda Gutfreind; são livros e artigos científicos que iniciam as pesquisas referentes à imigração judaica para o Rio Grande do Sul. A historiadora vem se dedicando ao tema e tornando-se referência em relação aos estudos sobre esta etnia. Tendo trabalhado como bolsista no projeto *Comunidades judaicas no interior do RS: Santa Maria, Passo Fundo e Erechim*, a professora disponibilizou-me muitos materiais referentes ao tema. Os livros publicados *A imigração judaica no Rio Grande do Sul: da memória para a história*, a qual realiza uma discussão historiográfica das produções referentes a imigração judaica, trabalhando também com depoimentos da comunidade judaica em assuntos como o teatro ídiche e o movimento sionista. A publicação da obra *Comunidades judaicas no interior do RS: Santa Maria* foi fundamental para a pesquisa, como também o estudo *Comunidades*

judaicas no interior do RS: Passo Fundo e Erechim, ainda não publicado. Artigos da mesma autora, igualmente foram utilizados como alicerce para o estudo.

Jeffrey Lesser, historiador estadunidense, que dedicou estudos sobre a comunidade judaica, não somente na área da imigração, escreveu um artigo em língua inglesa, “*A new land for a poor people*”, que foi de grande valia para a pesquisa. O historiador traz, baseado em muitos documentos da JCA no exterior, detalhes referentes à organização administrativa das colônias judaicas do sul do Brasil, Philippson e Quatro Irmãos, e analisa-as de forma coerente ao longo do trabalho. Este artigo, publicado pelo Centro de Demografia Histórica da América Latina da Universidade de São Paulo, em 1991, constitui-se no primeiro estudo acadêmico que se refere ao impacto da Revolução de 1923, na colônia judaica de Quatro Irmãos.

Na década de 1990, a professora Dra. Isabel Rosa Gritti produziu uma dissertação de mestrado, publicada em 1997, intitulada *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos*. Este trabalho também foi amplamente explorado para a realização desta pesquisa, pois a obra analisa a documentação da JCA existente no Brasil.

Dominique Frischer publicou, primeiramente em língua francesa, e, após, em espanhol, pela editora El Ateneo, a obra *El Moisés de las Américas: vida y obra del báron de Hirsch*, em 2004. É uma rica e extensa pesquisa a respeito do fundador e idealizador da *Jewish Colonization Association* e sobre o projeto da emigração dos judeus russos, obra esta que tornava-se necessária para o avanço das pesquisas sobre a Companhia e sua atuação.

Nachman Falbel, em 2008, publicou também uma extensa obra intitulada *Judeus no Brasil: estudos e notas*, na qual referencia as diversas etapas da imigração judaica para o Brasil e as discussões historiográficas a respeito do tema. Também explora a história das instituições judaicas e suas respectivas comunidades, além de realizar análises de uma infinidade de documentos em língua *ídiche*. Esta documentação dificilmente seria entendida por um historiador que não conhecesse o idioma.

Os estudos sobre a imigração judaica estão presentes na academia, em cursos de graduação e pós-graduação. Utilizou-se, por exemplo, as pesquisas de Airan Milititsky Aguiar, Lorena Almeida Gill, Yuri Tovar Verba, alunos da PUCRS; Carlos Eduardo Bartel, aluno da UFRGS; e Nayme Marlene Nemmen da Silva, da UPF.

A análise dos transcurtos da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul baseou-se em obras clássicas da historiografia rio-grandense: Arthur Ferreira Filho em suas duas obras, uma referente especificamente aos detalhes da *Revolução de 1923* e outra mais abrangente, *História geral do Rio Grande do Sul*. Maria Antonieta Antonacci traz informações riquíssimas e uma extensa análise referente ao *RS: as oposições e a Revolução de 1923*. O historiador Héglio Trindade, no artigo “Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937): da confrontação autoritário-liberal à implosão da aliança político-revolucionária de 30”, explana sobre as oposições políticas formadas desde que o Estado começou a ser comandado pelos republicanos. Referente à História do Rio Grande do Sul, foram utilizadas obras mais abrangentes, como as de Fábio Kühn, Sandra Pesavento, Mario Maestri, Antônio Ducatti Neto, entre outras.

O orientador desta pesquisa, René E. Gertz, publicou um artigo “*A memória da Revolução Farroupilha na colônia alemã*”, estudo que me possibilitou guiar a pesquisa, observando atentamente seu trabalho. O estudo refere-se à eclosão da Revolução Farroupilha, em 1835 no Rio Grande do Sul, e o avanço das tropas revolucionárias em direção ao território das colônias alemãs, estabelecidas na região há pouco mais de uma década. A colônia alemã, como a colônia judaica de Quatro Irmãos, estava em processo de desenvolvimento econômico, e o transcurso de uma Revolução afetou profundamente os imigrantes recém-estabelecidos.

Os conceitos de memória foram baseados nos teóricos Michael Pollak e Alessandro Portelli. O primeiro trabalha com conceitos de *memória vivida*, *memória por tabela* ou por *herança*, questões complexas como os *silêncios*, o *esquecimento* e o *indizível*, como também explora as questões de *identidade*. Da mesma forma, o pesquisador Alessandro Portelli, refere-se ao conceito de *memória compartilhada* pela comunidade étnica a que o indivíduo sente pertencer. Estes aportes teóricos foram de fundamental importância para a pesquisa com os depoimentos orais.

As “Histórias de Vida” de imigrantes judeus radicados em Quatro Irmãos foram de fundamental importância ao estudo, e agregam-se a eles os *memorialistas étnicos*:

Além desses relatos (referindo-se as entrevistas de história oral dos imigrantes judeus ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall), temos um conjunto significativo de livros de memorialistas que se constituem em documentos históricos com as narrativas das experiências pessoais ou as de conhecidos sobre o passado desses imigrantes. Nomeamos seus autores de memorialistas étnicos. Com esta expressão identificamos pessoas que, do interior do seu grupo étnico, escrevem sobre ele, não

delimitando tal expressão apenas à judaica. São indivíduos comprometidos com o seu grupo, criando histórias do ponto de vista pessoal, familiar, com a colaboração de seus pares. Publicam narrativas das respectivas coletividades, utilizando, ou não, outra documentação que não a oral em suas pesquisas. São textos sempre (re)atualizados, mantendo a linha mestra da rememoração. Balizados pelo sentimento de pertencimento, voltam-se ao interior do grupo e é a partir deste invólucro e com o recurso da memória que se referem a ele, secundarizando o que os cerca.¹

Tais documentações relatam a vida do imigrante e da sua comunidade étnica, no caso dos judeus. Estas publicações iniciaram no século XX e recordam o período rural da imigração: a obra do professor Leon Back (1957-58), seguindo com as de judeus saídos de Philippon, como Eva Nicolaiewsky (1975) e de Quatro Irmãos, Adão Voloch (1970), Moysés Eizirik (1984 e 1986), Marcos Feldman (2003) e Samuel Chwartzman (2005). Algumas abrangendo também o período urbano da imigração.

Na primeira seção, buscou-se analisar as causas da imigração judaica do Leste europeu para o Rio Grande do Sul, traçando um roteiro cronológico das adversidades sofridas pelos judeus no período que antecede sua saída. Com a identificação de um panorama político e econômico do Império Russo, residência daqueles que optam por emigrar, tornaram-se compreensíveis as razões que impulsionaram o movimento migratório para o Brasil. Este país que os recebera, manteve uma política migratória de atração e retenção dos estrangeiros estabelecidos.

A criação da *Jewish Colonization Association* está ligada ao contexto europeu e americano deste período, pois estabelece suas primeiras colônias na Argentina e, posteriormente, no Brasil. A atuação desta Companhia foi amplamente discutida na história do Rio Grande do Sul e, a partir dela, identificam-se as características desta imigração judaica subvencionada e as formas de inserção destes colonos na sociedade gaúcha. À medida que o ambiente rural ia recebendo judeus vindos da Europa, a imigração de patrícios para núcleos urbanos ocorria gradativamente. Cidades de norte a sul do Estado agregavam comunidades judaicas e sediavam suas instituições, fator que atraiu os colonos estabelecidos em núcleos rurais.

A segunda seção analisa as dificuldades enfrentadas pelas colônias agrícolas judaicas de Quatro Irmãos durante a Revolução de 1923, confronto político que

¹ GUTFREIND, Ieda. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul: da memória para a história**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004, p. 30.

estabeleceu entraves na região norte do Rio Grande do Sul. Uma década após a chegada dos imigrantes, o território foi invadido por tropas revolucionárias e governistas que travaram batalhas naquela localidade. As dificuldades causadas e/ou agravadas pela Revolução foram constantemente relatadas pelos imigrantes que lá viveram.

Com o objetivo de analisar os confrontos políticos e suas consequências na região norte, buscaram-se periódicos de circulação local e também documentos da JCA referente as perdas que os imigrantes sofreram. A esta documentação agregou-se a bibliografia existe sobre o tema. As matérias jornalistas possibilitaram percorrer as notícias a partir de 1922, na disputa eleitoral de Borges de Medeiros e Assis Brasil, até 1929, observando o constante clima de instabilidade que permanecia na região, mesmo após o fim dos movimentos revolucionários.

A terceira seção inicia com a apresentação do *lugar social* em que o documento oral foi produzido, o Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Os depoimentos em formato de “Histórias de Vida” foram coletados entre os anos de 1980 e 1990, no projeto *Preservação da Memória Judaica no Estado do Rio Grande do Sul*. Considera-se fundamental para o pesquisador entender quem são e de onde procede a documentação de que se dispõe para análise, pois a crítica ao material irá depender das condições de sua criação.

Dando continuidade ao capítulo, apresentam-se questões teóricas referentes às *escritas de si*, no caso em estudo as autobiografias dos imigrantes judeus, evidenciando suas memórias como algo que se quer postergar com a finalidade de “como eu quero ser visto”. Ao considerar o depoimento em formato “Histórias de Vida” como uma autobiografia, produzida então por aquele que vive a história e também a narra, posteriormente sendo escrita, a vivência do imigrante e a sua memória tornam-se mais coerentes e únicas.

A pesquisa valeu-se de onze entrevistas neste formato, no intuito de compreender a vivência do imigrante judeu de Quatro Irmãos frente às repercussões da Revolução de 1923, a partir da memória vivida e/ou compartilhada pela comunidade étnica à qual pertence. A finalidade concentra-se em apresentar o imigrante, sua trajetória e sua vivência particular uma em relação a outra; compreendendo a memória de cada imigrante como singular e única; sua vivência não se repete; sua trajetória é particular. A memória individual agrega sentido e significado, quando o membro pertence a uma comunidade

étnica, neste caso as particularidades de cada componente adquirem uma forma única, nessa vez a coletiva, perdendo as singularidades.

Por fim, apresenta-se uma síntese dos avanços alcançados com a pesquisa, e também os entraves ocorridos durante a realização da mesma. Novas expectativas e perspectivas seguem para posteriores abrangência do tema proposto. A realização de uma entrevista de história oral com uma descendente de imigrante, realizada em 2012, mostra novas possibilidades de análises da imigração judaica para o Sul do Brasil.

2. A IMIGRAÇÃO JUDAICA PARA O RIO GRANDE DO SUL

O estabelecimento de judeus no Brasil ocorreu a partir do século XVI, em constantes movimentos migratórios para distintas regiões do país. O historiador Roney Cytrynowicz² caracteriza a imigração dos judeus no Brasil a partir de quatro marcos distintos: 1) a presença de cristãos-novos e a ação da Inquisição (1500-1822); 2) a formação das comunidades no Nordeste do Brasil durante o domínio holandês (século XVII); 3) no período moderno, quando houve aceitação de outras religiões (1822-1889); 4) e no período contemporâneo, a partir de 1889, quando o Brasil adotou na Constituição o direito à liberdade religiosa. Seguindo a definição do historiador Cytrynowicz, a pesquisa centra-se no quarto momento da história judaica, esse movimento no período contemporâneo, com a formação dos núcleos rurais no Rio Grande do Sul.

Antecedendo a formação das colônias judaicas *asquenazim*³ no Rio Grande do Sul, deve-se analisar as razões desta imigração no período contemporâneo e as expectativas desta comunidade étnica que optou pela emigração do país de origem. Os judeus *asquenazim*, provenientes da Europa Central e Oriental, falavam o *ídiche*, língua formada com elementos de origem alemã e hebraica. Estes judeus totalizam 95% da imigração judaica para o Rio Grande do Sul.

2.1 QUAIS AS RAZÕES DE EMIGRAR?

A migração constitui um fenômeno constante na história da humanidade. Muitos grupos e/ou indivíduos migraram para países distintos em busca de melhores condições de vida, seja relacionado ao estudo, ao trabalho ou por motivações religiosas. O caso dos judeus não fugiu à regra; a saída da Europa e da Ásia foi uma solução apresentada às minorias étnicas que, no final do século XIX, viviam em um ambiente hostil, sem

² CYTRYNOWICZ, Roney. **História dos Judeus no Brasil**. Disponível em < http://www.conib.org.br/historia-dos-judeus-no-brasil-descricao.asp?cod_conteudo=87 > Acesso em 08/12/12.

³ Os judeus contemporâneos costumam ser classificados a partir de duas origens distintas: *asquenazi* e *sefardi*. Os judeus *sefaradim* têm sua origem na Espanha, de onde foram expulsos; falam o ladino, dialeto baseado no espanhol arcaico. A imigração dos judeus *sefaradim* concentrou-se, em sua maioria, em centros urbanos, como Porto Alegre (GRITTI, Isabel Rosa. Os judeus. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coord.). **República Velha** (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007, V. 3. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul, p. 443.

oportunidade de dar continuidade às suas tradições, devido às imposições estabelecidas pelos seus países.

Muitos dos judeus que imigraram para o Brasil nos inícios do século XX vieram do Leste Europeu, então domínio do Império Russo. Este território tão vasto foi cenário de grandes conflitos, que ultrapassam a conquista de terras e as movimentações fronteiriças. As constantes sucessões de czares e suas manifestações nacionalistas não proporcionaram alternativas aos emigrados, os quais tiveram de buscar em outros continentes a garantia de liberdade.

Ao tentar responder à questão formulada – quais as razões de emigrar? –, busca-se traçar um roteiro cronológico das situações vividas pelos judeus no Império Russo e, a partir daí, entender melhor sua decisão de emigrar.

No cenário europeu do século XVIII, encontra-se o auge de ideias de concepção de *raça*, que fora exposta por cientistas como Chamberlain, Gabineau e Vacher de Lapouge, entre outros. Estas doutrinas ganham novos espaços e seguem o caminho aberto pelo sentimento nacionalista: “o princípio da liberdade e da igualdade se contradizem, em face de um nacionalismo exacerbado e de conquistas imperialistas...”.⁴ Estes dois “ismos” (imperialismo e nacionalismo) fortalecem as ideias de *raça* e sobrecarregam o *outro* de preconceitos, proporcionando uma diferenciação de sujeitos devido a traços físicos e/ou biológicos, culturais e/ou religiosos. Às desigualdades raciais agregam-se as questões de superioridade e inferioridade de culturas, que evidenciam os conflitos existentes no decorrer do século XX:

Os racialistas transformaram o conceito *semita* em uma *raça*, contradizendo seus próprios princípios, pois os semitas não apresentam características físicas e biológicas comuns visíveis, elemento principal para os racionalistas identificarem uma *raça* [...]. O anti-semitismo não é uma questão de *raça*, mas de discriminação cultural-religiosa. Este preconceito espalhou-se pela Europa, no século XX e alcançando seu apogeu durante a Segunda Guerra Mundial, com o Holocausto.⁵

O Império Russo consistia em um território que, desde o século XIX, era governado por czares soberanos que preservavam o conservadorismo e a autocracia; a economia era baseada na agricultura em moldes feudais de apego a terra no vasto território. Diferentemente dos demais países imperialistas que buscavam nas regiões africanas e asiáticas condições de desenvolvimento comercial, a Rússia expandiu seu

⁴ GUTFREIND, Ieda. Imigramos na esperança de uma vida melhor. In: WAINBERG, Jacques A. (coord.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FIRS, 2004, p. 17.

⁵ GUTFREIND, 2004, p. 18.

território no leste europeu – região que proporcionaria poder político e econômico ao Império. Dentro dessa região, que abrangia o vasto domínio, destacam-se a Bessarábia e a Polônia, que, além de terem um grande contingente judaico, contavam com constantes movimentos de suas fronteiras e também de nacionalidades.

A Bessarábia consistia em um território propício para os interesses imperialistas: com trinta e quatro mil quilômetros quadrados, situando-se “entre os rios Prust, a leste, o Dniester, ao norte, e o rio Danúbio e o Mar Negro ao sul”, o território atendia aos interesses econômicos e políticos do período.⁶ Esta região foi anexada ao Império Russo em 1812.



Figura 1: Mapa da localização da região da Bessarábia, Império Russo.⁷

A região era o celeiro agrícola do Império Russo, com produção de fumo, videiras, trigo, óleo de amendoim, campos de girassol e também moinhos. Os habitantes da região forneciam alimentação e alojamento para as tropas russas que expandiam seu território, no sudoeste, durante o século XIX. O Império adquiriu a Região Dniester em 1791, a Bessarábia em 1812 e o delta do Danúbio, em 1829, em constantes disputas com a Turquia. Anos mais tarde, em 1856, perdeu o território do Delta do Danúbio e do sul Bessarábia, recuperando a Bessarábia do Sul, em 1878.⁸

⁶ GUTFREIND, 2004, p. 21.

⁷ Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bessar%C3%A1bia> > Acesso em 08/12/12.

⁸ Disponível em < <http://www.glueckstal.net/id103.swfrontier.html> > Acesso em 02/01/2013.



Figura 2: Mapa da região da Bessarábia, com destaque para suas fronteiras.⁹

A Bessarábia, hoje Moldávia, situada entre a Romênia e a Ucrânia, contava com a presença judaica desde o século XVI, eles se dedicavam ao comércio. Logo após terem se estabelecido, os judeus foram expulsos da região, e se radicaram na Galícia (Polônia) e na Podólia (Ucrânia). No século XVIII, alguns deles tentaram retornar à Bessarábia, trabalhando na “travessia de pessoas e cargas através do rio Dniester”, e também foram expulsos. Já no século XIX, com o território anexado ao Império Russo, os judeus puderam se estabelecer na região, com a condição decretada de que “ficariam proibidos de possuir qualquer tipo de terra para fins de agricultura, mas poderiam comercializar variadas mercadorias e operar moinhos de trigo”.¹⁰ Presume-se que a atividade comercial não foi uma opção, mas uma necessidade de sobrevivência devido as imposições governamentais.

A população judaica na região crescia expressivamente. Neste período, também as fronteiras da Polônia estavam em constantes modificações, devido às conquistas e às perdas de territórios. Em 1815, a região da Polônia foi incorporada ao Império Russo,

⁹ Cartografia por James Klein. Disponível em < <http://www.glueckstal.net/id103.swfrontier.html> > Acesso em 02/01/2013.

¹⁰ GHIVELDER, Zevi. Bessarábia, era uma terra doce e bonita... Revista **Morashá**. Edição n. 67 - março de 2010. Disponível em < http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=829&p=1 > Acesso em 06/11/12.

sendo proibido seu idioma, como um dos objetivos do processo de russificação. Além da língua, as imposições à conversão ao catolicismo eram evidentes.

O Império Russo mantinha amplas restrições em relação à comunidade judaica, e, a partir de 1835, havia lugares e empregos designados, além de imposições religiosas.

Outros exemplos de restrições aos judeus referem-se à necessidade de um passaporte especial, à proibição de empregar serviçal doméstico cristão e de construção de sinagogas próximas às igrejas; o estabelecimento de severa censura sobre todos os livros hebraicos impressos; a expulsão das cidades e vilas de área de fronteira; a cobrança da taxa especial sobre o gado abatido de acordo com a tradição judaica e sobre as velas utilizadas na cerimônia de Shabat.¹¹

A situação dos judeus submetidos ao Império Russo era degradante. As leis citadas acima foram estabelecidas no reinado de Nicolau I (1825-1855), que manifestou em decretos seu objetivo de forçar a assimilação das comunidades que integravam seu Império. O czar “respaldaba su política en la necesidad de resolver la cuestión judía a través de un proceso de asimilación forzosa, la cual consistía en obligar a los judíos a renunciar a sus particularidades [...] sob pena de sanciones”.¹² Segundo o governante, a população judaica deveria abandonar suas especificidades, como língua, costumes, escolas, vestimentas e, até mesmo, sua religião, e integrar-se aos hábitos praticados pela sociedade russa.

No governo de seu sucessor, Alexandre II (1856 a 1881), os judeus conseguiram melhorar suas condições de cidadãos dentro do Império, devido às reformas proporcionadas por este czar, que visavam à integração da população russa com as comunidades étnicas. Tais medidas possibilitaram o acesso a cargos municipais e autonomia administrativa às províncias, além da liberdade de comércio aos judeus. Porém, a assimilação era a máxima de seu governo, visando a essa prática, acresceu-se uma lei da obrigatoriedade de jovens judeus estudarem em escolas russas, desde o primário¹³; tendo em vista que as escolas judaicas eram instituições sempre presentes na comunidade e eram encaradas como um grande valor, pois era nela que os filhos dos judeus aprendiam o ídiche e o hebraico, além da cultura religiosa.

Estas imposições foram as primeiras, pois no final do século XIX, no governo do czar Alexandre III (1881 a 1894), foram promulgadas imensas restrições, como as *Leis de Maio*, que atingiram toda a população, denotando a autocracia reinante, as violências e as

¹¹ GUTFREIND, 2004, p. 24.

¹² FRISCHER, Dominique. *El Moisés de las Américas: vida y obra del barón de Hirsch*. Buenos Aires: El Ateneo, 2004, p. 364.

¹³ FRISCHER, 2004, p. 366.

perseguições àqueles que resistiam ao regime, além da intolerância à língua e à cultura dos povos submetidos. Aos judeus, restringiu-se a entrada nas escolas, nas faculdades, excluindo-os da atividade comercial, e muitos também da agricultura; restringiu-se também sua área residencial e seus direitos jurídicos. Neste período, foram constantes as perseguições aos grupos ou às minorias que representavam religiões diferentes; Nachman Fabel refere-se a esse momento como o da *exploração judaica*.¹⁴

O reinado de Alexandre III foi caracterizado por um fanático antissemitismo. Referente à questão judaica no país, seu governo tinha a posição de que: “Un tercio de los judíos se verá forzado a emigrar; un tercio terminará por convertirse; un tercio morirá de hambre”.¹⁵ Tais considerações marcaram seu governo, e suas imposições caracterizaram um período sem precedentes na história dos judeus russos. Ao czar aliado à Igreja Ortodoxa e às restrições do Império Russo aos judeus, somava-se o assassinato de Alexandre II, pelo qual a comunidade judaica foi responsabilizada; eventos que agravaram a judeofobia no território.

Após as *Leis de Maio* de 1882, que limitavam as zonas de residência dos judeus e seus direitos, vieram outras, as quais restringiam ainda mais as ações da comunidade judaica russa:

Tais leis adotaram novas medidas em relação aos judeus. Era-lhes proibido transferir-se para qualquer ponto da zona rural russa, nem mesmo nos limites da *Área Restrita de Estabelecimento*. Fechavam-se todas as saídas das cidades populosas e para aldeias do interior. As leis também afetavam os judeus que residiam nas províncias (cerca de 2/5 de judeus da área), pois os que deixaram as pequenas cidades por alguns dias não poderiam regressar, sendo considerados *novos residentes*. Os que moravam em casas alugadas não poderiam renovar o aluguel e eram expulsos da cidade. Milhares de pequenas províncias e vilarejos foram reclassificados, passando a ser designados como *zonas rurais* e, conseqüentemente, fechadas aos judeus. Centenas de milhares de judeus foram despejados do interior para as cidades, congestionando-as. A comunidade rural judaica ficou à beira da extinção.¹⁶

Muitas eram as dificuldades enfrentadas por esta comunidade, não apenas na questão das residências, citadas acima, mas também referente à educação. A participação judaica nas universidades e nas escolas secundárias foi sendo restringida, e as escolas técnicas agrícolas foram fechadas. A atividade econômica também foi alvo de proibições:

¹⁴ FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil**: estudos e notas. São Paulo: Edusp; Humanitas, 2008, p. 167.

¹⁵ DOUBNOV, apud: FRISCHER, 2004, p. 368.

¹⁶ GUTFREIND, 2004, p. 27.

além de não autorizados a trabalhar na terra, os judeus não poderiam exercer a atividade de comércio de compra, venda e exportação de bebidas.¹⁷

O partido czarista russo criou o *Movimento dos Cem Negros*, formado por absolutistas, terroristas, inimigos do socialismo, da burguesia liberal, compostos por organizações paramilitares, e que praticavam o antissemitismo. Dele deriva a mobilização dos intitulados *Protocolos dos Sábios de Sião*, que foi uma chamada à movimentação popular em *pogroms* contra os judeus.¹⁸ Estes *pogroms* tiveram início em 1881, primeiro ano de governo de Alexandre III, eles saqueavam e assassinavam coletivamente os judeus, mesmo estes já vivendo em condições precárias, dadas as imposições governamentais. Na última década do século XIX, os *pogroms* se espalharam por todo o território russo, atacando as comunidades judaicas:

El primer progromo estalló en Elizabetgrad (actualmente, Kirovograd) el 15 de abril de 1881. Tras una supuesta provocación, la muchedumbre, que se había apiñado como si esperase una señal, se lanzó al pillaje y al saqueo de los negocios judíos. La pasividad de las tropas convocadas a restablecer el orden convenció a los agitadores que la obra de destrucción era autorizada por el gobierno, al punto de que algunos hasta creían estar obedeciendo un ucase oficial. La certeza de la impunidad incitó a la plebe – rápidamente aumentada por obreros y campesinos que acudieron desde los pueblos cercanos – a atacar a las casas judías y sus habitantes [...]. La policía, que estaba presente, vigilaba de lejos a los revoltosos, pero esperaba que el saqueo concluyera y que hubiese decenas de víctimas fatales antes de intervenir.¹⁹

As preocupações com os judeus russos se espalharam pela Europa. O crescimento do antissemitismo no Império Russo assustou os patrícios que tentaram intervir na política de governo de todas as formas – na diplomacia, na economia, na política propriamente dita. Os judeus residentes na Europa, e mais abonados financeiramente, criaram associações filantrópicas com o objetivo de tentar ajudar aqueles que sofriam com as imposições do Império Russo e também do Império Turco Otomano. A exemplo, foram criadas as instituições: *Board of Delegates of American Jews* (1859); *Aliança Israelita Universal* (1860); *Associação Anglo-Judaica* (1871); *Jewish Colonization Association* (1891); a *Hilfsverein an den Deutschen Juden* (1901), entre outras.²⁰

Estas associações visavam proporcionar aos judeus russos uma oportunidade de melhorias nas condições de vida no território russo e também fora dele, incentivando a

¹⁷ GUTFREIND, 2004, p. 27.

¹⁸ RIBEIRO, Luiz Dario T. A Ruptura Revolucionária na Rússia/1914-21. IN: VIZENTINI, Paulo (Org.). *A Revolução Soviética (1905-45): o socialismo num só país*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p.27-75.

¹⁹ FRISCHER, 2004, p. 368-369.

²⁰ GUTFREIND, 2010, p. 17-18.

emigração. Porém, sabe-se que o antissemitismo estava presente em todo o território europeu. Exemplifica-se com o *Caso Dreyfus*, ocorrido na França, em 1894, quando um militar francês de origem judaica foi condenado à prisão. Anos após, descobriu-se que as provas utilizadas no julgamento e na condenação do militar eram falsas; a França tentou omitir o caso. Após comprovação do erro, homenagearam o militar com decorações, sem maiores explicações do caso.

Estas questões referentes às vivências dos judeus no Império Russo e na Europa servem para mostrar os conflitos enfrentados pelos imigrantes que escolhem o Brasil para buscar melhores condições de vida. Neste caso, os fatores de expulsão do país de origem estão acima dos de atração. Referente a este assunto, Herbert Klein coloca algumas questões:

Por que as pessoas migram? Eis uma pergunta tradicional que nunca recebeu uma resposta completa, mas que deu ensejo a muitas publicações e debates. A questão básica envolve o peso dos fatores de expulsão ou de atração e a maneira como se equilibram. Para começar, deve-se dizer que a maioria dos migrantes não deseja abandonar suas casas nem suas comunidades. Se pudessem escolher, todos – com exceção dos poucos que anseiam por mudanças e aventuras – permaneceriam em seus locais de origem. A migração, portanto, não começa até que as pessoas descubrem que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem. Na grande maioria dos casos, não logram permanecer no local porque não têm como alimentar-se nem a si próprias nem a seus filhos. Num número menor de casos, dá-se a migração ou porque as pessoas são perseguidas por sua nacionalidade – como as minorias dentro de uma cultura nacional maior – ou seu credo religioso minoritário (dos judeus aos menonitas e aos dissidentes da igreja russa ortodoxa) é atacado pelo grupo religioso dominante.²¹

Assim como expressa Klein, no trecho acima transcrito, as pessoas só deixam seu país de origem caso não consigam mais nele sobreviver, poucos emigraram por razões pessoais; as motivações de expulsão estão acima dos de inclusão. Os séculos XIX e XX são caracterizados pelas grandes movimentações de grupos étnicos, e são os mais descritos pela historiografia; é nesse período que a política imigratória brasileira procura atrair muitos emigrados, principalmente da Europa.

2.2 A POLÍTICA IMIGRATÓRIA BRASILEIRA

²¹ KLEIN, Herberh S.; 2000, p. 13 Apud: GUTFREIND, Ieda. O Rio Grande do Sul: história e imigração. In: BLUMENTAL, Gladis Wiener (org.) **Em terras gaúchas**: a história da imigração judaico-alemã. Porto Alegre: SIBRA, 2001, p. 27. **Grifo nosso.**

A administração política do Brasil divide-se em três marcos históricos: Colônia, Império e República. Nestes dois últimos, a questão da imigração assume um papel de destaque nas discussões, considerando a necessidade de cada período. Tendo em vista que o território brasileiro passava por constantes delimitações fronteiriças, principalmente ao Sul, a legislação acompanhou este momento histórico.

No período colonial, compreendendo os séculos XVI, XVII e XVIII, a questão da terra e do povoamento dependia da doação de sesmarias realizadas pela Coroa Portuguesa. Essas grandes extensões de terra só eram concedidas mediante a comprovação dos recursos financeiros necessários para que a área fosse plenamente cultivada. A concessão era realizada unicamente pelo governo português.²²

No ano de 1808, a abertura dos portos e o estabelecimento da Coroa Portuguesa no Brasil, houve a necessidade do povoamento do Brasil e da produção de gêneros alimentícios, o que possibilitou a entrada de estrangeiros. O intuito do governo era atrair imigrantes agricultores ao país, visando à constituição de pequenas propriedades agrícolas, com produção diversificada e ao povoamento de áreas ao Sul e Oeste do Brasil. A ideia da utilização da mão de obra escrava regredia, gradativamente, à medida que as despesas com a sua manutenção aumentavam. Neste momento, considerava-se a necessidade da mão de obra livre e assalariada para o desenvolvimento econômico do Brasil. Porém, o período foi marcado por uma pequena imigração: alemães no Rio Grande do Sul, suíços no Rio de Janeiro, entre outros.

Para a imigração ao Brasil, o contexto internacional apresentou bastante relevância, após a metade do século XIX, sobretudo com a extinção do tráfico negreiro realizado pela Inglaterra. Com a proibição da vinda ao Brasil de novos escravos africanos, a economia escravista cedeu espaço, à medida do possível, para esta mão de obra livre. Neste período, o governo procurou estabelecer mais normas à imigração.

Na coletânea com ementas sobre a legislação de 1747 a 1915, organizada pela pesquisadora Luiza Horn Iotti²³, encontram-se muitas referências sobre a questão da imigração, no período do Império e também da República. A partir do ano de 1823, são constantes as resoluções a respeito do acesso à terra pelos colonos estrangeiros ou nacionais. Deste ano, a Lei de 20 de outubro, “autoriza os presidentes das províncias a

²² KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007. 3 ed. p. 62.

²³ IOTTI, Luiza Horn (org.). **Imigração e colonização: legislação de 1747 a 1915**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

promoverem a colonização de estrangeiros nos territórios sob sua responsabilidade”.²⁴ E, no ano seguinte, pela Decisão n. 80 – Estrangeiros, de 31 de março, “manda estabelecer uma colônia de alemães na província do Rio Grande do Sul”. Tais resoluções governamentais estimularam o processo de colonização no sul do Brasil, nos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, formando, nestas regiões, pequenas propriedades rurais.²⁵

O objetivo do governo brasileiro era atrair e reter os imigrantes, já que o país necessitava destes trabalhadores. Para tanto, o Imperador pronunciou uma fala significativa na abertura da Assembleia Geral de 3 de maio de 1829, “salientando a necessidade de auxiliar no desenvolvimento da agricultura do país, através de incentivo à imigração, da criação de uma lei de naturalização e de um regulamento para a distribuição das terras incultas”. Fez-se cumprir, regularizando a naturalização de estrangeiros, na Lei de 23 de outubro de 1832, “estabelece que podem se tornar cidadãos brasileiros, todos os estrangeiros maiores de 21 anos e que residam no Brasil há, pelo menos, quatro anos”. E, em 1843, Decreto n. 291, de 30 de agosto, “reduz para dois anos o tempo de residência”; medidas estas que proporcionaram ao imigrante maior integração na sociedade brasileira.

No início do século XIX, as terras ainda eram concedidas, assim como na época colonial, com a diferença de que o acesso à propriedade foi facilitado ao imigrante, com o objetivo de atraí-lo ao Brasil. No ano de 1850, a política imigratória modifica-se mais uma vez, visando a garantir os interesses do Império brasileiro na valorização das terras, que passam a ser vendidas:

A Lei n.º 514, de 28 de outubro de 1848, em seu artigo 16:

– atribui ao governo provincial o direito de colonizar, concedendo a cada Província seis léguas em quadra de terras devolutas, em diferentes lugares de seu território, para este fim. Isto sob duas condições:

a) inexistência de braços escravos;

b) o colono que a recebesse não podia transferi-la. [...]

Em 30 de janeiro de 1854, o Decreto n.º 1.318 regulamenta a ‘Lei das Terras’ (Lei n.º 601, de 1850), a qual, em seu artigo 1.º, declara que:

– abre a posse de terra a qualquer pessoa, sem levar em conta sua nacionalidade;

– apresenta a possibilidade de compra de um lote e da formação de pequena propriedade rural.²⁶

²⁴ IOTTI, 2001, p. 57.

²⁵ COHEN, Vera Regina de A. A imigração judaica no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992, p. 71.

²⁶ COHEN, 1992, p. 70-71.

Estas regulamentações exigiam que, não vigorando as diretrizes do governo, as terras voltariam ao poder da Província. Os ganhos com a venda de terras seriam revertidos para a medição de áreas devolutas, também auxiliariam os novos colonizadores e à vinda de colonos livres. Isso significa que os imigrantes que chegaram ao Brasil após o decreto destas leis deveriam pagar pelas terras. Isso, porém, não foi um empecilho, visto que no período de 1851 a 1888 foram registrados os maiores fluxos imigratórios do século XIX e, a partir deste momento, o Brasil contou com um grande movimento populacional.

Neste momento, a Europa e a Ásia não garantiam condições plenas de sobrevivência para seus conterrâneos, fator que possibilitou as maiores levas imigratórias para a América. A opção por este continente veio atrair emigrantes, que buscavam nele a esperança de constituir um novo lar. Poucos são os indivíduos que vem se estabelecer em outro país com a expectativa do retorno, pois a nação de onde partiram não é lembrada com apressa, pois a associam à pobreza e à falta de oportunidades.

Para as primeiras imigrações alemã e italiana para o território brasileiro, contribuíram os conflitos de unificação, o excedente populacional que se havia gerado com a industrialização, a expulsão do camponês da terra e do trabalho artesanal, como fatores desencadeantes para a imigração. Para estes países, tornar-se-ia interessante enviar a massa populacional para os chamados “países novos”, pois os núcleos populacionais de alemães e italianos proporcionariam maior interação destes países com o exterior, principalmente, através de laços comerciais.²⁷

Além de alemães e italianos, o Brasil atraiu portugueses, espanhóis, japoneses, poloneses, judeus, sírio-libaneses, armênios, húngaros, entre outros grupos étnicos. O país estava em processo de desenvolvimento econômico, e necessitava de mão de obra para as fazendas de café em São Paulo, e para as primeiras indústrias nas cidades. No extremo-sul, a colonização foi caracterizada pelas pequenas propriedades de terra subsidiadas pelo governo e, posteriormente, pelas *companhias de imigração*.

Estas *companhias* começam a atuar no final do século XIX, com o objetivo de intermediar a vinda de imigrantes ao Brasil. O movimento destas empresas diminuiu o custo da imigração dos cofres do governo do Rio Grande do Sul, o qual enfrentava muitas dificuldades na manutenção do projeto. As *companhias* atuavam na compra de terras,

²⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 6 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

vinda de imigrantes, instalação e manutenção nas colônias e, a partir de 1890, também eram responsáveis pela medição dos lotes e a construção de estradas e de toda a infraestrutura necessária para o estabelecimento de colonos.²⁸

Os imigrantes judeus russos que vieram para o Rio Grande do Sul tiveram o auxílio de uma companhia de imigração, a *Jewish Colonization Association* (JCA), que instalou no Brasil, na Argentina, entre outros locais, colônias agrícolas judaicas.

2.3 COMO EMIGRARAM? – A *JEWISH COLONIZATION ASSOCIATION*

A propaganda de imigração circulava na Europa nos séculos XIX e XX, retratando a América com cartazes, anúncios de pessoas e notícias de grandes oportunidades, neste território, que era pouco conhecido pelos desejosos à emigração. Alguns judeus vieram para o Brasil no início do século XIX, depois que a Constituição Brasileira assegurou liberdade religiosa à população. Mas foi no início do século XX, em 1904, com a fundação da primeira colônia agrícola judaica pela JCA, que a imigração foi oficializada.

A *Jewish Colonization Association*, fundada pelo engenheiro judeu Barão Maurice de Hirsch, em 1891, tinha como objetivo “promover a emigração dos judeus, vítimas de discriminações e perseguições no leste europeu e Ásia, e transferi-los para países cuja legislação lhes assegurasse uma existência livre de discriminações”.²⁹ Primeiramente, a ideia de Hirsch em fundar colônias agrícolas judaicas na América não agradou a seus colaboradores, pois acreditavam que o Barão deveria intervir de maneira diplomática para possibilitar uma melhoria na condição de vida aos judeus russos dentro de seus territórios.³⁰

Dominique Frischer escreveu uma biografia de Maurice de Hirsch, que intitula *El Moisés de las Américas: vida e obra del barón de Hirsch*, traçando os propósitos do Barão e sua ideologia. O pensamento fisiocrata de Hirsch, legando à natureza e à agricultura a dignidade do homem, agregados aos princípios judaicos da *tzadaka* que, por

²⁸ GUTFREIND, Ieda. **Comunidades Judaicas no interior do RS**: Santa Maria. Santa Maria: EUFSM, 2010, p. 21.

²⁹ GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul**: A Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997, p. 15.

³⁰ FRISCHER, 2004, p. 375.

princípio, não oferece esmolas mas oportunidades de trabalho e de condições dignas para mudança de vida, fizera-o investir no projeto de colonização.

O fundador da JCA doou, durante longos anos, fortunas para instituições que assegurassem a educação e o auxílio aos judeus que necessitassem. Porém, seu objetivo maior consistia em proporcionar a eles um local de moradia e trabalho, para que assim os mesmos pudessem se sustentar. No sentido de criar oportunidades aos judeus russos, considerada a situação mais grave da Europa, a JCA investe nas primeiras colônias no sul da América, especificamente na Argentina.

A primeira colônia da JCA foi estabelecida em 1891, na cidade de Moisés Ville, em Santa Fé, na província norte de Buenos Aires. A Companhia adquiriu uma área de cem mil hectares de terras, formando dezessete colônias, no intuito de auxiliar os imigrantes judeus com equipamentos, instruções, créditos e escolas no novo território.³¹

La empresa de colonización judía jugó un papel primordial en el crecimiento y el afincamiento de la población de ese origen: en el período 1910-1914, el 41% de los inmigrantes judíos se dirigió a las provincias del interior y la mitad de ellos llegó a las colonias. Estas últimas fueron fundadas y administradas por la JCA, cuyo propósito no era obtener beneficios de sus enormes inversiones, sino establecer en la Argentina una capa amplia y firme de campesinos judíos, que trabajaran cada uno su propia tierra y extrajeran de ella su sustento.³²

As colônias obtiveram relativo sucesso devido às plantações de trigo. A colônia Moisés Ville não dependeu da JCA para sua instalação, pois a Companhia ainda não estava atuando como uma empresa privada de colonização. Nesta colônia, o Barão Hirsch deu início ao seu projeto de caráter filantrópico, selecionando o primeiro grupo de imigrantes e banindo aqueles que não eram considerados adequados.³³

A partir desta primeira colônia, o Barão preocupou-se em trazer imigrantes que tivessem experiência agrícola e que também participassem dos gastos da Companhia, como transporte e moradia, tendo em vista que a primeira colonização teve altos gastos e pouco tempo para a instalação dos colonos. Com este novo interesse, ao invés de trazer à América judeus que sofreram opressões – refugiados – sem experiências agrícolas, a

³¹ LESSER, Jeffrey. Jewish Colonization in Rio Grande do Sul (1904-1925). **Estudos CEDHAL**, n. 6, São Paulo, 1991.

³² FEIERSTEIN, Ricardo. **Vida Cotidiana de los Judíos Argentinos: del gueto al country**. Buenos Aires: Sudamericana, 2007, p. 59.

³³ BARBOSA, Tatiane Machado. A Jewish Colonization Association (ICA). In: WAINBERG, Jacques A. (org.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Federação Israelita do RS, 2004, p. 63.

Companhia optou por trazer agricultores experientes para participar financeiramente da colonização.³⁴

As colônias na Argentina não atraíram consecutivos auxílios financeiros dos administradores da JCA; estes pouco fizeram para animar o desenvolvimento agrícola da região do pampa. Muitos dos imigrantes judeus estabelecidos na Argentina foram trazidos para a segunda colônia da JCA no Rio Grande do Sul, Quatro Irmãos.

Em 1896, poucos anos após o investimento e idealização da JCA, Barão Hirsch falece, deixando os diretores e administradores da Companhia com grandiosos recursos financeiros. A JCA, desde sua fundação, contava com consideráveis quantias, as ações pertenciam aos judeus mais ricos da Europa. Devido a esta condição financeira favorável, a decisão foi investir em mais áreas de colonização judaica no Sul da América. A opção agora foi o Rio Grande do Sul, Brasil, onde o custo das colônias era seis vezes menor.

A imigração para o Brasil foi sugerida pelo vice-presidente da Companhia, Franz Philippson, banqueiro belga que era presidente de companhias de estradas de ferro da Argentina e do Rio Grande do Sul. Franz Philippson destacava “as qualidades da terra e do clima do sul do país e o grandioso futuro que decididamente é reservado a esta vasta república”.³⁵ Este diretor da JCA era grande investidor na economia sulina. Segundo Lesser, a diretoria da JCA coincidiu interesses entre caridade e capitalismo, combinando filantropia com boa prática em negócios³⁶ – propósitos capitalistas.

As áreas de colonização eram terras despovoadas, e Borges de Medeiros, governante do Estado, membro do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), apoiava o investimento estrangeiro com toda a infraestrutura necessária. Estas terras eram consideradas devolutas e poderiam ser adquiridas a partir da Lei de Terras de 1850, que define estas áreas para serem vendidas a particulares. As *companhias de imigração* tomaram a frente da colonização no Rio Grande do Sul, possibilitando a entrada de mais imigrantes no Estado, sem despesas aos cofres públicos.

No ano de 1900, vieram ao estado do Rio Grande do Sul os conselheiros da JCA, com o objetivo de estudar o local, aprovando a ideia de Franz Philippson. Em 1902, a Companhia adquiriu terras situadas a 25 km do município de Santa Maria, próximo da ferrovia de Pinhal. Ali instalaram, em 1904, a colônia de Philippson, homenageando o

³⁴ GRITTI, 1997, p. 25.

³⁵ BACK, Léon. Imigração Judaica. In: BECKER, Klaus (org.). **Enciclopédia Rio-grandense: Imigração.** Regional: Canoas, 1958, p. 272.

³⁶ LESSER, 1991.

vice-presidente da JCA. Os primeiros imigrantes que foram instalados eram originários da Bessarábia, logo após crescendo com a chegada de novas famílias da Europa.

Os Estatutos da JCA foram aprovados pelo governo do Rio Grande do Sul em 31 de agosto de 1903, pelo Decreto n. 655. Neste momento, o engenheiro agrônomo Eusébio Lapine representava a Companhia no Estado. Este documento, composto de três partes, com setenta artigos, assegura os objetivos da *Jewish*:

A companhia se constituiu para os seguintes fins:

a) Para facilitar e promover a imigração dos hebreus de quaisquer pontos da Europa e Ásia e principalmente dos países nos quais, por enquanto estejam sujeitos a impostos especiais e inabilitações políticas ou outras, a quaisquer outros pontos do mundo, e para formar e estabelecer colônias em várias partes da América Setentrional e Meridional e em outros países para aí dedicarem à agricultura, comércio ou outro fim. [...].

e) Para construir, estabelecer, manter e explorar e contribuir com o seu auxílio pecuniário ou outro na construção, estabelecimento, manutenção, exploração de todos os caminhos, vias, tramways, ferro-carris, pontos, portos, depósitos de água, aquedutos, móveis, embarcamento, fortificações, telégrafos, fábricas, armazéns, sinagogas e demais edifícios de culto, banhos, lavadeiros, pontos de recreio e mais obras de caráter público ou particular, que se julguem que possam conduzir ao bem-estar moral ou material das colônias ou estabelecimentos, que de tempo a tempo se fundem e projetem. [...].

h) Para comprar, vender, exportar e mercadejar em toda a classe de artigos e mercadorias e tomar por sua conta qualquer classe de negócio que possa ser útil ou conduzir ao desenvolvimento de ditos estabelecimentos coloniais e de imigração. [...].

l) Para fazer ou procurar concessões de terras e de direitos de mineração e outras licenças e privilégios para os colonos nos termos e condições que de tempo em tempo determinem os regulamentos da companhia e ajuda-los fornecendo-lhes ferramenta e materiais, sementes, gado vivo e morto e dos demais objetos, que necessitem para começar os seus trabalhos de agricultura e outros e para adiantar-lhes fundos para construções, operações agrícolas e outros propósitos.³⁷

O trecho acima foi selecionado do Artigo 3º. do Estatuto, e evidencia o comprometimento da Companhia com a agricultura e a assessoria aos colonos. Assim como as demais sociedades de colonização, a JCA, em seus Estatutos, proporcionaria aos colonos toda a infraestrutura necessária ao seu estabelecimento, construindo, além de estradas, abastecimento de água e alimento, também se empenhava em subvencionar os edifícios de culto e escola.

Na ocasião da imigração, a JCA custeava as despesas de viagem, um lote de terra de 25 a 30 hectares, uma casa, instrumentos agrícolas, duas juntas de bois, duas vacas, um cavalo e um suprimento em dinheiro, para que o colono pudesse se manter até a colheita. Esta importância deveria ser reembolsada num prazo de até vinte anos, com

³⁷ IOTTI, 2001, p. 790-791.

juros. As prestações anuais sofriam redução quando as secas/chuvaradas ou animais prejudicavam a colheita.³⁸

A seleção utilizada pela JCA era bem restrita: eram pessoas com menos de cinquenta anos, casados, famílias com muitos filhos e com boa saúde para trabalhar na terra. A Companhia contava com representantes no Comitê Central da JCA, que funciona em São Petersburgo, na Rússia, que visavam a propagar e selecionar os candidatos à imigração. Para tanto, foi criada uma escola agrícola da JCA para imigrantes pioneiros na cidade de Soroki, Bessarábia. O diretor da Escola, Akiva Oettinger, fez parte da comissão de seleção.³⁹ Os interessados a emigrar escreviam-se, se não selecionados, a JCA afirmavam não ter responsabilidade por “aqueles que se aventurassem a imigrar por conta própria”.⁴⁰

Anos depois, a JCA ampliou o seu investimento no Estado, adquirindo em 1909 a Fazenda de Quatro Irmãos, com mais de noventa mil hectares de terra pertencente ao município de Passo Fundo, atualmente localizada entre os municípios de Erechim e de Getúlio Vargas. Bem planejada, a colônia recebeu todo o aparato necessário antes da chegada dos colonos. Foram cercados os cento e cinquenta hectares com arame farpado, construindo-se uma casa, um galpão para os animais com quatorze vacas, quatro bois, dois cavalos, uma carroça, um arado, uma grade e ferramentas agrícolas. Em 1912, os colonos começaram a chegar: quarenta famílias das colônias da Argentina, sessenta famílias vindas da Bessarábia e mais cento e cinquenta famílias da Rússia, cujo valor das despesas igualmente seria pago em até vinte anos.⁴¹

Deve-se considerar que a JCA investiu na compra de grandes extensões de terra no Rio Grande do Sul, esta mesma quantia deveria ser multiplicada por seis para investir em outra área agrícola na Argentina. Porém, as regiões adquiridas não se assemelhavam com as da Argentina, como era o desejo da Companhia. Ao invés de uma planície coberta com grama, como era a região do pampa argentino, a Fazenda Philippon era íngreme e coberta de matas. O projeto não poderia ser copiado de uma região a outra.⁴² Lapine, escolheu e comprou as terras da Fazenda, idealizava uma plantação de trigo em

³⁸ BACK, 1958.

³⁹ HEUFFEL, Evelyne. **Philippon**: une colonie juive exemplaire? Trabalho não publicado. Em língua estrangeira (francês).

⁴⁰ BARBOZA, 2004, p. 62.

⁴¹ BACK, 1958, p. 272.

⁴² LESSER, 1991.

Philipppson, pois o produto era comprado da Argentina, e alguns colonos tinham o conhecimento do cultivo, pois havia produção de trigo na Bessarábia.

Os incentivos do governo gaúcho também garantiram estabilidade para JCA, além do investimento em infraestrutura necessária para seu estabelecimento, o governo isentou, por cinco anos, a Companhia de pagar impostos territoriais. Considerando que as colônias agrícolas judaicas ficariam em proximidade com as principais ferrovias do Estado; tanto o governo quanto a Companhia afirmaram seus propósitos.⁴³

A JCA permaneceu em atuação no Rio Grande do Sul durante longas décadas. O fechamento da sede, ocorrido em 1965, evidencia que tais interesses eram correspondidos. A estabilidade administrativa e elevados rendimentos possibilitaram a Companhia de atuar no Estado, mesmo que suas colônias não tivessem tido o sucesso esperado. A exploração da madeira foi a atividade que mais rendeu recursos financeiros à Companhia; após o fim da extração da madeira, devido a falta de matéria prima, a JCA encerrou as atividades na Colônia Quatro Irmãos, fechando também o terminal ferroviário, as serrarias e fábricas.⁴⁴

Limitando-se ao estabelecimento dos colonos judeus trazidos pela JCA, este estudo segue analisando as duas principais colônias: Fazenda Philipppson e Fazenda Quatro Irmãos, além de destacar os imigrantes judeus que se radicaram em núcleos urbanos.

2.4 ONDE SE ESTABELEECERAM?

2.4.1 Fazenda Philipppson

Os diretores da JCA encarregaram Eusébio Lapine da compra da Fazenda, em 1902, que receberia o nome do vice-presidente belga da Companhia, Philipppson. Os 4.472 hectares eram situados na área central do Estado do Rio Grande do Sul, no município de Santa Maria, na linha férrea que ligava Santa Maria a Passo Fundo. Terras íngremes, montanhosas, áreas de mata e de campo natural. A opção por esta área devia-se

⁴³ GRITTI, 1997, p. 34.

⁴⁴ **Histórico.** Site da Prefeitura municipal de Quatro Irmãos. Disponível em < <http://www.quatroirmaos.rs.gov.br/portall/municipio/historia.asp?iIdMun=100143490> > Acesso em 08/01/2013.

à proximidade com um centro urbano de Santa Maria, distante 25 quilômetros, e pela via férrea que possibilitaria o transporte de mercadorias, devido às péssimas condições das estradas.

Dois anos após a compra das terras, em 18 de outubro de 1904, trinta e sete famílias judias russas chegaram à Colônia Philippson. Um representante da JCA os esperou no porto de Rio Grande, e após viajaram pela estrada de ferro até Santa Maria: “ali estavam umas 300 pessoas, homens, mulheres, crianças que iriam amar esse torrão e trabalhá-lo com todo o ardor – eram os pioneiros”.⁴⁵

No jornal de Santa Maria, *O Estado Combatente*, há uma notícia referente à chegada dos imigrantes judeus em Philippson:

Hoje, às 8 horas da manhã, chegaram a esta cidade, em trem expresso, os primeiros imigrantes destinados à colônia israelita Philippson, no Pinhal, neste município. Saíram eles ontem do Rio Grande, chegaram ao escurecer em Bagé e viajaram toda a noite para chegar aqui à hora acima indicada. Estes colonos que são em número de 88 (oitenta e oito) seguiram hoje mesmo para o seu destino, às 9 horas da manhã, em carros da estrada de ferro [...], rebocados por uma locomotiva da estrada Itararé. A esta hora estão já os referidos colonos instalados em suas habitações, dispostos a trabalhar para o engrandecimento material do Rio Grande do Sul, que abre carinhosamente os seus braços a todos os que procuram o seu fertilíssimo solo para empregar a sua atividade.⁴⁶

A estrutura da Colônia Philippson não era tão grandiosa quanto a expectativa demonstrada na notícia referida. A característica da recepção aos novos imigrantes também fora uma forma de cobrá-los para que trabalhassem pelo Estado que os estava acolhendo. Porém, grandes eram as limitações de infraestrutura que o Rio Grande do Sul possuía no início do século XX.

Neste período, o estado gaúcho não possuía escolas no interior, nem as subvencionava. Com isso, a JCA contratou um professor vindo de Paris, Leon Back, enviando-o a Lisboa para aprender o português e, em 1908, criou uma escola mista na Colônia de Philippson. Além dos alunos judeus, a escola comportava os filhos dos trabalhadores da Viação Férrea que residiam ao redor da Colônia. Os alunos eram instruídos como brasileiros, ensinando o português, além de hebraico, nas aulas de instrução religiosa, aos judeus. A escola também comportava os adultos em aulas à noite: “Neste ambiente isolado, com dificuldades de locomoção, estabeleceu-se uma sociedade

⁴⁵ NICOLAIEWSKY, Eva. *Israelitas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Garatuja, 1975, p. 26.

⁴⁶ Apud: GUTFREIND, Ieda. A atuação da Jewish Colonization Association no Rio Grande do Sul: A Colônia Philippson. Revista *WebMosaica*. v. 1. n. 1. (jan-jun) 2009. pp. 108-112.

semelhante ao shtetl europeu; ocorreram casamentos e nascimentos; e as tradições e a religiosidade mantinham a coesão deste grupo étnico”.⁴⁷

A economia da colônia baseava-se no cultivo de trigo, milho, feijão, batatas, amendoim, árvores frutíferas, hortaliças e o fumo, que fora produzido pelos colonos da Bessarábia, em qualidade superior ao comercializado no Estado. As sementes do fumo foram trazidas pelos colonos de sua região de origem, cultivada em Philippon e comercializada em Porto Alegre e São Paulo. Esta boa produção não beneficiou a todos os colonos. Muitos não sabiam cultivar a terra e adubá-la; para estes os resultados já não foram tão satisfatórios.

Em sua terra de origem, a Rússia, os pioneiros de Filipson tinham diferentes ocupações, dentre as quais a de técnico na cultura do fumo, médico, chefe religioso, professor, especialista no plantio de cereais, fabricante, comerciante, bancário, fruticultor, joalheiro e confeiteiro. Entre as senhoras encontrava-se algumas lojistas e várias parteiras.⁴⁸

As especificidades da formação da Colônia Philippon e as dificuldades enfrentadas por estes colonos, que tiveram de aprender a ser agricultores, agregam-se os problemas enfrentados pela administração. Os relatórios posteriores ao assentamento das famílias referem-se a uma terra ondulada, campo de área íngreme, infértil devido à concentração de argila. A agricultura gaúcha, diferentemente da Argentina, exigia um trabalho manual, utilizando ferramentas e animais; já no país vizinho, as máquinas faziam boa parte da atividade. Fatores que complicaram ainda mais a vida dos novos agricultores.⁴⁹

A JCA trabalhou muito para convencer os imigrantes que as terras eram boas para produção agrícola. Porém, mais transtornos apareceram:

Durante os três primeiros anos, os colonos tiveram o trabalho prejudicado por uma longa seca e pela presença de gafanhotos que destruíram inteiramente as plantações da colônia [...]. Nos anos posteriores, os resultados corresponderam plenamente aos esforços e às previsões dos agricultores, proporcionando-lhes, além da subsistência, lucros com que adquiriram maiores condições e aumentaram as plantações.⁵⁰

A produção agrícola excedente e a comercialização de madeira proporcionou aos colonos judeus uma arrecadação maior; também para a *Compagnie Auxiliaire du Fer au*

⁴⁷ GUTFREIND, 2009, p. 111.

⁴⁸ NICOLAIEWSKY, 1975, p. 35.

⁴⁹ LESSER, 1991.

⁵⁰ COSTA, Geraldino da. Colônia Philippon. In: WAINBERG, Jacques A. (coord.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FIRS, 2004, p. 73.

Brésil que lucrava com as taxas de transporte de mercadorias. “Os colonos passaram a trabalhar, ardorosamente, em suas terras, fazendo policultura, conforme a escolha. Cultivaram amendoim, fumo, trigo, batata, feijão, milho, árvores frutíferas, legumes e outras plantas. Trataram também da criação de aves. Tudo isso era destinado ao consumo próprio e à venda”.⁵¹

Os imigrantes, aos poucos, iam se habituando à região, “o clima de Filippson agradou bastante aos imigrantes, tanto no frio como no calor, só que faltava a neve com a qual estavam familiarizados”.⁵² Em alguns pontos, a imigração não foi só fracasso. As promessas de terra, o subsídio para os primeiros anos, além dos animais e instrumentos para trabalhar, também a casa de madeira que, logo foi substituída por alvenaria, foi garantido pela Companhia.

Há que se destacar a proximidade da *Compagnie Auxiliaire du Fer au Brésil*⁵³ com a Colônia Philippon como aspecto a ser sublinhado, pois estes colonos não estavam isolados, como foram os imigrantes da Argentina. No cotidiano destes judeus de Philippon facilitou grandemente a integração social e econômica: seja no escoamento da produção para as vilas próximas; ou por um comércio de gado que se estabeleceu com os vilarejos vizinhos; na aproximação com as colônias alemãs vizinhas, favorecido por falarem línguas compreensíveis, ídiche e alemão; no auxílio que receberam dos agricultores ao redor; e, sobretudo, a proximidade com Santa Maria, um centro que tinha hospital, comércio, escolas técnicas, telégrafos, entre outros benefícios.

Alguns fatores contribuíram para a evasão da colônia: as sementes distribuídas seriam de má qualidade, o clima da região com a seca e a falta de chuva, os ataques dos gafanhotos, além da pouca preparação dos imigrantes, e um grande fator de atração pelo urbano – Santa Maria.⁵⁴ Muitos imigrantes iam vender seus produtos e comprar outros na cidade. Na colônia o trabalho era pesado, e os jovens que iam crescendo buscavam melhores condições em núcleos urbanos. E, aos poucos, Philippon foi perdendo seus colonos. Atualmente, o cemitério judaico torna-se a única referência da primeira colônia judaica do Rio Grande do Sul.

⁵¹ NICOLAIEWSKY, 1975, p. 37.

⁵² NICOLAIEWSKY, 1975, p. 45.

⁵³ VERBA, Iuri Tovar. **Filantropia ou Negócios?** Análise da relação entre a Jewish Colonization Association e a Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil. Porto Alegre: PUCRS, 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso).

⁵⁴ LESSER, 1991.

2.4.2 Fazenda Quatro Irmãos

A colônia Quatro Irmãos localiza-se na região do Alto Uruguai, distante, aproximadamente, 70 quilômetros da cidade de Passo Fundo e 34 de Erechim; estas duas cidades constituíram-se em importantes polos econômicos, políticos e culturais que garantiram a manutenção da Colônia e dos seus habitantes. A Capital do Estado, Porto Alegre, distante 360 quilômetros, pouca assessoria poderia prestar à região.



Figura 3: Localização geográfica de Quatro Irmãos, Rio Grande do Sul, Brasil⁵⁵.

O Alto Uruguai era habitado pelos índios Kaingang, após a época da colonização, as terras de Quatro Irmãos ficaram conhecida por Três Cerros, local de criação de mulas. Os índios, revoltosos com a expulsão de suas terras, entravam na propriedade e matavam os peões. As invasões eram constantes, e este motivo foi alegado para a sua venda. Na metade do século XIX, o Sr. Antônio de Melo Rego, residente na cidade de Júlio de Castilhos, distante 280 quilômetros, demorou quinze dias de viagem a cavalo para vender a Fazenda aos Santos Pacheco. Os irmãos Pacheco pagaram a quantia de “dois negros escravos” pela posse da propriedade; o que veio a ocorrer em 30 de abril de 1874, quando a direito foi oficializado. Os quatro irmãos: David dos Santos, José Gaspar dos Santos Lima, Antônio dos Santos Pacheco e Clementino dos Santos Pacheco eram os proprietários da Fazenda, e somente este último residia na propriedade.

Porém, mesmo após a venda da propriedade, as invasões indígenas continuavam a ocorrer. Em janeiro de 1856, trinta Kaingangs entraram na Fazenda e assassinaram as pessoas que estavam lá:

⁵⁵ Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/Quatro_irm%C3%A3os > Acesso em 08/12/12.

No livro do Tombo da paróquia de N. Sra. da Conceição, Livro I, Folha 8, constam os seguintes assentamentos de óbitos das pessoas assassinadas pelos bugres: Clementino Santos Pacheco, 47 anos, casado com Miguelina Ubaldina da Silva; José Pacheco Carvalho, 31 anos; Manoel Pacheco, filho de Clementino, 16 anos; José Antônio, 45 anos; Vitorino, filho de Antônio, 18 anos; Juan, escravo de Clementino, casado com Florinda.⁵⁶

A Fazenda faz parte da história da colonização, tendo em vista que passa de habitação indígena à propriedade privada, comprada com escravos e, após, pela colonização europeia; a JCA adquiriu a Fazenda Quatro Irmãos dos herdeiros dos irmãos Santos Pacheco, residentes no estado do Paraná. Tais características evidenciam a especificidade do momento histórico vivido no Rio Grande do Sul.

A aproximação dessas etnias foi descrita no romance autobiográfico de Adão Voloch, *O Colono Judeu-Açu*, da década de 1960.⁵⁷ A obra traz o cabloco, o mestiço, além do indígena e do judeu europeu, relatando o contato entre os variados grupos étnicos que viviam na região. O contato entre os imigrantes judeus europeus e os índios nativos brasileiros acontece quando os descendentes de guaranis ensinaram os judeus a preparar a erva mate. A descrição da troca de experiência chama a atenção para a obra de Voloch, pois não se trata de apenas um romance literário, tampouco só um livro de memórias, pois, além disso, tece críticas às serrarias e às colônias europeias, as quais afastaram o índio de sua terra. A aproximação é tamanha que o título da obra *judeu-açu* traz elementos da língua tupi, pois *açu* quer dizer *grande* na língua tupi, fator representativo da relação entre as diferentes etnias.

Em relação aos estudos acadêmicos, citam-se os realizados por Jeffrey Lesser e Isabel Gritti, pois são consideradas as pesquisas mais importantes referente à atuação da JCA e a formação da colônia agrícola judaica de Quatro Irmãos; valendo-se deles, segue uma descrição dos momentos iniciais desta Colônia.

A formação da Colônia de Quatro Irmãos ocorre logo após os primeiros anos de crise da Colônia Philippson, em 1909, a JCA já procurava terras para comprar e instalar uma nova colônia. A Fazenda Quatro Irmãos foi adquirida neste período, 1909, dando continuidade ao projeto de colonização no Rio Grande do Sul iniciado com Philippson. Essa nova aquisição compreendia 918.630.400 metros quadrados de terra com florestas abundantes e solo fértil. Sua delimitação compreendia:

⁵⁶ FELDMAN, Marcos. **Memórias da Colônia de Quatro Irmãos**. São Paulo, Maayanot, 2003, p. 34.

⁵⁷ VOLOCH, Adão. **O Colono Judeu-Açu**. Romance da Colônia Quatro Irmãos – Rio Grande do Sul. São Paulo: Novos Rumos, 1960.

Ao Norte pela confluência dos rios Passo Fundo e Erechim e, por este último, com terras devolutas (vagas ou desocupadas); ao Leste pelo rio dito Erechim, com terras devolutas até encontrar a estrada velha no passo, e daí contornando o campo denominado Erechim pela sombra dos matos até chegar a um pinheiro marcado do qual segue uma linha reta de seis mil metros, mais ou menos, até uma estrada da qual segue contornando o campo Erebangó pela sombra dos matos até outro pinheiro marcado no começo da estrada que vai para a linha férrea por uma picada em linha reta até encontrar o arroio Facão; ao Sul pelo arroio Facão com sucessores de Francisco de Paula Vieira e de Joaquim José de Andrade Pereira até encontrar o rio Passo Fundo que faz a divisa Oeste com as terras devolutas.⁵⁸

No ano seguinte, em 11 de março de 1910, a JCA adquire a fração de terra nas delimitações de Erebangó e Erechim e também as terras aos fundos da Fazenda pertencentes ao governo do Rio Grande do Sul. Esta aquisição possibilitou que a Colônia Quatro Irmãos chegasse à estrada de ferro, na estação de Erebangó.

Segundo Lesser, para a imprensa judaica mundial, as colônias no Brasil seriam um sucesso, e as dificuldades eram minimizadas. Os investidores da JCA eram otimistas em relação ao estabelecimento de novo núcleo agrícola no Rio Grande do Sul e suas experiências proporcionaram modificações na estruturação da Colônia: naquela área poderia ser desenvolvida a economia da erva-mate, devido à fertilidade do solo; a decisão da JCA em trazer imigrantes com experiência agrícola e bem sucedidos na Colônia Entre Rios, na Argentina, para auxiliar os imigrantes no desenvolvimento da agricultura; o investimento em propaganda da nova colônia aos judeus russos, realizada pelo escritório da JCA, em São Petersburgo, e a mudança administrativa interna da Companhia foram apostas da JCA para alcançar resultados diferentes dos obtidos até o momento com as demais colônias agrícolas.

A propaganda realizada no Império Russo tinha como objetivo “espalhar rumores sobre o Brasil” e encorajar a imigração. Além de artigos em revistas⁵⁹, havia ainda panfletos em russo e também livrinhos em *ídiche*. Essas edições diferenciadas destacam que a JCA almejava alcançar vários públicos, não somente agricultores interioranos que falavam o *ídiche*, mas também judeus urbanos que, devido à experiência em grandes centros, falavam o russo. Povoar uma nova colônia não seria tarefa simples e fácil, tanto que, três anos após a aquisição da Fazenda Quatro Irmãos, os diretores da JCA não sabiam determinar o número de famílias que viriam ao Brasil, não conseguindo marcar nem a data da viagem. Devido a estas motivações, a JCA não instigou apenas agricultores

⁵⁸ FELDMAN, 2003, p. 46-47.

⁵⁹ Revista *Der Ídischen Emigrant*. In: LESSER, 1991.

para emigrar, mas também homens de negócios, possibilitando assistência geral aos refugiados.

Em janeiro de 1912, Leibowitz, diretor do escritório da JCA no Brasil, foi à Argentina recrutar colonos para Quatro Irmãos; considerando que o sucesso das colônias agrícolas judaicas no país vizinho fora maior que no Brasil. Lá também havia famílias imigrantes insatisfeitas com o resultado da Colônia Maurício, e que optaram em transferir-se para a nova colônia em formação no Rio Grande do Sul; vieram para Quatro Irmãos cinquenta famílias judias da Colônia Maurício. Leibowitz, neste período, passa a administração ao novo diretor da JCA no Brasil, o Sr. Hugo Baruch, que era aposta de sucesso da Companhia, pois Baruch tinha experiência como diretor do projeto da JCA em Buenos Aires.

Tais atitudes foram tomadas no intuito de proporcionar uma nova visibilidade à Companhia e relegar ao passado os problemas enfrentados pelos colonos na primeira colônia. Houve também mudança na sede física que saiu de Philippon e se instalou em Erebango, vilarejo próximo à Colônia. Essas reestruturações da JCA tinham como objetivo melhorar a imagem da Companhia no exterior, atraindo não só mais investimentos, mas também imigrantes.

Após citar as diferenças das Colônias Philippon e Quatro Irmãos, convém destacar dois fatores que as tornam semelhantes: o primeiro se refere à estratégia da proximidade com a ferrovia de Franz Philippon (*Compagnie Auxiliaire du Fer au Brésil*). A Colônia Quatro Irmãos localizava-se perto da Estrada de Ferro São Paulo – Porto Alegre, entre as cidades de Passo Fundo e de Erechim; o segundo fator econômico é a exploração de madeira que, assim como em Philippon, gerou renda nos primeiros anos de constituição de Quatro Irmãos. Uma serraria europeia fora contratada para vender a madeira excedente da Colônia.

No ano de 1912, inicia-se a divisão dos lotes de terras e separa-se uma área central para construção da escola, da sinagoga e de um escritório administrativo. Neste período, evidenciaram-se alguns problemas: a falta de professores para a escola e as casas dos imigrantes não ficaram prontas para o tempo previsto; estes ficaram alojados em um abrigo improvisado, até o término da construção.

Samuel Chwartzman, filho de imigrantes pioneiros de Quatro Irmãos e, posteriormente, funcionário da JCA, em seu livro de memórias relata que:

Para o assentamento dos colonos, uma grande área de campo foi dividida em lotes de 50 hectares, todos cercados com arame farpado. Em cada lote foi

construída uma casa com um galpão e, quando a distância entre a casa e o arroio era de mais de trezentos metros, perfurava-se um poço para água doméstica. O galpão também era usado para a instalação do forno e da cozinha, pois ninguém tinha fogão. As mulheres cozinhavam no pripitchok (boca de forno) sobre uma trempe (tripé com grelha).⁶⁰

Três semanas após a chegada dos imigrantes judeus que vieram da Argentina, seguiram-se os russos, que eram sessenta famílias. Deste grupo, poucos eram agricultores ou treinados para tal atividade; outros exerciam no Império Russo atividades como carpinteiro, ferreiro, sapateiro, entre outras funções.

Em 1913, chegavam da Bessarábia mais quarenta e três famílias para povoar Quatro Irmãos, totalizando 285 pessoas. As famílias tinham o tamanho médio de sete membros, predominando a figura masculina. Acrescidos a estes imigrantes estabelecidos na Colônia, constantemente chegavam mais judeus dispostos a fazer prosperar a atividade agrícola, acreditando que Quatro Irmãos fosse um núcleo colonial receptivo a todos os imigrantes judeus. Quando do período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), havia 350 famílias estabelecidas, segundo Back⁶¹, muitos deles vieram por sua própria conta, sem o financiamento da JCA. A administração da Companhia permitia que os judeus recém chegados adquirissem terras e trabalhassem no intuito de prosperar com o trabalho agrícola na Colônia Quatro Irmãos.

Os problemas com a organização da Colônia começaram a se agravar. Lesser cita a “desordem em alojamentos, dinheiro e provisões”⁶² que ocorreram constantemente no núcleo administrado pela JCA. O ingresso de novos imigrantes parou quando tais queixas tornaram-se repetitivas; acrescidos de falta de trabalho devido à quantidade de imigrantes, as doenças – como o tifo – e as dificuldades com a atividade agrícola que os colonos enfrentavam fizeram com que os administradores da JCA no Brasil enviassem a São Petersburgo o comunicado para cessar o envio de judeus às colônias.

A imagem que a JCA apresentava no exterior era contrastada com constantes relatórios negativos evidenciando os problemas enfrentados pelos imigrantes e administradores nas colônias do Brasil. Um destes relatórios, em 1915, destaca que 1.600 imigrantes viviam na Fazenda Quatro Irmãos, porém um terço deles não imigrou com o auxílio da JCA e que, dos financiados pela Companhia, menos de uma terça parte permanecia residindo na Colônia. Mesmo com tantas imposições, os investimentos em

⁶⁰ CHWARTZMANN, Samuel. **Memórias de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: EST, 2005, p. 17.

⁶¹ BACK, 1956, p. 272.

⁶² LESSER, 1991.

Quatro Irmãos continuavam sendo realizados. Samuel Chwartzmann relata que: “até 1915 ou 1916 muitos chegaram, mas poucos ficaram. Entre os que ficaram, uns o fizeram porque não tinham como ir embora; outros, no entanto, porque gostaram da colônia”.⁶³

A JCA, logo após a chegada dos imigrantes, iniciou as tratativas para a construção do ramal ferroviário de 25 quilômetros entre Quatro Irmãos e Erebangó, com o objetivo de ligar a Colônia à linha férrea Rio de Janeiro – Montevideu. Com a concordância de interesses econômicos, o governo do Rio Grande do Sul não hesitou em aceitar; e concedeu uma parte de terras para a construção. Os objetivos das *companhias da imigração* do Estado, incluindo a JCA, consistiam em transportar e alocar os imigrantes em suas terras, estabelecer negócios como agricultura e comércio, além de adquirir, vender e exportar materiais. Tornava-se um duplo interesse, lucrativo para ambas as partes.

No lucro também estava a *Compagnie Auxiliaire du Fer au Brésil*, de Franz Philippon, que lucrava com o transporte de madeira à Argentina e também captava mão de obra barata nas colônias da JCA para a construção de ramais férreos. Muitos imigrantes foram atraídos para trabalhar na construção de estradas de ferro, o emprego garantido e assalariado seduziu muitos jovens estrangeiros. No início dos anos de 1920, a metade da área econômica de Quatro Irmãos estava baseada na exploração de madeira e erva-mate, visando à exportação destes produtos. As ferrovias eram bem vistas na região, pois além de facilitar deslocamentos, também proporcionava empregos.

A partir deste período, a Colônia aumentava o contingente populacional com trabalhadores assalariados não judeus e também arrendatários de terras da região. Na década de 1920, houve mudanças em Quatro Irmãos. Após os eventos revolucionários de 1923 e 1924, que afetam a região, ocorre uma nova reorganização da Colônia judaica, com auxílio do rabino Isaias Raffalovich, que fora trazido pela JCA para auxiliar no trabalho administrativo com os colonos judeus⁶⁴. Em 1926 e 1927, a JCA trouxe mais imigrantes europeus às colônias de Barão Hirsch e Baronesa Clara, ou mais conhecida como Chalé.

À Colônia de Barão Hirsch chegaram quarenta famílias e, no ano seguinte, à Colônia de Baronesa Clara, trinta e seis famílias, todos vindos da Lituânia e Polônia. Estes novos imigrantes residiram nas colônias, quando estas já possuíam uma maior

⁶³ CHWARTZMANN, 2005, p. 18.

⁶⁴ Assunto que será retomado no capítulo seguinte.

infraestrutura: escola, biblioteca, sinagoga e, posteriormente, em 1932, também um Hospital.

Atualmente, Quatro Irmãos constitui-se em um município emancipado, a partir de 1 de janeiro de 2001. Possui um Cemitério Israelita, que é conservado pela comunidade judaica de Erechim, e inaugurou em 17 de novembro de 2012 um Centro Cultural e Memorial, no antigo prédio do Hospital Leonardo Cohen, em homenagem à imigração judaica. A economia do município está baseada na atividade agrícola, com produção de milho, soja, trigo, feijão, além da criação de bovinos e suínos. Muitos judeus, descendentes dos imigrantes pioneiros, ainda são proprietários ou arrendatários de terras no município, vivendo da atividade agrícola em larga escala.

2.4.3 Núcleos urbanos

A população judaica também crescia nos núcleos urbanos do Rio Grande do Sul. Assim como na Argentina, as colônias da JCA animaram mais judeus a imigrarem para e a se radicarem em diversas cidades do Estado. A existência de patrícios possibilitou a presença judaica nas cidades mais importantes da região.

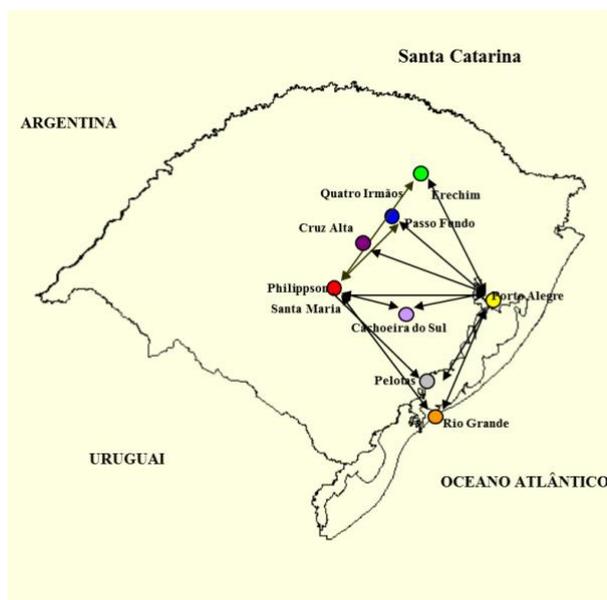


Figura 4: Mapa das cidades que tiveram comunidades judaicas mais expressivas.⁶⁵

⁶⁵GUTFREIND, 2010, p. 24.

A presença de judeus nos centros urbanos ocorreu com maior intensidade no século XIX, ainda no período do Brasil Imperial. Muitos deles eram viajantes e trabalhavam nas cidades de Alegrete, Livramento, Uruguaiana, Pelotas e Rio Grande. Nesta última cidade, havia comerciantes de joias, com firmas comerciais e filiais nas cidades da província e no exterior. O estabelecimento de judeus nestes centros antecede as colônias agrícolas.⁶⁶

A saída das colônias agrícolas da JCA, Philippon e Quatro Irmãos, ocorria frequentemente; os imigrantes judeus, não satisfeitos com a estrutura mantida pela Companhia, abandonavam os lotes de terra, em busca de garantias melhores de sobrevivência. Em algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul, os judeus constituíram grandes comunidades; apresenta-se um resumo de algumas delas, exemplificando os percursos diferentes que cada imigrante traçou. Para isso, a pesquisa valeu-se da obra de Moysés Eizirik⁶⁷, que apresenta as especificidades de cada comunidade.

Santa Maria⁶⁸ foi a primeira opção de cidade que os residentes em Philippon escolheram. Distante 25 quilômetros, já fixaram residência em 1909 e, em 1915, alugaram uma casa para construir a sinagoga e a sede social, que contava com biblioteca e sala de reuniões. Nos cerimoniais religiosos, as mais de cinco famílias iam à Philippon congregar com os demais membros da comunidade. Na cidade, também foi formada a *Juventude Cultural Israelita*, o colégio ídiche com ensino judaico em três turnos, o teatro, um salão de festas e o cemitério. Em 1925, em sede própria a *Sociedade Beneficente Israelita Santa-Mariense*, congregava setenta famílias.

Passo Fundo⁶⁹ contabiliza famílias judias a partir de 1912, ano de fundação da Colônia Quatro Irmãos, núcleo agrícola distante, aproximadamente, 70 quilômetros. Uma década se passou até que, em 1922, os judeus residentes na cidade fundaram a *União Israelita Passofundense*, a sinagoga e uma biblioteca. Assim como em Santa Maria, nos primeiros anos, a comunidade judaica ia às colônias para as cerimônias religiosas. Em Passo Fundo também havia cemitério israelita, colégio ídiche, salão de festas e teatro. O

⁶⁶ GUTFREIND, 2004, p. 65.

⁶⁷ EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1984, pp. 118-127.

⁶⁸ GUTFREIND, 2010.

⁶⁹ SILVA, Nayme Marlene Nemmen da. **A presença judaica em Passo Fundo: século XX**. Passo Fundo, 2002. 176 p. Dissertação de mestrado em História. Universidade de Passo Fundo. Trabalho não publicado.

prédio da sinagoga sofreu três incêndios e as reformas na sinagoga foram realizadas quando necessário.

Centro urbano que também recebeu grande contingente judaico foi Erechim, cidade próxima a Quatro Irmãos, que se tornou município em 1918, anteriormente pertencia à cidade de Passo Fundo. A formação da comunidade judaica nesta cidade ocorreu em 1934, com a fundação da *Sociedade Israelita de Erechim*. Os membros da comunidade alugavam salas do Clube Ypiranga para realizar suas cerimônias religiosas ou realizavam reuniões nas casas dos patrícios. Abraão Litvin foi um dos primeiros imigrantes estabelecidos perto do centro urbano de Erechim, ele possuía uma casa comercial no Bairro Três Vendas; junto com Samuel Ioschpe representou grande liderança na comunidade. Além da sinagoga, há o cemitério, a escola *ídiche* e um salão de festas. Os membros da comunidade ainda possuem terras em Quatro Irmãos e vivem da agricultura.

A cidade de Pelotas⁷⁰ também recebeu judeus das colônias, os mesmos sobrenomes dos imigrantes que vieram com a JCA constituíram a comunidade nesta cidade. Nas décadas de 1920 a 1930, assim como outras regiões, fora o período de maior afluência dos judeus. Neste momento, funcionaram três templos israelitas em Pelotas: a *Sociedade Israelita Pelotense* e o *Centro Israelita Pelotense*, as duas pertencentes à comunidade *asquenazi*, e a casa de Moisés José, que congregava os *sefaradim*. No ano de 1928, a comunidade fundou o *Colégio Israelita Pelotense*, que complementava a educação das crianças judias, com ensino do hebraico, do *ídiche* e da religião. Muitos judeus estabelecidos na cidade trabalharam no comércio, uns como mascates, vendendo à prestação (*clientaltchik*) e, após adquirem recursos financeiros, construíram suas casas comerciais.

Em Rio Grande, no final do século XIX, como citado anteriormente, havia quatro firmas de joias e uma alfaiataria pertencentes a judeus. A *Sociedade União Israelita* foi inaugurada em 1923, era uma associação religiosa, recreativa, que também abrigava uma escola. A aproximação desta comunidade com a de Pelotas proporcionava que ambas se reunissem na ocasião dos rituais religiosos. Em 1950, fundaram o cemitério israelita. A maioria dos judeus era proveniente da colônia de Philipppson.

⁷⁰ GILL, Lorena Almeida. **Clienteltchiks**: os judeus da prestação em Pelotas (RS): 1920-1945. Pelotas: EUFPel, 2001; GILL, Lorena Almeida. Os judeus em Pelotas. In: WAINBERG, Jacques A. (coord.). **Cem anos de amor**: a imigração judaica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: FIRS, 2004, pp. 95-100.

A *Sociedade Israelita Cruzaltense* foi fundada em 1919, no terreno também foram construídos a sinagoga, o colégio e o salão de festa, além do cemitério, com quarenta famílias residentes na cidade. Bagé contou com cultos judaicos, a partir de 1916, realizado nas casas de membros da comunidade; em 1922, fundaram a *Sociedade Israelita Bageense*, com sinagoga, escola e biblioteca. Em Cachoeira do Sul havia aproximadamente quinze famílias que, em 1926, fundaram a *Sociedade Israelita Cachoeirense*, com sinagoga, biblioteca e sede social. A cidade de Uruguaiana, assim como Erechim, contou com sinagoga na década de 1930, a *Sociedade Israelita Brasileira* foi fundada em 1932, por vinte famílias judaicas residentes na cidade, além de receber, nas comemorações religiosas, os patrícios de Passo de los Libres.

Nas décadas de 1920 e 1940, imigrantes judeus vêm diretamente para a Capital do Estado, buscando constituir uma comunidade consistente junto àqueles colonos que abandonaram as colônias de Philippon e Quatro Irmãos e escolheram a cidade para se radicarem. Porto Alegre também foi a opção de muitos que vieram diretamente da Europa para formar um núcleo comunitário: em 1909, foi inaugurada a primeira sinagoga, um esforço mútuo de judeus *asquenazim* e *sefaradim*, esta tentativa teve pouca duração. Em 05 de outubro de 1910, trinta cinco membros da comunidade judaica residentes em Porto Alegre, fundaram a União Israelita e, no ano seguinte, a compra do terreno para o cemitério foi possível. A comunidade crescia expressivamente, em 1917, foi criado o Centro Israelita Porto-Alegrense, localizado no bairro Bom Fim; fator que atraiu muitos judeus para fixarem residência no bairro.

A preocupação desses imigrantes era continuar as tradições comunitárias trazidas da Europa e não permitir que a distância interferisse nos costumes judaicos praticados com a família no antigo lar. Tanto que, na década de 1920, os judeus *sefaradim* inauguraram o Centro Hebraico Riograndense para celebrar seus ritos nesta sinagoga. A comunidade *sefaradi* residia, em sua maioria, na área central de Porto Alegre, e neste local construíram sinagogas, diferentemente dos *asquenazi*, que se estabeleceram no bairro Bom Fim.

A partir destas primeiras sedes comunitárias, outras foram acrescentadas, como o Grêmio Esportivo Israelita e o Colégio Israelita Brasileiro. Também havia na cidade o açougue *ídiche*, que cuidava dos abates das carnes dos animais segundo a tradição judaica; e o teatro em língua ídiche, que consistia em uma manifestação cultural típica dos judeus *asquenazim*. As apresentações eram no Teatro São Pedro, contando com a

presença de muitos membros da comunidade. Destaque também ao movimento sionista que também tornou-se referência, ultrapassando o interior da comunidade.⁷¹ A presença judaica no *Clube de Cultura*⁷², fator de forte influência, principalmente entre os anos 1950 e 1970, enquanto a ditadura militar voltava os olhos para Rio de Janeiro e São Paulo, Porto Alegre abria as portas aos artistas. No Clube, membros da comunidade judaica reuniam-se para teatro, palestras, coro e, às vezes, também para comemorações religiosas; os judeus progressistas faziam do Clube seu espaço.

Atualmente, a maioria dos judeus do Rio Grande do Sul reside em Porto Alegre, mas muitos saíram do Estado em direção a São Paulo, Rio de Janeiro e também o Estado de Israel, que tem atraído membros da comunidade.

⁷¹ BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a formação da comunidade judaica brasileira (1901-1956)**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Trabalho não publicado.

⁷² AGUIAR, Airan Milititsky. **Saudações para um mundo novo: o Clube de Cultura e o Progressismo judaico em Porto Alegre (1950-1970)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2009. Trabalho não publicado.

3. A REVOLUÇÃO DE 1923: OS FATOS

A história do Rio Grande do Sul foi marcada por vários combates relacionados a disputas territoriais, políticas e/ou econômicas. A Revolução de 1923 se constitui em mais um desses entraves ocorridos no Estado, com o objetivo de substituir o poder político que permanecia há mais de trinta anos nas mãos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Em disputa estavam os detentores do poder econômico regional, os pecuaristas, que se mostravam insatisfeitos com a postura do governo frente à crise dos anos de 1920, enfrentada pelo Estado gaúcho no pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A disputa eleitoral ocorrida entre Borges de Medeiros e Assis Brasil, o primeiro foi candidato do PRR concorrendo ao quinto mandato, e o segundo, dissidente do PRR e aliado ao Partido Republicano Federalista (PRF), juntamente com os pecuaristas do sul do Estado. Após a declaração da vitória do candidato do PRR, inicia-se uma rebelião no intuito de destituir do cargo o candidato eleito Borges de Medeiros, com acusação de fraude eleitoral. Essa disputa estava relacionada ao movimento revolucionário ocorrido no território gaúcho de 1893-1895, a Revolução Federalista.

3.1 ANTECEDENTES: A REVOLUÇÃO FEDERALISTA E A CRISE POLÍTICA

A construção do Partido Republicano Rio-Grandense teve início em fevereiro de 1882, data de sua fundação. Os objetivos eram instituir no Brasil o sistema republicano e introduzir na população suas convicções; o partido foi crescendo e, dois anos após, reuniram-se para firmar seus rumos.

Com a proclamação da República no Brasil, em 1889, o PRR assume o poder no Estado, mesmo sendo minoria dentro do eixo político, propagando a ideologia positivista⁷³ presente na Constituição de 1891, redigida pelo então líder partidário, Júlio de Castilhos. O historiador Hégio Trindade⁷⁴ critica a intencionalidade de Castilhos, pois o líder do PRR exercia a liderança pessoal e não coletiva, redigindo sozinho a nova

⁷³ Sobre o assunto ver: PINTO, Celi Regina J. **Positivismo: um projeto político alternativo** (RS 1889-1930). Porto Alegre: L&PM, 1986.

⁷⁴ TRINDADE, Hégio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). IN: DACANAL, J. H; GONZAGA, Ségio (orgs.). **Rio Grande do Sul: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

Constituição. Segundo o autor, a vida do político confundia-se com o Estado do Rio Grande do Sul, sendo difícil dissociá-los.

O líder político do PRR instalou a “ditadura científica”, demarcando a estruturação política imposta pelo modelo conservador-autoritário do Partido, pondo em evidência o centralismo político e os plenos poderes dados ao governante do Estado. As ações previam a reeleição do governante estadual quantas vezes ele a aspirasse, desde que garantidas as três quartas partes da votação. O governante do Estado pouco interveio na iniciativa privada, encarregando-se exclusivamente da administração do “bem público”, orientando-o e regulando-o conforme as necessidades. Tal postura foi adotada visando às dificuldades que o partido republicano enfrentava na política interna, sendo-lhe imposta a tarefa de consolidar uma nova forma de governar, a República no Rio Grande do Sul.

Maria Antonieta Antonacci frisa que, conforme a ideologia positivista aplicada no Estado pelos republicanos, a política giraria em torno do estabelecimento de uma conciliação entre ordem e progresso, com base no “livre desenvolvimento da iniciativa individual”.⁷⁵ O estado gaúcho exercia a regulamentação nos grupos e nas classes sociais, “promovendo um desenvolvimento equilibrado de todos os setores da produção”.⁷⁶ Essa postura incomodou os pecuaristas, detentores do poder econômico regional, pois eles desejavam incentivos governamentais exclusivos para auxiliá-los no desenvolvimento de sua produção. No período do Brasil Imperial, os governantes da Província de São Pedro eram aqueles possuidores de riquezas econômicas e que utilizavam de suas influências em benefício de suas produções; já no momento da República esta ligação enfraqueceu devido ao desenvolvimento de uma classe média, comerciante e/ou intelectual e urbana que também requereu amparo do poder público.

A construção da Constituição de 1891 foi o ponto máximo de discordância política entre os aliados e também cunhados, Júlio de Castilhos e Assis Brasil. Esse último não aprovava a nova Constituição, alegando não ter participado de sua construção. Assis Brasil discordava do pensamento político-ideológico impregnado na *Carta*, através da ideologia positivista e da ditadura castilhista. Sua insatisfação fez com que ele se aliasse ao parlamentarista Gaspar Silveira Martins, líder do recém fundado PRF.

Nas eleições de 1891, a oposição do Partido Liberal (PL) articulou-se para derrotar os republicanos, porém a chapa de coligação era muito recente; o PL ainda não

⁷⁵ ANTONACCI, Maria Antonieta. **Rio Grande do Sul: as oposições & a revolução de 1923**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981, p. 20.

⁷⁶ ANTONACCI, 1981, p. 20.

se tornara forte para vencer o PRR, nesta ocasião. A oposição ameaçou lutar com armas caso Júlio de Castilhos não renunciasse ao governo, e, após um comício realizado no centro de Porto Alegre, na manhã do dia 2 de novembro daquele ano, uma comissão foi ao Palácio do Governo para depor Castilhos. Porém, outra confusão ocorrera no mesmo tempo, Deodoro da Fonseca deixou o cargo na capital federal, Rio de Janeiro.

No Rio Grande do Sul, assumiu o poder assim chamado o *governicho*, com Barros Cassal e Assis Brasil (PRF), e no Rio de Janeiro, Floriano Peixoto. Este governo gaúcho passou por grandes dificuldades administrativas, além de revogar a Constituição castilhista, permaneceu no poder apenas dois anos, de 1891 a 1893. Com o apoio de Floriano Peixoto, Castilhos voltou a assumir a presidência do Estado, controlando a organização do regime, assumindo cargos que antes tinham sido dos monarquistas.

A iniciativa de uma reação à tomada republicana estourou com a Revolução Federalista (1893-95), dividindo o Rio Grande do Sul entre maragatos e chimangos, federalistas e republicanos, respectivamente. Esta Revolução espalhou-se pelo Estado, sempre lembrada como a mais violenta que o território havia presenciado. A prática da degola foi a marca registrada deste período.

Na região norte do Estado, assim como posteriormente na década de 1920, foi lugar propício para a invasão de tropas revolucionárias. Passo Fundo, que, naquele período, concentrava a maior parte do território do Planalto gaúcho, que atualmente pertence a Erechim e Quatros Irmãos, além de outros municípios próximos, constituía a capital dos políticos republicanos, e lá os entraves eram constantes.

Antônio Ducatti Neto⁷⁷, autor de uma monografia municipal de Erechim, transcreve um documento que expõe a invasão dos revolucionários em terras particulares no norte do Estado. Traz como exemplo a fazenda de João Barboza de Albuquerque e Silva, que residia na região há mais de dez anos e possuía grande quantia de gado bovino e equino:

Se achava esta cidade (Passo Fundo) e município, quando na manhã de 31 de maio deste ano (1893), foi o município invadido por uma força revolucionária superior a mil homens [...]. Parte dos quais seguiram para o 3º Distrito [...]. No dia último com 20 e tantos homens armados com o fim de reunir mais gente naquele lugar, e ali chegados acamparam-se em Campos de Criação do justificante no lugar denominado Erechim, e no dia 5 do referido mês, às seis horas da manhã, chegados à casa do justificante aí penetraram, arrombaram as portas e saquearam os gêneros de seu comércio, trens de casa, que consigo levaram [...]. Ali se conservaram até perto de fins de junho, estragando e destruindo tudo quanto encontravam, como sejam: casas, animais bravios e

⁷⁷ DUCATTI NETO, Antônio. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST, 1981, pp. 56-58.

mansos, gados e porcos. A gente da casa que podiam prender ia para o castigo ou a degola.⁷⁸

No cenário de confrontos armados, tornaram-se comuns atitudes como estas relatadas acima. Mesmo a Revolução Federalista constituindo-se como uma disputa política que tomou conta do Rio Grande do Sul, os embates tomaram dimensões sociais na medida em que modificaram o cotidiano das pessoas que, frente à revolta, não se sentiram pertencentes àquele evento. Nestas questões, encontra-se o fracasso dessa Revolução, pois não alterou a questão política no Rio Grande do Sul, como era o objetivo, tampouco conseguiu angariar partidários para a sua causa, pois a região norte constituía-se em um centro de apoio republicano.

Após trinta e um meses, a Revolução Federalista encerrou-se, com a paz decretada em agosto de 1895, deixando marcas violentas na população, com mais de dez mil vítimas, e prejuízos materiais incalculáveis. O conflito obteve seu fim com intervenção do governo federal, na época Prudente de Moraes, pois, apesar dos revolucionários estarem derrotados militarmente pelos governistas, almejava-se entendimento honroso para os dois lados. Com o fim da Revolução, Júlio de Castilhos governou por mais dois anos o Rio Grande do Sul, sendo responsável por organizar o Estado após a guerra civil.⁷⁹

Sendo a carta de 14 de julho [a Constituição] obra pessoal de Júlio de Castilhos, revisá-la seria como arrancar a menina dos seus olhos. Em fase da ameaça, o futuro patriarca ficou furioso, tomando-a como uma afronta a si e à República (a cujos destinos se confundia), mas não corcoveou nem perdeu as estribeiras. Como era de seu feitio, comunicou em termos frios, cortantes, peremptórios, que não admitia semelhante intromissão na vida do Rio Grande do Sul, “um Estado constituído”. E teve apoio dos republicanos de outros Estados. O tratado de paz foi redigido e assinado em 9 de agosto de 1895, mantendo a “intocabilidade” da Constituição castilhista. Foi preciso outra revolução, em 1923, para modificá-la em pontos fundamentais.⁸⁰

Com a Revolução Federalista, pode-se observar que o grupo dominante encontrava-se com dificuldades de estabelecer uma ordem universal que agregasse todos os setores econômicos vigentes no período. Ao findar o século XIX, a economia sulina ganha maior espaço e representatividade no cenário nacional, desenvolvendo o comércio e algumas indústrias fabris. O setor médio gaúcho necessitava de apoio político para continuar atuando no mercado, porém ressalta-se que a economia agrícola e pastoril ainda

⁷⁸ DUCATTI NETO, 1981, pp. 56-58.

⁷⁹ FERREIRA FILHO, Arthur. **História Geral do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1965, 3ª ed. pp. 123-149.

⁸⁰ REVEBEL, Carlos. **Maragatos e Pica-paus: Guerra Civil e Degola no Rio Grande**. Porto Alegre: L&PM, 1985, p. 90.

era base da produtividade gaúcha e que, até então, o segmento agropecuário exercia o poder econômico dentro do Estado.

O PRR procurou agregar esse novo grupo economicamente ativo, atendendo às necessidades e disponibilidades do Rio Grande do Sul, “os republicanos apresentavam um projeto progressista e modernizador, capaz de atender às novas demandas rio-grandenses”.⁸¹

Em nível regional e nacional, a administração republicana manteve-se ligada à ideologia positivista, que prezava os “interesses coletivos”, a intervenção econômica do Estado e estava ligada aos serviços públicos. A capital da República também executava o projeto positivista, e as posturas políticas de ambos estavam em concordância; não havia motivos para que o governo republicano gaúcho fosse contestado em âmbito nacional.

No campo econômico, o PRR mantinha o foco na balança comercial favorável. A expansão do comércio e da indústria fabril concentrava-se nas regiões urbanas, e as necessidades do grupo dominante do Estado eram supridas pelo governo, quando possível.

Mesmo com o estabelecimento do poder pelos republicanos por mais de três décadas, com dissidentes anteriores como a Revolução Federalista, a oposição continuou articulando-se, à espera de uma brecha, um espaço para manifestar-se e visando a reagir ao centralismo político implantado pelo PRR no Rio Grande do Sul.

Alguns historiadores trabalham com a ideia de que a Revolução de 1923 deu continuidade aos embates da Federalista: seus ideais permaneceram os mesmos, seus combatentes e militantes também. No Rio Grande do Sul, outra batalha foi travada na década de 1920, marcada pela conquista, ainda que não integralmente, da oposição de Borges de Medeiros.

3.2 A DÉCADA DE 1920 NO RIO GRANDE DO SUL

A crise dos anos de 1920, consequência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), afetou a economia de exportação brasileira, principalmente a pecuária do Estado gaúcho. Sem o incentivo político necessário para o restabelecimento econômico, o governo estadual do PRR exigiu que os pecuaristas e outros segmentos da economia em crise,

⁸¹ ANTONACCI, 1981, p. 18.

buscassem financiamento junto ao governo federal. Os anos de 1920 animaram a oposição que manifestava cada vez mais repúdio ao domínio político dos republicanos, que, desde 1895, exerciam o controle político partidário no Estado, e não proporcionava incentivos à economia agropecuária.

Antonacci refere-se a esta crise econômica como sendo um agravante para os “grupos de produtores tentarem atingir os mecanismos da política econômica estadual”.⁸² Nesse período, ocorreu a elevação dos preços de produtos importados e a queda dos preços de produtos agrícolas e pastoris, além da retração dos créditos aos fazendeiros, que necessitavam de apoio político-financeiro para continuar a produzir suas mercadorias.

A oposição política ao governo centralizador de Borges de Medeiros chamava-se Joaquim Francisco de Assis Brasil, o aliado político de Júlio de Castilhos antes da Constituição de 1891. Assis Brasil liderou o grupo economicamente dominante na luta partidária da oposição ao PRR, porém somente em 1921 encontrou um campo propício para se estabelecer com maior intensidade, pois, com a crise econômica do pós-guerra, o PRR já não correspondia aos interesses econômicos locais.

O então presidente da federação, Arthur Bernardes, que governou entre os anos de 1922 e 1926, não apoiava o governo vigente no Estado gaúcho, porque na sua eleição presidencial o partido de Borges de Medeiros apoiara o adversário político de Bernardes, o candidato Nilo Peçanha; postura que foi adotada pelos governantes do estado do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco. Bernardes, quando assumiu o posto de presidente, “entendeu de liquidar as situações dos quatro estados”. Segundo o então governante federal, “o governo da república só é forte quando dispõe de apoio irrestrito de todas as situações dominantes nos Estados”.⁸³

Com os conflitos do início dos anos de 1920, esperava-se que Borges de Medeiros citasse outro candidato a presidente do Estado, porém ele apresentou-se para reeleição, aspirando ao quinto mandato, de 1923 a 1928. Este fator foi decisivo para a oposição mostrar-se insatisfeita com a política exercida no Rio Grande do Sul, mesmo sabendo que Borges somente se reelegeria se tivesse três quartos de votos de todo o eleitorado inscrito. Para o historiador Arthur Ferreira Filho, isso era impraticável, pois no máximo iam às

⁸² ANTONACCI, 1981, p. 11.

⁸³ FERREIRA FILHO, Arthur. **Revolução de 1923**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Departamento de Imprensa Oficial do Estado: 1973. p. 23.

urnas 70% do eleitorado inscrito, pois uns já eram falecidos, outros não iriam às urnas por precariedade de estradas, além de outros motivos.⁸⁴

Na região norte do Estado, mais precisamente o Planalto gaúcho, concentrava-se a maior parte do apoio republicano, com adesão da imprensa, de governantes e também com a formação de organizações republicanas, como o Clube Pinheiro Machado. A atuação dos partidários de Borges de Medeiros naquela região foi noticiada amplamente pelos periódicos da época, momentos que antecederam o conflito com as tropas.

A organização republicana no norte do Estado segue na imprensa local. No mês de novembro de 1922, há um convite à sociedade para uma comemoração em praça pública em homenagem à administração local:

Prepara-se entre o Partido Republicano uma manifestação cívica ao chefe local dr. Araújo Vergueiro, em regozijo ao segundo aniversário da administração actual.

Essa manifestação realizar-se-á no dia 14, porque a 15 haverá um espectáculo em comemoração à data e em homenagem ao aniversário do governo municipal.

Vão ser expedidos convites para o comício político à praça Mal. Floriano, em propaganda ao candidato republicano, dr. Borges de Medeiros.

Fallarão diversos oradores.⁸⁵

Durante a campanha partidária de Borges de Medeiros e de Assis Brasil, no final do ano de 1922, o jornal *A Época* segue relatando os acontecimentos que envolviam a cidade de Passo Fundo. De publicação semanal, o periódico preocupava-se em comunicar à população local as repercussões e as manifestações da campanha eleitoral. A maioria das propagandas era adepta da candidatura de Borges de Medeiros.

A fim de realizar uma conferência em propaganda da candidatura do dr. Borges de Medeiros a presidência do Rio Grande do Sul, chegou a esta cidade, sábado passado, o dr. Carlos Silveira Martins Leão, tendo anteontem, na Praça Marechal Floriano, se realizado o Comício defronte ao palacete do sr. Ivo Ferreira, comparecendo grande massa de povo que premia-se defronte e próximo a Pharmácia Serrano, tomando quase que completamente o trecho da praça compreendido na rua da independência.

Seriam 20:30 horas quando assomou à sacada do palacete o dr. Ney de Lima Costa que em rápidas palavras fez a apresentação do conferencista. Em seguida tomou a palavra o dr. Silveira Martins que iniciou seu discurso fazendo a apologia do movimento político rio-grandense, entrando logo na apreciação dos candidatos, drs. Borges de Medeiros e Assis Brasil.

Continuando, o orador analisou a acção política do dr. Assis Brasil desde a sua mocidade até a data presente, e enalteceu actuação política e administrativa do dr. Borges de Medeiros, desde a aurora da república.

O orador fez uma longa referencia a Carta Constitucional de 14 de julho, cujos princípios básicos provou com a leitura de trechos de livros de dr. Assis Brasil, terem sido pregados e defendidos por este ilustre patricio.

⁸⁴ FERREIRA FILHO, 1973, p. 24.

⁸⁵ Manifestação política. *A Época*. Passo Fundo, 9 de novembro de 1922. n. 91, p. 3. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

Referiu-se ainda a obra do patriarca Júlio de Castilhos, concitando seus ouvintes a cercarem fileiras para a sua defesa.

O orador era a cada instante interrompido pelos aplausos da assistência.

Foram erguidos muitos vivas ao Rio Grande do Sul, dr. Borges de Medeiros, memória de Júlio de Castilhos, Partido Republicano, dr. Vergueiro, e ao conferencista.

É de notar-se ordem observada durante o comício, o que muito recomenda nosso povo.⁸⁶

No mês seguinte, após as eleições de 25 de novembro, o periódico procurava esclarecer à população os acontecimentos e agitações das apurações dos votos. O candidato Assis Brasil, juntamente com seus aliados, preocupava-se com a conferência dos votos e com as possíveis fraudes. O jornal local relatou o seguinte episódio:

Continua despertando o interesse público, a apuração da eleição presidencial.

Na Assembléa Estadual foi constituída uma comissão constituída pelos drs. Ariosto Pinto, Vasconcellos Pinto e Getúlio Vargas, para o estudo dos documentos referentes a eleição devendo a mesma comissão apresentar parecer que será discutido com o plenário.

Contra essa resolução insurgiram-se os partidários do dr. Assis que desejam fiscalizar a apuração, reclamando um lugar na comissão organizada.

Essa divergência tem dado lugar a violentos discursos na Assembléa, tornando agitadas as sessões d'aquella casa.

Os procuradores do dr. Assis Brasil, drs. Rego Lins e Moraes Fernandes, lavraram um protesto pela exclusão dos assistidos da comissão apuradora, tendo enviado esse protesto ao Presidente da República.

Essas questões tem atrahido a curiosidade pública, mantendo-se intenso o interesse pelo conhecimento do resultado definitivo da apuração.⁸⁷

O apoio ao candidato Borges de Medeiros tornava-se evidente nas páginas do periódico, *A Época*. Na capa principal do jornal, dia 3 de novembro de 1922, dois dias anteriores a votação, há a descrição “Ao glorioso Partido Republicano de Passo Fundo”, centrando a página a fotografia de Borges de Medeiros, abaixo escrito “Para Presidente do Estado Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros”, encerrando com um trecho de citação da obra de Júlio de Castilhos.⁸⁸ Além desta propaganda eleitoral, nas demais páginas do jornal seguem outras, de menor veemência.

⁸⁶ Sucessão presidencial. *A Época*. Passo Fundo, 23 de novembro de 1922. n. 93, p. 5. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

⁸⁷ O pleito presidencial. *A Época*. Passo Fundo, 14 de dezembro de 1922. n. 95, p. 7. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

⁸⁸ Secção Livre. *A Época*. Passo Fundo, 23 de novembro de 1922. Anno II. p 1. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

Havia, também, propagandas e menções ao candidato Assis Brasil, com menor intensidade. Os eleitores e partidários oposicionistas estavam esperançosos durante os meses de apuração de votos. O mesmo periódico noticiou, no dia 28 de dezembro de 1922, o parecer de um cidadão engajado com a causa de Assis Brasil:

Telegramma recebido hoje nesta cidade, dá noticia da magnifica impressão causada nas rodas assistidas de Porto Alegre, pela carta do exmo. sr. dr. Arthur Bernardes, excusando se aceitar o cargo de arbitro no caso constitucional e político do Rio Grande do Sul.

Das entrelinhas dessa carta o eminente Presidente da Republica, com a energia e franqueza que lhe são peculiares, deixa transparecer, claramente, a possibilidade de ter que intervir neste Estado, não como arbitro, mas no exercício legitimo de suas funções constitucionaes, para impôr o respeito á lei e aos direitos dos rio-grandenses livres que, irrefragavelmente, nas urnas de 25 de Novembro, repudiaram a reeleição do dictador.

Pôde, pois, o candidato de si mesmo e seus incondicionaes partidarios continuarem a proclamar, a quatro ventos, a sua pretensa victoria, que vem sendo forjada mas trevas de uma apuração fraudulenta!

O resultado dessa apuração indecorosa não será a ultima palavra a proferir-se na causa da liberdade do Rio Grande, - admitindo, como está, pelos termos cathgoricos, inequívocos da luminosa carta presidencial, o poder superior que deverá julgar, em ultima instancia, o pleito de 25 de Novembro.

É, nestas condições... era um dia a ditadura! Abençoado seja o dr. Arthur Bernardes! Viva o dr. Assis Brasil!

P. Fundo, 28-12-1922.

Um oposicionista.⁹⁰

O grupo economicamente dominante e opositor ao governo de Borges esperou até o final da contagem dos votos, quando houve o anúncio da eleição do republicano ao quinto mandato como presidente do Estado, e, logo após, os líderes da oposição foram ao governo federal reivindicar medidas ao presidente Arthur Bernardes, no Rio de Janeiro.

A oposição manifestava-se com acusações de fraude, e não aceitava a reeleição do republicano para o quinto mandato. Os opositores afirmavam que revogariam a decisão e utilizariam meios para invalidá-lo. A situação foi agravada pelo não pronunciamento do governo federal a respeito da eleição do republicano, afirmando ser constitucional e que nada faria a respeito.

Após a contagem dos votos e a reeleição anunciada oficialmente, a insatisfação ganhou força, e, em 25 de janeiro de 1923, os federalistas e dissidentes “declaravam-se em rebelião contra o Governo do Estado”.

⁹⁰ O pleito estadual. **A Época**. Passo Fundo, 28 de dezembro de 1922. n. 98, p. 3. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

3.3 OS REFLEXOS DA REVOLUÇÃO ASSISISTA NA COLÔNIA QUATRO IRMÃOS

O historiador gaúcho Arthur Ferreira Filho⁹¹ publicou uma obra clássica, em 1973, referente à Revolução de 1923. Detalhado, o estudo apresenta os pormenores da disputa política em todo o Estado. Com o auxílio desta pesquisa, apresenta-se, nos parágrafos que seguem, os desfechos desta Revolução no Rio Grande do Sul e no norte do Estado.

Em janeiro de 1923, inicia-se a Revolta em forma de guerrilhas na região serrana do Rio Grande do Sul: Passo Fundo, Palmeira, Nonohay e Erechim. Logo depois, abrange todo o Estado. O governo do Rio Grande do Sul investiu nas tropas da Brigada Militar, aumentando o contingente, mas financeiramente os cofres do Estado estavam abalados, pois os pecuaristas, líderes da rebelião, negavam-se a pagar os impostos. Havia também reclamações de muitos produtores gaúchos para que o conflito político acabasse, e que o governo autorizasse a emissão de apólices para garantir a produção sulina, evitando mais prejuízos.

O conflito civil que se estabeleceu no Estado do Rio Grande do Sul aponta como fato central os anos de centralismo político do PRR e a inconformidade com a Constituição de 1891 de Júlio de Castilhos. Soma-se o conflito não resolvido de 1893/95, na Revolução Federalista, quando os ressentimentos ideológicos continuavam aflorados, mesmo com o fim da guerra civil, que foi a mais violenta e cruel que a sociedade gaúcha já havia presenciado. Os rancores desta Revolução permaneciam, pois, mesmo com o final da guerra, nada teria mudado para os revolucionários, muitos investiram na Revolução de 1923, esperançosos de que haveria uma mudança, que anteriormente não houvera.

Voluntários juntavam-se às fileiras do recrutamento pessoal. Constituíam-se em homens da campanha pastoril e uns poucos das cidades, que queriam garantir seu lugar no conflito, além do recrutamento forçado, que também ocorreu nesse período; não havia limite ao número de combatentes, todos os desejosos eram recrutados. Constantemente ocorreu o envio de pessoas ao combate por fazendeiros, que ansiavam representar seu partido: eram filhos, peões ou agregados que estivessem disponíveis a lutar.

Nestes casos de guerra civil, tornava-se difícil saber de que lado os combatentes estavam, pois a maioria da população gaúcha não tinha ligação partidária. A política e a

⁹¹ FERREIRA FILHO, 1973.

informação ainda eram pouco difundidas entre a sociedade do Rio Grande do Sul, com isso apenas alguns letrados aderiram à causa por sua essência.

O governo contava com a Brigada Militar do Estado, suas Brigadas Provisórias e Corpos Provisórios, além de garantir aos combatentes o fardamento e as melhores armas. Oferecia remuneração e uma pensão à família, caso o combatente viesse a falecer em batalha. Já o abastecimento às tropas dos revolucionários era precário, devido à grande distância percorrida e às más condições das estradas, pois as tropas permanecerem em constante movimento dentro do Rio Grande do Sul.

Os saques tornaram-se contínuos, os cavalos e bois eram os maiores alvos. As tropas recebiam produtos básicos, como café, açúcar, farinha quando dominavam as cidades e também as ferrovias. Caso contrário, o alimento era churrasco e chimarrão.

O auxílio aos revolucionários vinha de fora do Rio Grande do Sul, dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Santa Catarina, onde havia comitês de auxílio: “construíram um Centro secreto para recolher dinheiro, comprar armas e munições, que eram levadas às colunas revolucionárias”.⁹²

Os revolucionários tinham como objetivo ameaçar o governante Borges de Medeiros, para que ele deixasse o governo; vendo que isso não era possível, os federalistas espalharam-se pelo interior, visando a chamar a atenção do governo federal, na pessoa de Arthur Bernardes. Os revoltosos não tinham pretensão de lutar contra as forças republicanas, devido ao poderio militar ser bem superior e haver um número maior de combatentes no exército do governo estadual.

Nos dez meses de sua duração, não se registrou um só combate decisivo. Foram lutas dispersas pelas campanhas rio-grandenses, correrias e tiroteios, sem que se assinalasse o encontro de forças consideráveis em autêntico encarniçamento de duas vontades opostas. Os rebeldes, a princípio, esperavam a intervenção de Bernardes a seu favor, e quando essa esperança se desvaneceu, adotaram a estratégia de ganhar tempo até que se apresentasse a oportunidade de uma paz honrosa.⁹³

A região de Quatro Irmãos, próxima das cidades de Passo Fundo e Erechim, foi local de grande passagem e hospedagem das tropas em conflito, que se concentravam nas regiões de agropecuária, pois poderiam se alimentar e descansar com maior seguridade. Nada podiam fazer os colonos: o exército matava o gado, saqueava o que necessitasse e mantinha-se no território ou próximo dele, por quanto tempo fosse necessário.

⁹² ANTONACCI, 1981, p. 100.

⁹³ FERREIRA FILHO, 1965, pp. 166-167.

Para Marcos Feldman, a grande concentração de tropas no território de Quatro Irmãos teria acontecido porque a Colônia constituía-se em um “bom lugar para as pessoas mal intencionadas se esconderem”.⁹⁴ O território ficava perto da ferrovia São Paulo – Rio Grande, e da Rio de Janeiro – Montevideu, sendo passagem obrigatória para o norte do Estado.

Feldman⁹⁵ expõe que em fevereiro, um mês após o início do conflito, já era possível apontar os revolucionários nas terras de Quatro Irmãos. Segundo ele, estes foram os responsáveis por danificar a estrada de ferro, que demorou três semanas para voltar a funcionar. Esta estrada era a principal via de comunicação e de transporte de mercadorias da Colônia. O autor identifica que foi esta mesma estrada que veio a acabar com Quatro Irmãos, sendo ela de grande movimentação entre as tropas estaduais e as revolucionárias, além de seu ponto de encontro.

No dia 12 deste mesmo mês, fevereiro, há uma carta da administração da JCA no Brasil enviada a Paris relatando os problemas políticos do Rio Grande do Sul, em decorrência da eleição de Borges de Medeiros. O objetivo da JCA era organizar uma política própria evitando sofrer com a revolta que se ameaça instaurar.⁹⁶

Isabel Gritti⁹⁷ traz, em sua obra, correspondências da JCA, informando a situação da colônia de Quatro Irmãos durante a Revolução de 1923. Segundo a autora, a Companhia contatou o consulado britânico em Porto Alegre, sem obter resultados imediatos. Os contatos foram puramente diplomáticos. Os ingleses reivindicaram ao Estado que este havia garantido proteção aos colonos. A JCA, representada pelos diretores Marcos Pereira e David Proushan, tentou tomar providências junto ao governo do Estado diante dos acontecimentos, certa de que ele defenderia a região.

No mês de abril de 1923, ocorreu um embate entre as tropas revolucionárias e as republicanas, invadindo Quatro Irmãos e tornando a situação ainda mais desesperadora, com a morte de dois imigrantes alemães e ferindo dois gravemente, acontecimentos ocorridos em Erebangó, colônia vizinha.

A administração da JCA no Brasil atuou para proteger a Colônia dos ataques e embates ocorridos durante todo o ano de 1923. Em suas correspondências a Paris, informava e ao mesmo tempo intercedia à sede da Companhia para que auxiliasse para

⁹⁴ FELDMAN, 2003, p. 276.

⁹⁵ FELDMAN, 2003.

⁹⁶ Microfilmes da JCA. Nº. 1B. Localização 498 a 502. Documento: Carta para Paris nº. 755. Data: 12/02/1923. Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Porto Alegre/RS. Sem catalogação.

⁹⁷ GRITTI, 1997.

resolver o grande problema que Quatro Irmãos enfrentava com o episódio revolucionário do sul do Brasil.

A venda dos lotes, ocorrida devido aos conflitos políticos que sobressaltavam a Colônia, iniciava-se em abril daquele ano. Durante este mês, quatro cartas da JCA foram endereçadas à sede da Companhia, relatando os estragos causados pelo estabelecimento das tropas revolucionárias e governistas na região. Segundo a documentação, alguns colonos judeus haviam abandonado suas terras, buscando refúgio e segurança nas cidades próximas. No mês seguinte, a carta endereçada a Paris relatava as atuações das tropas revolucionárias na região.

Contudo, a Companhia procurou manter-se neutra em relação ao temor que se instaurou em Quatro Irmãos, mesmo após ser acusada, pelos revolucionários, de contribuir para a entrada de tropas do governo enquanto os assistidas estavam no território.⁹⁸ Devido ao fato, um dos administradores da JCA, o Sr. Mosberg, foi preso.

A situação da Colônia agravava-se, pois, além da insegurança familiar, o comércio, as plantações e as indústrias permaneciam parados. Em junho, com a sede da JCA estabelecida em Passo Fundo, a Companhia intercedeu para que fossem concedidos créditos para ajudar financeiramente os colonos, pois a transferência da administração da JCA também ocorreu devido às constantes ameaças e ao clima belicoso de Quatro Irmãos.

A movimentação dos administradores da JCA era constante. Após o aprisionamento do sr. Mosberg, a Companhia fixou-se em Passo Fundo; o sr. Marcos Pereira viajou a Porto Alegre e o sr. David Proushan foi a Erebangó. Segundo alguns colonos, era na sede do 4º Distrito que os judeus se abrigaram, nos tempos dos confrontos armados, tendo nesta localidade casas de comércio, telefone, agência de correios, além de alguns hotéis e restaurantes. Erebangó constituía-se no ponto inicial do ramal férreo construído pela JCA para Quatro Irmãos.⁹⁹ A viagem do administrador Marcos Pereira teve como objetivo providenciar novos vagões para substituir os prejudicados pela ação dos combates na região, pois este foi mais um dos estragos ocorridos durante o conflito.

A plantação de trigo não ocorreu em tempo hábil naquele ano, pois os colonos não conseguiram semear o produto, devido aos constantes deslocamentos das tropas na

⁹⁸ Microfilmes da JCA. Nº. 1B. Localização 544. Documento: Telegrama para Paris. Data: 03/04/1923. Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Porto Alegre/RS. Sem catalogação

⁹⁹ KARNAL, Oscar da Costa. **Subsídios para a história do município de Erechim**: Bôa Vista de Erechim, julho, 1926. Porto Alegre: Globo, 1926, p. 64.

região. Também em 1923, o valor da produção do município de Erechim, a que Quatro Irmãos pertencia, foi quatro vezes inferior ao registrado no ano seguinte, sem haver exportação dos produtos.¹⁰⁰ Tais acontecimentos estenderam-se, com menor intensidade, por toda a década de 1920, e os transtornos ocorridos na Colônia afetaram o cotidiano da população que residia na localidade, pois anteriormente consideravam seus lares seguros.

Os colonos reivindicavam à JCA, de forma constante, a revisão de contrato. A intenção da Companhia era que os judeus voltassem a se estabelecer em seus lotes, acreditando que a revolta estava por findar. Porém, grandes foram os prejuízos dos imigrantes. A opção de muitos foi ficar nas cidades e trabalhar em outro ramo comercial. Abaixo, os documentos da JCA, com a lista dos prejuízos causados com a Revolução de 1923:

¹⁰⁰ KARNAL, 1926, p. 40.

12 juin 1923

766

JEWISH COLONIZATION ASSOCIATION

PARIS

Messieurs,

Nous avons l'honneur de vous confirmer notre dernière lettre N°765 et de vous accuser réception des vôtres N°617 (copie) N°618 et N°619 des 15 mars, 5 avril et 1 mai.

VOTRE LETTRE N°617

Mendel Venzstein.

Nous en avons pris bonne note

Contrats modifiés.

Contrat Tabochniansky. Quatre années étant déjà passées nous avons marqué le chiffre de 22 000, qui est celui du paiement en 16 ans complétant ainsi les 20 ans du contrat.

Contrat Raskin. Nous avons été amené à lui faire payer 250 000 les premiers 10 ans ^{il doit} dans ce période de temps liquider le paiement de son inventaire et la valeur locative de la terre soit 168 000 pour l'inventaire (1:179 000 : 7) plus la valeur locative de 86 hecta. - 86 000 qui forment un total de 254 000. Nous l'avons donc réduit à 250 000. Nous prenons ~~bien~~ cependant bonne note pour l'avenir de vos justes observations.

Contrat Charchad. Une erreur d'inattention nous a fait prendre le taux de 4% au lieu de 5%. Nous vous prions de nous en excuser. Nous ferons la correction nécessaire.

CORRESPONDANT M. PHILIPSON.

-2-

Meier Drug.-L'affaire est déjà réglée (voir votre lettre 619). Quant au lot 37 il a été vendu à M. Brillman. Drug a reçu à sa place le lot 88 (voir notre lettre 735 p.6 et 742 p. 2.-

ECHANGE DES TELEGRAMMES.-

Ronal.-Concernant les roues nous vous avons déjà écrit par notre lettre 757 p. 3 que le chef de Mouvement de la Viação nous a dit qu'il croyait que nos wagons circuleront déjà bien par toute la ligne. Nous venons à présent de recevoir les premiers 5 wagons à titre d'essai. S'ils marcheront bien, ce qu'il a lieu de croire, nous recevront le restant.- La question de nouvelles roues reste donc en suspens jusqu'à ce que nous puissions constater la bonne marche de nos wagons sur tout le réseau.

VOTRE 318 .-

M. Froushan.-Il vous a donné les détails par lettre confidentielle du 22 Mars.-

Echanges télégrammes.- Connaissance roue.-Comme nous n'avons pas reçu de votre télégramme du 26 Février nous n'avons pas encore expédié le connaissance. Nous écrivons à M. Campbell de vous l'envoyer par premier courrier .-

VOTRE 619

Embranchement.-M. Pereira de son retour de Sud ^{son voyage au} Etat a eu l'occasion de vérifier que tous nos wagons sont actuellement en bonne ordre de marche.-

Evénements politiques.-Nous sommes en train à présent de préparer un tableau exact de dommages subis par notre Colonie. Nous vous le ferons parvenir aussitôt qu'il sera prêt.-

Assurance ouvrière.-Nous avons assuré tous nos employés et ouvriers qui selon la loi doivent être couverts par nous contre les risques d'accidents du travail. Nous payons sur la somme assurée. La po-

-3-

lice a été établie comme suite :

	Nombre d'employés	Somme Assurée
Ouvriers du Ramal en service interieurs ou extérieurs, charge- ments et déchargements	10	Rs. 16:600\$000
Charpentiers qui travaillent à la propriété	2	" 2:400\$000
Arpenteurs et autres ouvriers qui travaillent au matto ou construction et conservation des routes..	10	" 14:600\$000
Personnel des Administrations et peons dans les 2 colonies.	8	" 16:400\$000
Total	<u>30</u>	Rs. <u>50:000\$0 0</u>
Prime 2% sur Rs.50:000\$000.....		Rs.1:000\$000
Impôt et frais timbres.....		" 14\$000
		<u>Rs.1:014\$000</u>

Une partie du premier chapitre sera remboursée par les chargeurs de bois au pro rata de wagons chargés.-

Voyage M. Frouhan à Philippson.- Cette visite était faite par M. Frouhan uniquement pour se mettre au courant des affaires administratives et connaître personnellement les colons. Il n'a pas eu par conséquent le temps nécessaire pour faire une étude profonde de la Colonie. Il espère pouvoir vous présenter un rapport après la deuxième visite.-

Crédit chevaux, voiture, vaisselle et mobilier.- Nous vous remercions pour le crédit accordé.-

Veuillez agréer, Messieurs, l'expression de nos sentiments les plus dévoués.

Logo após, o governo do Estado ofereceu proteção à região, fornecendo materiais para as tropas republicanas e animais para as colônias. Como a região era baseada na agropecuária, as tropas poderiam lá permanecer sem risco de passar fome, pois estariam bem alimentados nas pequenas áreas de cultivo e de criação de gado.

Segundo dados de Feldman¹⁰¹, no mínimo doze vacas, dois cavalos e uma mula foram saqueadas, não obtendo indenização. Porém, quando as forças republicanas deixaram Quatro Irmãos, logo os revolucionários de Assis Brasil lá se estabeleceram. E, assim como as tropas do Estado, que lá haviam permanecido sem pagar pelos produtos utilizados e pela alimentação consumida, assim também agiram os assisistas. Contabilizando as perdas de janeiro a agosto de 1923, “mais de 120 cavalos, 520 vacas (mais de 20% do que havia em toda a Colônia), 36 bois, 360 sacas de cereais, uma quantidade de feijão, mandioca e galinha foram tomados”.¹⁰²

A JCA enviou a Paris uma listagem dos colonos prejudicados com a Revolução de 1923:

¹⁰¹ FELDMAN, 2003, p. 277.

¹⁰² Idem, *ibidem*.

Ad. N° 769

LISTE DES REQUISITIONS FAITES PAR LES FORCES DU GOUVERNEMENT
 KAZAN LE 26 ET 27 AVRIL, 1923, - "QUATRO IRMAOS"

De	Joschpe Gregorio	--	1 vache
"	Marmelstein Salamao	--	1 "
"	Meinick Jaime	--	2 "
"	Golodny Uscher	--	2 "
"	Ragelstein Marcos	--	2 "
"	Cheper Nachman	--	3 "
"	Mosberg Adolfo	--	1 "
"	la Administration	--	2 chevaux
"	id.		1 mulet
"	id.		1 onbriole (rendu)

Ad. 79

MOUVEMENT COLONS QUATRO IRMAOS A 25/7/23.

A PASSO FUNDO

- 1.-Biram Isaac
- 2.-Baruch Hugo
- 3.-Barenstein Isidoro
- 4.-Bronstein Joel
- 5.-Birman Pedro
- 6.-Fuhrman Sisse
- 7.-Feiguenbaum David
- 8.-Kozminsky Moses
- 9.-Lechtam Mauricio
- 10.-Milman José
- 11.-Rachthaler Jaime
- 12.-Schwartsman Schabse
- 13.- id. Zelman
- 14.-Strimbaum Hersch
- 15.-Tabaschniansky Naum
- 16.-Joschpe Gregorio

SUR LEUR LOT

- 1.-Agranionick Abram
- 2.- id. Leao
- 3.-Berezniaok Nute
- 4.-Feldman Boris
- 5.-Feller Jacobo
- 6.-Fischman Efraim
- 7.-Golodny Ascher
- 8.-Kotlerenco Samuel
- 9.-Melnick Jaime
- 10.-Nagelstein Marcos
- 11.-Tabaschniansky Leao

A ERMBANGO

- 1.-Brochman Velco
- 2.-Mermelstein Salamão
- 3.-Moskovits David
- 4.-Pereira Isaac
- 5.-Sorcdsky Zeida
- 6.-Weinstein Isaac

AUX AUTRES VILLES

- 1.-Faerman Abram
- 2.-Gluck Hersch
- 3.-Pustilnick Isaac
- 4.-eltser Boris

GROUPÉS AU VILLAGE Q-IRMACS

- 1.-Charohad Gregorio
- 2.-Chaper Nachman
- 3.-Chodkys Moische
- 4.-Feldman Isalac
- 5.-Kozminsky José
- 6.-Lavinsky Gregorio
- 7.-Litvin Wolf
- 8.-Matune Zelman
- 9.-Rabin Mendel
- 10.-Rasquin Abram
- 12.- id. Boris
- 13.-Stiefelman Hersch
- 14.-Tabaschnick Mayer
- 15.-Weinstein Motel
- 16.-Zats José

ad 769
LISTE DES DEGATS FAITS PAR LES SEDITIEUX DE 15/6 AU 1/8/1923.-

COLONIE "QUATRO IRMAOS " (Continuation)

Nom de Colon	Chevaux	Vaches	Taureau ou Boeuf	Sacs de Maiz	Divers objets requisitionnés
1.-Agranionok L.		1			
2.-Beruch H.	2				
3.-Bronstein J.	1	2		10	Vêtements,harnachement
4.-Brochmann W.			1		
5.-Charohad G.	1	1			
6.-Chotkys M.		4		15	
7.-Feldman I.	1				
8.-Fuhrman Z.	1			20	
9.-Fischman E.		2			
10.-Feerman N.		3		5	
11.- id. A.		6			
12.-Golodny A.				40	
13.-Henkin H.		2			
14.-Kuzminsky J.				10	
15.- id. M.		3			
16.-Lavinsky G.		2			
17.-Lechtaman M.	2	4			
18.-Litwin W.		1			4 sacs manioc
19.-Matuse Z.	2	1		30	
20.-Moskovitz D.	3	6			id. arachides
21.-Helnick J.		3	2		
22.-Nagelstein M.		7			15 id. manioc
23.-Nabin M.		4			Vêtements,vaisselle,
24.-Rackin B.		6			poules,12 caisses abeilles.
25.-Rachhuler J.		1			
26.-Stiefelman G.	1	7			
27.-Schwartzman S.	1	1		10	Tous ses vêtements
28.- id. Z.	1		9		id.,bijoux,300\$000.
29.-Schrier I.	4				Vêtements,vaisselle et
30.-Taboschniansky N.		5			4 sacs feijao.
31.- id. L.		14			
32.-Tabachnick M.	1	8		2	
33.-Wainstein M.		4			
34.-Zeltzer B.		6		40	Vêtements
35.-Zatz J.		4		8	Nippes
36.-Administration	1	10			
37.-Non identifié		22			
Total	22 "	141 "	12 "	190 "	
Total à 1/8/23	61 "	260 "	18 "	190 "	plus 24 hs. maiz.

Somados a isso, os revolucionários confiscaram a locomotiva de Quatro Irmãos, impedindo o transporte e o embarque de erva-mate e madeira. Tanto foram os prejuízos humanos e privados, que, das quarenta e cinco famílias residentes na colônia, vinte e seis abandonaram suas residências, indo se estabelecer nas cidades de Passo Fundo. Samuel Chwartzmann relata que “os prejuízos com a revolução ficaram em alguns roubos de cavalos ou cabeças de gado”.¹⁰³

No mês de agosto de 1923, as tropas revolucionárias invadiram e estabeleceram o controle do município de Paiol Grande, hoje Erechim. Já no mês seguinte, voltaram a Quatro Irmãos, então distrito desta cidade. Lá, cobravam taxas e impostos, que antes eram encaminhados ao governo estadual, tudo isso ocorrendo de forma violenta, tanto com os imigrantes, quanto com os brasileiros.

Os diretores da JCA tentavam administrar as questões de forma diplomática, tanto com os republicanos quanto com os assististas, voltando a reivindicar auxílio inglês para que a Colônia não fracassasse. A Companhia recebeu o apoio do advogado de Passo Fundo, Herculano Araújo Annes, que responsabilizou Borges de Medeiros pelo ocorrido, afirmando que o governante haveria de exigir a interferência do governo federal no conflito, para que “garantissem aos brasileiros e residentes estrangeiros direitos invioláveis de liberdade e segurança individual e de propriedade”.¹⁰⁴

Segundo monografia municipal de Erechim, Quatro Irmãos sofrera durante o ano de 1923, mas constituía-se em uma colônia próspera:

No 4º districto. Lugar dos combates de 24 de Abril a 13 de Setembro de 1923, entre as forças leaes e revolucionarias. Povoado agrícola, colonizado [sic] pela “Jewish Colonisation Association” que muito o tem desenvolvido. Neste povoado estão os melhores campos do município, sua zona pastoril.¹⁰⁵

A sede da JCA era em Londres, porém há mais de trinta anos a Companhia era declarada uma instituição judia e não britânica. Mesmo assim, suas reivindicações foram aceitas e o embaixador inglês intercedeu pela Colônia ao governo federal. Logo, Quatro Irmãos contava com dois destacamentos de infantaria federal e esta área foi declarada *Zona Neutra*, onde nenhuma tropa poderia entrar.¹⁰⁶

Aparentemente, Erechim estava livre dos revolucionários, assim como Quatro Irmãos, que contava com dezoito famílias. Erechim estava livre de tropas, até que “o

¹⁰³ CHWARTZMANN, 2005, p. 74.

¹⁰⁴ FELDMAN, 2003, p. 278.

¹⁰⁵ KARNAL, 1926, p. 72.

¹⁰⁶ FELDMAN, 2003, p. 280. GRITTI, 1997, p. 68.

Coronel Favorino Pinto, com um grupo de quarenta e quatro bandidos, atacou Quatro Irmãos”. Desta vez, um funcionário da JCA foi ameaçado de morte, colonos tiveram de pagar indenizações para não morrer, além de um judeu ter sido ameaçado de morte e sua barba cortada pelos revoltosos.

Os responsáveis por estes atos cobraram uma quantia em dinheiro da JCA, o que foi negociado após a Companhia se identificar como uma colônia filantrópica. Após, recuperaram dois colonos que estavam de reféns e, outro, um judeu russo de sessenta anos, não foi localizado. Agregado a isso, ocorreu “uma explosão de pólvora que feriu gravemente três crianças”.¹⁰⁷

O advogado Annes, de Passo Fundo, juntamente com a JCA, enviaram ao governo federal reivindicações de reembolso das perdas sofridas com a Revolução, porém não houve indenizações.

Nesse período, Borges de Medeiros havia realizado algumas concessões: “concordando na reforma parcial da Carta de 14 de julho no sentido de ficarem proibidas as reeleições do presidente do Estado e dos intendentos municipais”.¹⁰⁸ Atitude que possibilitava, aos poucos, o caminho para a pacificação do Rio Grande do Sul e o término dos embates.

As propostas de Arthur Bernardes constituíam-se na realização de novas eleições, com fiscalização federal, e a revisão da Constituição de 1891, porém o republicano exerceria seu governo normalmente até 1928. A proposta foi aceita por Borges de Medeiros e Assis Brasil e, em dezembro de 1923, foi assinado o Pacto de Pedras Altas em Pelotas/RS pondo fim a Revolução Assisista.

3. 4 AS CONSEQUÊNCIAS DO CONFLITO NA COLÔNIA JUDAICA

As adversidades enfrentadas pelos imigrantes na Colônia de Quatro Irmãos com a Revolução Assisista não terminaram com a paz decretada no final de 1923, no *Pacto de Pedras Altas*. Ao longo desta década, persistiram as invasões de bandoleiros nos núcleos urbanos e rurais, que viram neste conflito possibilidades de perambularem nessas regiões, confundindo-se com integrantes de tropas revolucionárias. Indivíduos sozinhos ou em

¹⁰⁷ FELDMAN, 2003. GRITTI, 1997.

¹⁰⁸ FERREIRA FILHO, 1965, p. 166.

pequenos grupos continuaram a realizar saques e a arruinar a infraestrutura das localidades onde permaneciam.¹⁰⁹

Considera-se que a Revolução de 1923 deu início a uma década de muitas dificuldades enfrentadas pela Colônia. No ano seguinte, a *Marcha da Coluna Prestes* avançava pelo interior do Estado. O movimento militar foi liderado pelo capitão Luís Carlos Prestes, o objetivo era desencadear levantes em todo o território do Brasil para depor o presidente Arthur Bernardes. A *Marcha* incorporou muitos adeptos enquanto permaneciam concentrados na cidade de São Luís Gonzaga, RS/BS.

No Sul, a conspiração tenentista contara com o apoio da oposição consolidada em 1922-3, pela unificação de maragatos, assististas e republicanos dissidentes, desgostosos com o comportamento de Arthur Bernardes, que não interviria no Rio Grande do Sul. Esperava-se que a deposição do presidente ensejasse a deposição de Borges de Medeiros [...]. Imediatamente, caudilhos maragatos e assististas do Planalto, acompanhados de gaúchos armados, incorporaram-se aos militares rebeldes.¹¹⁰

Os maragatos comandavam as tropas devido à experiência, visto que eles realizaram os dois últimos entraves no Rio Grande do Sul: a Revolução Federalista e a Assisista. O esquema tático foi mantido: “divisão das tropas em grupos de cinco a oito combatentes, que acampavam, se alimentavam, se aprovisionavam de cavalos e combatiam solitários”.¹¹¹ Com seguidos ataques das tropas federais, a *Marcha* dividiu-se em sete colunas guerrilheiras móveis e autossuficientes; em fuga, algumas tropas concentraram-se no norte do Estado, mas logo seguiram a São Paulo.

Simultaneamente, muitos dos “agricultores, caboclos, ervateiros, peões e pobres da região” que formavam o grupo combatente da *Coluna Prestes*, abandonaram a luta. Alguns voltaram para casa, outros ficaram pelo caminho, mantendo-se como podiam: saques, acampamentos, invasões de propriedades.

Feldman afirma que mais intenso do que a Revolução Assisista, em 1923, foi a *Coluna Prestes*, em 1924, que causou grandes estragos para a região de Quatro Irmãos.¹¹² Na sua obra, constam depoimentos na íntegra de judeus prestados à delegacia, relatando os grandes prejuízos que tiveram e o clima de intensa instabilidade que os deixou

¹⁰⁹ A pesquisadora Ieda Gutfreind desenvolve algumas dessas questões referente à saída dos judeus da colônia de Quatro Irmãos na obra ainda não publicada “Comunidades Judaicas no interior do RS: Passo Fundo e Erechim”. No projeto atuei como Bolsista de Iniciação Científica (2007-2010).

¹¹⁰ MAESTRI, Mário. **Breve História do Rio Grande do Sul: da Pré-História aos dias atuais**. Passo Fundo: EUPF, 2010, pp. 306-307.

¹¹¹ MAESTRI, 2010, p. 307.

¹¹² FELDMAN, 2003, p. 284.

inseguros. Após uma década de investimentos e trabalho no núcleo de Quatro Irmãos, a JCA fundou no Uruguai a colônia *19 de abril*, formada por judeus que saíram de Quatro Irmãos. A nova Colônia ficava perto da cidade de Paissandu. A decisão para a fundação foi tomada em dezembro de 1924, pois a JCA relatou ao jornal judaico *Dos Idiche Vochenblat* (O Semanário Israelita) que a situação na colônia ficava mais difícil após a retirada do exército.¹¹³

Mais soluções já haviam sido tomadas no final do ano de 1923, depois de inúmeras tentativas de negociação com o governo do estado do Rio Grande do Sul, do Brasil e também da Inglaterra, a JCA desejava organizar a Colônia judaica. A opção da Companhia foi contratar o rabino Isaías Raffalovich, que possuía experiência no trabalho com imigrantes, no intuito de dar prosseguimento ao projeto agrário no Brasil. Raffalovich atuou como representante oficial da Companhia no Brasil, assessorando na administração e na constituição de novas instituições comunitárias no país, fornecendo ao imigrante a possibilidade de manter a cultura judaica trazida do território de origem.

Raffalovitch trabalhou na recuperação das colônias da JCA, para proporcionar segurança aos moradores de Quatro Irmãos, porém durante alguns anos a insegurança predominou a região. Em consecutivas viagens pelo país, o rabino procurou estabelecer relações diplomáticas entre os governos regional, nacional e internacional para auxiliar as colônias judaicas.¹¹⁴

Seguindo o processo de organização da colônia de Quatro Irmãos, o Dr. Davi Sevi, inspetor da JCA, trabalhou durante todo ano de 1924 na reestruturação dos núcleos agrícolas dos imigrantes. Após sua atuação no Rio Grande do Sul, Sevi voltou à sua residência em Buenos Aires; o jornal local, *O Nacional*, traz uma nota em agradecimento ao inspetor:

Mais de um ano passou [Davi Sevi] entre nós, no vizinho município de Erechim activamente trabalhando na reorganização da Colônia Quatro Irmãos. No desempenho de sua árdua missão lutou contra toda a espécie de obstáculos salientando-se entre eles o últimos movimento revolucionário, rematado pelo conhecido assalto á Colônia, sofrendo na ocasião até agressões pessoaes. Infatigável, perseverante S.S. soube dar inegavelmente nova vida á Colônia de Quatro Irmãos.¹¹⁵

¹¹³ FALBEL, 2008, pp. 184-185.

¹¹⁴ GUTFREIND, Ieda; SCHNEIDER, Diéle de Souza. As viagens de Isaías Raffalovich e a construção da identidade judaica dos israelitas brasileiros. **Anais do VIII Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos**. História, Literatura e Mito: viajantes europeus na América do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2011.

¹¹⁵ Dr. Davi Sevi. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 21 de novembro de 1925, n. 45, p. 3. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

Após a atuação de Raffalovich e de Davi Sevi, a JCA investe em duas novas colônias agrícolas, estabelecendo-as nas grandes extensões de terras de Quatro Irmãos, dividindo-as nos núcleos de Barão Hirsch e Baronesa Clara. No ano de 1926, chegaram ao Brasil trinta famílias da Lituânia e Polônia para formar o núcleo de Barão Hirsch. Para a colônia Baronesa Clara vieram trinta e cinco famílias europeias, atraídas pela propaganda do representante da JCA, Gregório Ioschpe. Estes imigrantes viveram no período em que algumas terras tinham sido vendidas a não-judeus, que povoavam a região gradativamente.

A nova colonização animou a Companhia, pois os índices de produtividade eram excelentes, comparados aos anos anteriores. Na segunda colônia nova, Baronesa Clara, os colonos formaram uma cooperativa de agricultores, pois obtiveram grandes lucros com a safra de 1928, o que possibilitou o empreendimento.¹¹⁶

Neste ano, há notícias no jornal local *O Nacional*, sobre o desenvolvimento econômico da Colônia de Quatro Irmãos.

Damos abaixo alguns dados que conseguimos obter sobre a Colonia de Quatro Irmãos de propriedade da Jewish Conization Association ora com franco surto de prosperidade.

População: A colonia é já povoada com cerca de 3.100 almas, assim distribuidas: 197 colonos israelitas, 209 colonos italianos e alemães, a50 arrendatarios de campo, 15 commerciantes e 50 famílias de trabalhadores diaristas operários etc. Os 106 colonos estão localizados em 16.386 hectares de matto e 4500 hect. De campo.

Agricultura: É prospero o desenvolvimento agrícola da colônia. Para mostrá-lo, basta ver-se o movimento de 1927 que é o seguinte:

Trigo: cultivado em 470 hectares, produziu 7.00 sacos, com 420.000 kilos.

Milho: cultivado em... 2050 hectares, produziu 50.000 saccos 3.000.000 kilos.

Mandioca: cultivada em 105 hectares produziu 5.000 saccos com 2.500.000 kilos de farinha

Amendoim: cultivado em 60 hectares; com 1.500 saccos, com a 37.500 kilos.

Feijão: cultivado em 150 hectares; produziu 3.000 saccos com **180.000 kilos**.

Batata Ingleza, batata doce e lentilhas: cultivados em 180 hectares, produziu 1.800 saccos, com 90.000 kilos.

Há tambem boa produção de mel, avicultura e leitaria que produziram 962.000\$000.

No corrente anno a produção agrícola, segundo todos os cálculos será bastante aumentada principalmente a de trigo e amendoim, ao que se deduz das plantações serão duplicadas.

O cultivo do arroz está sendo experimentado com excelentes resultados.

Industria Pastoral: A criação de gado e suínos tem-se incrementado bastante, dado no anno em referencia, um lucro de 500 contos.

Industrias: Existem na Colonia de Quatro Irmãos um moinho de Herva mate, e atafonas para mandioca e 10 serrarias, estando em construção mais uma atafona,, um moinho par farinha e uma fabrica de azeite de amendoim. Todos trabalham com força hidraulica.

Colonização: A Jewish continua a sua colonização, procurando seleccionar o elemento colonizador, dando as mais amplas facilidades para a aquisição de

¹¹⁶ FALBEL, 2008, p. 187.

terras. Contribue tambem para a fundação de escolas e de igrejas, existindo já na colonia 4 escolas e 7 igrejas, sendo estas ultimas das religiões israelita, catholica e protestante.

Nas escolas segue-se o programma das escolas publicas do Gobierno.

Vê-se pois, que uma nova vida agita-se na Colonia de Quatro Irmãos que ainda há de vir a ser servida como é por um ramal ferroviário próprio, um dos grandes centros produtores do Estado.¹¹⁷

Mesmo com os investimentos da JCA na Colônia de Quatro Irmãos e o considerado “surto de prosperidade”, encontra-se nos periódicos locais a contínua atuação de bandoleiros na região. Em 1928 há uma nota *Situação Anormal em Quatro Irmãos*:

Ultimamente, de um mez e meio para cá, têm se registrado em Q. Irmãos diversos e estranhos attentados a pessoa e bens de seus moradores. No mez passado, ao regressar para sua residência em companhia de uma filha, foi agredida na estrada, por indivíduos á cavallo e espancado o colono Leon Tabachanki. Dias depois o colono Jacob Hockstein sofreu idêntica e bárbara agressão.

No dia 4 do mez p. p., diversos indivíduos armados de fusil e facões ameaçaram a família do colono Miguel Glock em sua própria casa.

Em 10 do p. findo, o colono Ignacio Mermestein, ao regressar da igreja para sua casa, foi tambem atacado por dois salteadores emboscados no matto e estupidamente espancado, espesinhado por patas de cavallo, ficando com o hombro direito deslocado. Os colonos Jayme Fligel e Isaac Raski, á noite, também ao regressarem ao lar, tiveram idêntica agressão desses bandidos.

De todos esses factos foram lavrados autos de corpo delicto ao que nos informaram.

Disse-nos quem nos deu essas informações que os próprios trens do ramal férreo da Jewish tem sido alvejados, sendo que uma noite foi obstruída a linha com o fim de sinistrar o comboio.

Os furtos de animaes dos colonos são diários. Indivíduos armados a percorrer a Fazenda espalhando o terror e a insegurança.

Em vista desses factos de selvajaria e banditismo mais desenfreado, determinou o dr. Embargador chefe de Policia ao dr. Prado Sampaio, Sub-Chefe de Policia desta região que investigasse sobre o assumpto, aconselhando as medidas repressivas necessárias.

Soubemos que o inquérito foi terminado, sendo os autos remetidos á chefatura de Policia em Porto Alegre.¹¹⁸

A situação de instabilidade ameaçava constantemente a vida dos colonos residentes na região. Outra nota, *Os acontecimentos de Quatro Irmãos*, sugere que o ataque de bandoleiros iria acabar, pois o policiamento havia posto fim em seus acampamentos:

Regressou hontem de Erechim, o dr. Prado Sampaio. Sub-chefe de policia desta região que ali se achava em vista dos sucessos de Quatro Irmãos. Tivemos ocasião de manter rápida palestra com essa autoridade. O dr. Sampaio informou-nos que o caso do Quatro Irmãos está inteiramente liquidada com a

¹¹⁷ Colônia Quatro Irmãos. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 9 de junho de 1928, n.308, p.2. Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo/RS.

¹¹⁸ Situação Anormal em Quatro Irmãos. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 1 de dezembro de 1928. n. 356. p. 1. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

derrota completa que a brigada infligiu aos bandoleiros que infestavam aquella região, dentro de seus próprios acampamentos.¹¹⁹

No início do ano de 1929, há mais notícias referentes ao banditismo da região. A nota *Continuam os salteadores a agir em Quatro Irmãos*, evidencia que os problemas enfrentados pelos agricultores ainda não havia terminado, depois de seguidos episódios. A atuação de bandoleiros na região deixava a situação cada vez mais difícil, não só ao pequeno proprietário, mas também para a JCA.

Depois que se retirou do povoado de Q. Irmãos o destacamento de vinte praças Ada B. Militar que ali se achava, recommçaram os attentados dos salteadores de estrada, cujo intento, ao que parece, é unicamente perturbar a vida daquela região.

Assim é que, há poucos dias foi covardemente ferido de emboscada, por arma de fogo, um capataz da turma que Jewish mantem para preparação de seu ramal ferro-viario.

O ferido foi transportado em estado grave para Boa Vista [de Erechim], onde foi internado no hospital.

A emboscada deu-se no quilometro 5º do ramal Erebangó, Quatro Irmãos. Logo em seguida os bandidos puseram fogo em um engenho de serrar madeira situado na zona Chalet queimando-o completamente e causando enorme prejuízo ao seu proprietário.

Segunda-feira ultima, também um empregado da Jewish foi atacado no quilometro 3 do ramal por individuo desconhecido o qual lhe transmitiu ameaças ao sub-delegado de Erebangó aos directores da Jewish.

Na verdade é incompreensível como taes factos aconteceram em nosso Estado que se preza de civilizado.

Em Quatro Irmãos ninguém mais se anima a trilhar as estradas desde que anoitece no temor constante dos bandidos emboscados.

A municipalidade de Erechim nenhuma providencia tomou para pôr cobro a taes vandalismos deixando sem respostas os diversos pedidos de garantia e policiamento dos interessados. Em vista deste descaso, a Companhia vae novamente dirigir-se ao governo do Estado.¹²⁰

A última notícia deste ano, a nota *Os sucessos de Quatros Irmãos: ainda não pacificada aquella zona*, esclarece que durante seis anos de sucessivos ataques nas colônias, a situação pouco se modificou:

Conforme informação que nos foi prestada por pessoas recentemente vinda de Quatro Irmãos, ainda não foi pacificada aquella zona, tendo-se registrado ultimamente alguns conflictos, entre forças da Brigada Militar ali destacadas, e bandoleiros que ali se organizaram desde há tempos já. É um facto que vem preocupando seriamente a população das circunvizinhas de Quatro Irmãos, trazendo em consequência, o dessassocego publico, e causando consideráveis prejuízos ao commercio e as industrias locais.

Segundo o nosso informante, deu-se segunda-feira p. passada, um encontro entre a força dão governo e os bandidos que infestam aquella zona, e isso verificou-se ás 21 horas daquelle dia, quando aproveitando a noite, os bandoleiros

¹¹⁹ Os acontecimentos de Quatro Irmãos. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 22 de dezembro de 1928. n. 362. p. 2. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

¹²⁰ Continuam os Salteadores a Agir em Quatro Irmãos. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 17 de janeiro de 1929, n. 371, p. 02. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

aproximaram-se do acampamento da dita força, subindo pela corrente do rio á cuja margem esquerda estava acampada aquella força. O destacamento em questão é composto de 70 praças comandadas por um capitão. Na hora referida, travou-se um tiroteio entre o dito destacamento e os bandoleiros, não se registrando mortes, nem ferimentos graves entre os contendores, havendo os atacantes debandado após o ataque, deixando no local de conflicto, algumas armas improvisadas com madeira da floresta em que vivem.

A continuar esse estado de cousas, mister se faz que o governno mande reforçar o destacamento para ali enviado, afins de pôr termo de uma vez para sempre á perturbação da ordem naquelle ponto, e localidade adjacentes.¹²¹

Como visto, as colônias de Quatro Irmãos sofreram com os sucessivos ataques nas plantações, nas colheitas e nos produtos de exportação que foram saqueados ou estragados, entre os anos de 1923 e 1929. Nesse período, tornou-se constante a migração de judeus das colônias para as cidades próximas ou outras regiões que pudessem viver com maior segurança, como se demonstrou no capítulo anterior. A saída dos imigrantes judeus continuou, enquanto o número de não-judeus aumentava.

Alguns autores consideram a Revolução de 1923 como um fator determinante para a saída das colônias agrícolas; outros incluem o movimento revolucionário a outros fatores.

A historiadora Isabel Gritti defende que a Revolução de 1923 foi o estopim do fracasso da colônia de Quatro Irmãos, pois as causas profundas foram mais abrangentes. Segundo ela, a má organização da JCA perante os colonos foi o que prejudicou o crescimento econômico da região, evidenciando que os poucos colonos que obtiveram êxito na colônia agrícola de Quatro Irmãos foram os “que se dedicam a atividades outras que a essencialmente agrícola”.¹²² Os problemas eram de ordem estrutural, ressalta a autora.

Jeffrey Lesser¹²³ analisou a situação da Revolução de 1923 em Quatro Irmãos como fator decisivo para o término da colonização judaica no Rio Grande do Sul, mesmo considerando o esforço que a JCA realizou para trazer novos colonos ao Brasil. Para o autor, a Revolução constituiu-se no último de vários fracassos humanos e econômicos do projeto, pois além de prejudicar a economia da região, com o confisco dos produtos, também danificaram a ferrovia; o medo e insegurança levaram os colonos a fugir.

¹²¹ Os sucessos de Quatros Irmãos: ainda não pacificada aquela zona. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 25 de abril de 1929. n. 411. p. 2. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

¹²² GRITTI, 1997, p. 70.

¹²³ LESSER, 1991.

Para Marcos Feldman¹²⁴, os efeitos catastróficos da Revolução de 1923 foram sentidos com a passagem da Coluna Prestes. O autor considera este evento ainda pior para o desenvolvimento da colônia de Quatro Irmãos, pois foi no ano de 1924 que vários judeus prestaram depoimentos policiais queixando-se das perseguições e violências sofridas pelos bandoleiros.

Naquilo que diz respeito à memória e ao patrimônio, foi construído na cidade, em 25 de maio de 1924, um monumento que rememora a batalha travada entre maragatos e chimangos, em setembro de 1923. Segundo a historiografia, o confronto foi muito violento, com mortes de ambos os lados.



Figura 6: Fotografia do Cemitério do Combate, Quatro Irmãos/RS¹²⁵.

Longe de fixar uma resposta para a questão, observou-se que a Revolução de 1923 apresentou forte impacto no desenvolvimento da colônia agrícola judaica de Quatro Irmãos e afetou o cotidiano daqueles que residiam na localidade. Visando a analisar esta mudança na vivência das pessoas, a seção seguinte se desenvolverá a partir das memórias dos moradores da Colônia, para observar como estes imigrantes consideram a Revolução de 1923 no seu cotidiano.

¹²⁴ FELDMAN, 2003.

¹²⁵Disponível em: < <http://afolharegional-afolharegional.blogspot.com.br/2011/2012/erebango-gestos-de-atitude-no-cemiterio.html> > Acesso em 12/09/2012.

4. A REVOLUÇÃO DE 1923: AS MEMÓRIAS

A pesquisa se enriquece com as lembranças e as vivências de ex-moradores da colônia de Quatro Irmãos, os quais tiveram seu cotidiano marcado pela Revolução de 1923, e que contribuíram com seu depoimento oral ao Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, sediado em Porto Alegre/RS/BR.

A pesquisa tenta dar conta das questões das especificidades de trabalhar com História Oral: as intencionalidades da documentação; por quem foi produzido? Por quê? Quais os objetivos? Quem é o depoente? Seus sentimentos, e que remete a lembrança, esquecimento e silêncio. O que se quer postergar? O que se quer constituir em verdade/mentira/bem/mal. E também, o formato do documento – áudio, vídeo, transcrição.

A partir das questões que foram levantadas, torna-se importante analisar a Instituição e o projeto em que esta documentação está inserida. As entrevistas foram colhidas entre os anos de 1985 a 1994, e compõem uma importante parte do acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. A partir da trajetória da Instituição e do projeto, as Histórias de Vida tornar-se-ão documentos fundamentais desta pesquisa.

4.1 O INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL (ICJMC)

A Instituição, fundada em 25 de novembro de 1985, com uma proposta que envolvia a divulgação da presença e da contribuição judaica no Rio Grande do Sul e no Brasil, contribuindo para a recuperação e o registro da memória da imigração judaica. A criação e a manutenção da Instituição devem-se a Ivoncy Ioschpe, que a patrocinou até 1995. A partir de 2004, Ieda Gutfreind presidiu a Instituição, com apoio de outros membros, voluntários e associados, que mantêm a Instituição através de doações financeiras.

Desde o início, a Instituição operou através de Câmaras Setoriais (Letras, Artes, Ciência e Tecnologia, Memória e Cultura Judaica, Ciências Sociais, Música e Teatro), que realizaram inúmeras programações e eventos de grande envergadura, os quais tiveram intensa repercussão, extrapolando a comunidade judaica.

Na metade da década de 1980, deu-se início ao projeto *Preservação da Memória Judaica no Estado do Rio Grande do Sul*. De forma pioneira no Estado, a Instituição coletou entrevistas de imigrantes judeus e de seus descendentes, e passou a colecionar uma vasta documentação, constituindo um importante arquivo da memória da imigração judaica no país. O Acervo de entrevistas de História Oral contém mais de 600 depoimentos, na modalidade de *histórias de vida* e entrevistas *temáticas* (imigração e colonização, identidade judaica, sionismo, instituições judaicas, integralismo, nazismo/fascismo, comunidades judaicas no interior do Rio Grande do Sul, além de outros assuntos ligados a temática judaica), realizadas com membros da comunidade.

Este projeto de História Oral, pioneiro no Rio Grande do Sul, teve início em 1975, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), no Rio de Janeiro. A Instituição carioca abriga mais de cinco mil horas de gravação, sendo mil entrevistas de “personalidades que atuaram no cenário nacional”.¹²⁶ O Sr. Ioshpe formou uma comissão de pesquisadores em Porto Alegre e financiou a ida à Instituição carioca, com o objetivo de aprender sobre o Programa de História Oral, para desenvolvê-lo e aplicá-lo no ICJMC.

Desse modo, o ICJMC desenvolveu o projeto com base em conhecimento científico da metodologia empregada. O entrevistador seguia um roteiro de entrevista que guiasse a conversa com o entrevistado; em sua maioria, os depoimentos foram gravados em fitas de áudio, e transcritos na íntegra. As entrevistas são numeradas, separadas em pastas individuais, e contêm um diário de campo, com as informações referentes à entrevista, como o tempo disponível, a postura do entrevistado, os assuntos a que ele mais se dedicou e as pessoas que estavam presentes no momento: filhos, esposa. Nas primeiras páginas, estão as fichas do entrevistado, fornecendo os dados pessoais e, nas páginas seguintes, um mapa mostrando as direções de trajetos que o entrevistado percorreu. Esses materiais, agregados aos relatos, tornam-se fundamentais para compreensão da entrevista como um todo, pois cada imigrante tem sua trajetória de vida única, mesmo que faça parte de uma comunidade.

O acervo tem sido sistematicamente consultado por pesquisadores nacionais e estrangeiros, além de interessados em geral, e constitui-se em um importante arquivo da memória da imigração judaica no país. O ICJMC marca presença no âmbito acadêmico

¹²⁶ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sobre>> Acesso em 12/12/12.

através de consultas e referências ao material do acervo, pois atrai pesquisadores interessados na história da imigração no Rio Grande do Sul e do Brasil.

O ICJMC foi fundado com o intuito de difundir a contribuição judaica para a cultura; estimular o reconhecimento da identidade e o desenvolvimento de formas de expressão cultural da comunidade judaica no RS; propiciar a realização de estudos e pesquisas sobre a comunidade judaica do RS e do Brasil, naquilo que se refere às suas singularidades sociológicas e culturais, colaborando na preservação e na divulgação do material documental; e recuperar as contribuições universais da cultura judaica e, através de intercâmbios, promover sua divulgação e seu reconhecimento.¹²⁷

Para atingir tais objetivos, a Instituição montou uma publicação¹²⁸ contendo partes do acervo de entrevistas e documentação do Departamento de Documentação e Memória, em edições bilíngues dos catálogos Histórias de Vida – volumes 1 e 2, facilitando o acesso a esse material. O Departamento de Documentação e Memória do ICJMC constitui-se no núcleo de preservação e de divulgação da memória e da história da comunidade judaica do Rio Grande do Sul.

Além da documentação de História Oral, o ICJMC possui vinte e cinco fundos documentais com arquivos de instituições judaicas, com correspondências em geral, registros, atas, convites, fotografias, notas, comprovantes de compra e venda; cerca de onze fundos documentais de arquivos particulares e documentos avulsos contendo correspondências, passaportes, convites, salvo-condutos, registros, certidões, carteiras de identidade, fotografias; acervo de 1.665 fotografias, classificadas em vinte grupos temáticos; um acervo com cento e vinte fitas entre filmes, documentários, reportagens, entrevistas, classificados em temas: Letras, História, Israel, Artes, Perfil e Ciências; livros de orações e objetos litúrgicos; cerca de 40 rolos contendo microfilmes da correspondência original da direção da JCA e das colônias em língua francesa, inglesa, alemã e ídiche; uma biblioteca com seiscentos livros, cujo tema central está ligado ao judaísmo, livros de filosofia, romances, contos, história, cultura e religião.

Sob este viés, a documentação que a pesquisa utiliza esta carregada de significados, primeiramente por querer preservar a memória, e constituí-la em história, além de ser atributo de uma constituição de identidade, com intencionalidade em manter

¹²⁷ **Boletins Informativos**. Disponível em: < www.chagall.com > Acesso em 12/12/2012.

¹²⁸ Imigração judaica no Rio Grande do Sul. **Histórias de Vida**. Volume I e II. Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, Departamento de Memória.

presente a memória da comunidade judaica gaúcha. Michel De Certeau refere-se ao *lugar social* em que os documentos estão organizados:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, **enraizada em uma particularidade**. É em função deste lugar que se instauram os métodos que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.¹²⁹

Frente a estas considerações sobre o *lugar social*, analisa-se esta documentação que foi produzida no ICJMC como um projeto do interior da comunidade, no sentido de preservar sua memória, dentro da história da sociedade gaúcha. Segundo De Certeau, dentro deste *lugar social* deve-se observar o *não-dito*, sendo “impossível analisar o discurso histórico independente da instituição em função da qual ele se organiza silenciosamente”¹³⁰, sendo o lugar de produção do documento contexto chave para análise do mesmo.

Nesta ceara de testemunhos, Marc Bloch os coloca como desafios para o historiador, “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”.¹³¹ O autor, quando fala sobre o documento e o testemunho, acrescenta que “o vocabulário dos documentos não é, a seu modo, nada mais que um testemunho: precioso, sem dúvida entre todos; mas, como todos os testemunhos, imperfeito; portanto, sujeito à crítica”.¹³²

Ruggiero Romano cobra um posicionamento crítico do historiador diante das fontes consultadas: “mi llamado por un regreso a las fuentes no se refiere solamente a un empleo más importante de los documentos, sino sobre todo a un uso más crítico, más analítico, menos anacrónico de esas mismas fuentes”.¹³³ Segundo ele, não precisamos de novas fontes, mas um olhar mais crítico às fontes a que já obtivemos acesso.

¹²⁹ DE CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. **Grifo nosso**.

¹³⁰ DE CERTEAU, 1982, p. 66.

¹³¹ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 79.

¹³² BLOCH, 2001, p. 142.

¹³³ ROMANO, Ruggiero. Lección inaugural. Por la historia y por una vuelta a las fuentes. In: TORTOLERO, Alejandro (coord.). **Construir la História**. Homenaje a Ruggiero Romano. Universidad Autónoma Metropolitana, Universidad Autónoma del Estado de México. Colegio de México, Colegio de Michoacán, Instituto Mora Mérida. México, 2002.

Marc Bloch, ao retratar a crítica, explica que não deveríamos estar preocupados com a verdade, pois “nem todos os relatos são verídicos e os vestígios materiais, [eles] também, podem ser falsificados” e, complementa, “com tinta, qualquer um pode escrever qualquer coisa”¹³⁴, no caso em estudo, a fala do entrevistado. Com isso, o autor mostra que saber o que é mentira ou verdade não seria o foco do historiador, mas sim desdobrar a intencionalidade do documento; “sabe-se que suas testemunhas podem se enganar ou mentir. Mas, antes de tudo, preocupa-se em fazê-las falar, para compreendê-las”.¹³⁵

Sendo assim, independentemente do documento, considerado oficial ou não oficial, devem ser ressaltados seu contexto histórico e seu meio social, para que se execute a análise crítica e histórica de forma comprometida. Ao analisar os depoimentos de imigrantes judeus, considerou-se o lugar social em que foram produzidos (comunidade judaica gaúcha) e seu objetivo (preservar sua memória), sendo esses meios esclarecidos, a fonte tornar-se-á mais segura para a compreensão do historiador.

4.2 AS ESCRITAS DE SI – AUTOBIOGRAFIAS

As *escritas de si* são documentos peculiares, que há poucos anos vem sendo utilizada na investigação histórica – correspondências, diários, biografias e autobiografias. Essas fontes apresentam memória e olhares individuais, que possibilitam ao historiador ter acesso ao cotidiano, ao pensamento e a atitude de pessoas que fizeram parte de uma determinada sociedade, e que, por algum motivo, foram silenciados.

Ângela de Castro Gomes ressalta o *boom* de publicações no formato de escritas de si, principalmente de homens públicos, políticos, os quais se tornaram mitos na história do seu país; antes silenciados, esses documentos, normalmente, são visitados após a morte do indivíduo.¹³⁶ Explorar territórios poucos conhecidos “aquele do privado, de onde deriva a presença das mulheres e dos chamados homens ‘comuns’”, sendo “justamente nesse espaço privado, que de forma alguma elimina o público, que avultam em importância as práticas de uma escrita de si”.¹³⁷ Essas escritas constituem-se de importantes fontes históricas utilizadas pelo pesquisador, no intuito de, a partir do critério

¹³⁴ BLOCH, 2001. p. 89.

¹³⁵ BLOCH, 2001, p. 96-98.

¹³⁶ GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escritas de Si**. Escritas da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

¹³⁷ GOMES, 2004.

individual, traçar os caminhos coletivos de um determinado tempo e espaço, e suas relações sociais.

Os arquivos possibilitaram a guarda desta documentação. Muitos acervos constituíram-se de informações privadas, doados pela família, após o falecimento daquele que coletou/criou o material. Esses documentos pessoais ficam à disposição do pesquisador para consultas, constituindo assim um amplo campo para análise histórica.

Mas, qual é a relação entre o indivíduo e seus documentos? “O indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos”; construindo uma memória de si e agregando elementos materiais para completar o enredo, *um teatro da memória*.¹³⁸ Esses objetos materiais, e também os escritos, constituem uma referência; algo que se quer preservar – autobiografia – e algo que se quer esconder – diários. A necessidade de produção destes documentos está ligada à modernidade, como as fotografias, elementos que possibilitam uma visualidade daquilo que “se quer dar a ver”. O imperativo da constituição de uma memória de si está ligado à noção de identidade, pertencer ou não a determinado grupo, faz com que o indivíduo veja a sua história e a dos outros como constituintes de um mesmo meio social.

Esse indivíduo, que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o “grande” homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autoriza deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos. Na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de todo indivíduo e que disponibilizou instrumentos que permitem o registro de sua identidade, como é o caso da difusão do saber ler, escrever e fotografar, abriu espaço para a legitimidade do desejo de registro da memória do homem “anônimo”, do indivíduo “comum”, cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si.¹³⁹

Nas escritas de si, priorizam-se elementos de caráter individual. A trajetória, o olhar e a perspectiva são individuais, contudo, deve-se considerar que “não há destino individual, isolado e autônomo, fora do contexto social e histórico que o envolve e delimita. O passado só existe em função da percepção eminentemente falível que o ato de recordar lhe confere. Assim, a cada presente, há ficção do seu passado”.¹⁴⁰ O contexto social está presente na escrita individual, desde em linhas mais sutis até em críticas contundentes; o indivíduo é social, e a partir dele se organizam as práticas e as relações

¹³⁸ GOMES, 2004, p.11.

¹³⁹ GOMES, 2004, p. 13.

¹⁴⁰ MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. In: **Revista Colóquio/Letras**. Ensaio, n.º 143/144, Jan. 1997, p. 41-62.

existentes na sociedade. Considerando que cada relato individual assume um significado para o enredo completo.

A memória confere a esta documentação um caráter subjetivo. A rememoração ocorre a partir do presente, sendo que em diferentes momentos a lembrança do acontecimento altera-se. A escrita de si tem sua verdade, construída pela linguagem do autor, considerando a sinceridade e a singularidade como elementos que conferem o valor do documento. Então, “o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento”.¹⁴¹ Considera-se esta escrita como testemunho e, como todo documento histórico, sujeito à análise, sendo tarefa do historiador observar quais eram os objetivos levados em consideração para a produção deste documento; não no sentido de julgar a fonte, mas para melhor compreendê-la.¹⁴²

Adentrando nas autobiografias como escritas de si, a memória é um traço comum dessa documentação, privilegia o olhar individual e carrega consigo o refúgio e/ou a afirmação pessoal do autor. As autobiografias constituem-se de “relatos de uma vida pelo próprio, sendo o autor simultaneamente o destinatário e o personagem-objeto da narração”¹⁴³; procura exumar e reconstruir sua vivência, utilizando critérios cronológicos, no intuito de formar uma unidade. Assim, “a escrita de si é, ao mesmo tempo, constitutiva da identidade de seu autor e do texto, que se criam, simultaneamente, através dessa modalidade de ‘produção do eu’”.¹⁴⁴

As autobiografias são reinterpretações, no momento em que o modelo e o artista estão separados no tempo e no espaço nada mais os une, são “marcos dispersos de um destino particular”.¹⁴⁵ A verdade da obra, constitui-se “nessa incessante recriação que pretende reconstruir, retificar, ou recompor uma evidência perdida e morta, e com ela se identificar, estaria a essência do projeto autobiográfico...”.¹⁴⁶ Contudo, nessa escrita há contradições, sendo que autobiógrafo confere forma e sentido a algo inacabado, pois o descreve em vida.

¹⁴¹ GOMES, 2004, p. 15.

¹⁴² BLOCH, 2001.

¹⁴³ MATHIAS, 1997, p. 41.

¹⁴⁴ GOMES, 2004, p. 16.

¹⁴⁵ MATHIAS, 1997, p. 42.

¹⁴⁶ Idem, *ibidem*.

A memória possibilita “registrar os [seus] vários eus transitando em várias épocas”,¹⁴⁷ proporcionando um conhecimento de si próprio, e revelando-se a si mesma.

Nas autobiografias desenvolvem-se a interação da memória:

A memória elege a própria coerência narrativa através da sucessão de episódios que compõem os verdadeiros capítulos do livro [...], a memória, presença dominadora e infinitamente elástica, acabará por juntar as duas margens, cruzando-lhes horizontes, instaurando uma plenitude incandescente numa como que verdade reveladora de todos os momentos esparsos da vida.¹⁴⁸

A memória proporciona ao autor compor uma narrativa das suas trajetórias, relacionando o passado e o presente, formando uma unidade; a autobiografia é uma composição de conjunto, tem começo, meio e fim. Porém, ocorrendo o distanciamento do personagem-objeto e do narrador, o sujeito apaga-se, ocasionando um desconhecimento: “o eu é o próprio tempo que no tempo não se reconhece”.

A autobiografia caracteriza-se pelo conjunto de começo, meio e fim. A narração é coerente, seguindo linhas cronológicas e a apresentando a noção de trajetória; é *una*.

Segundo esta linha de análise, Marluza Harres considera o depoimento oral em formato *História de Vida* uma autobiografia provocada; segundo ela, é “a história de uma pessoa contada por ela mesma”.¹⁴⁹ Citando Philippe Lejeune, a autobiografia estabelece um “contrato de leitura baseado na identidade entre personagem/narrador/autor”, seguindo o modelo de pacto autobiográfico exposto por Marcello Duarte Mathias.¹⁵⁰ Considerando também que, “a perspectiva que um indivíduo tem de sua própria vida não é unitária, é mais compartimentada, tendo cada aspecto da vida a sua construção própria”¹⁵¹, as repetições e contradições são frequentes, revelando os conflitos da memória.

Essas considerações a respeito das escritas de si foram realizadas com o intuito de analisar as entrevistas de formato *Histórias de Vida* como documentos autobiográficos e que possibilite ao historiador observar as especificidades desta documentação. Esses escritos são instrumentos que permitem diálogos, neste caso, entre o imigrante judeu e o leitor.

¹⁴⁷ MATHIAS, 1997, p. 43.

¹⁴⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁹ HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografias: os desafios da memória. **História Unisinos**. v. 8, n. 10. jul/dez, 2004, p. 143-156.

¹⁵⁰ HARRES, 2004, p. 153; MATHIAS, 1997, p. 41.

¹⁵¹ HARRES, 2004, p. 153.

4.3 AS MEMÓRIAS DOS IMIGRANTES

A *memória* serve para a *história* como um objeto de estudo e análise para compreensão de fenômenos sociais; para realizar um diálogo entre aquilo que já foi desvendado pela historiografia através de documentos escritos e aquilo que ocorreu com a sociedade envolvida no processo histórico vigente. Para Pierre Nora,

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.¹⁵²

A memória, nas considerações de Nora, concretizada no relato da experiência de vida de cada imigrante, cheio de imperfeições, é uma constante reconstrução do passado a partir do presente. As narrativas dos imigrantes que vivenciaram a Revolução de 1923 formam um enredo que representa o passado, sendo esta fonte oral muito cara para a realização desta pesquisa.

Inicia-se com a memória do imigrante Jacó Agranionik, que se constitui em um rico material referente à imigração judaica. Ele veio ao Brasil com vinte e três anos de idade, e vivenciou momentos muito importantes que caracterizam os imigrantes judeus deste período. Com muita clareza em suas afirmações, o entrevistado possuía noventa e sete anos de idade, rememorando sua vida e de seu grupo étnico. Sua esposa e um de seus filhos auxiliaram o senhor Agranionik em algumas falas incompreensíveis para o entrevistador, e também o lembraram de momentos importantes as quais contava à família. Trechos da entrevista são em russo, alemão e português, o que a transcrição respeitou e registrou com legendas, facilitando a compreensão do material.

Originário da Bielo Rússia, cidade de *Rislavich*, nascido em 24 de fevereiro de 1890, o depoente afirma ter vindo ao Brasil por causa do antissemitismo que havia no Império Russo. O território dos czares foi lembrado como uma terra em que a “vida era muito precária, muito precária. Os *idn*¹⁵³ estavam à maioria, quase noventa por cento eram

¹⁵² NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática da história. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

¹⁵³ *Idn* – judeu.

pobres. Não tinham o direito de sair, comprar, arrendar terra [...]. A gente podia esperar um *pogrom* a qualquer hora, em qualquer tempo”¹⁵⁴

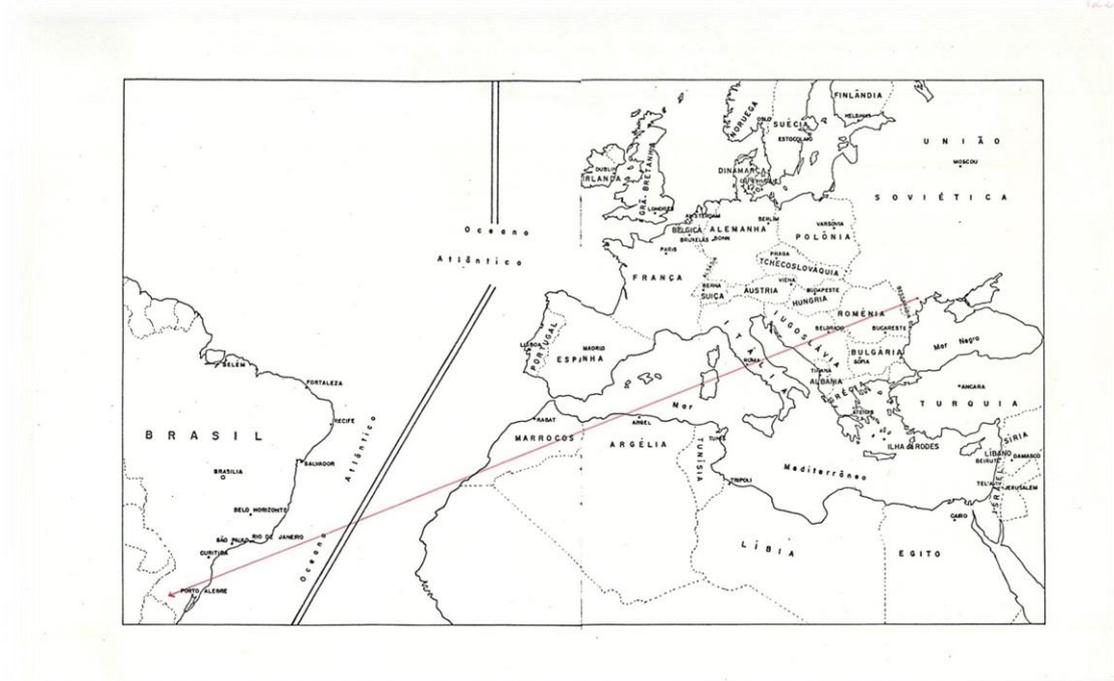


Figura 7: Mapa do percurso do depoente.¹⁵⁵

O desejo de emigrar nasceu de seu pai, ele analisava que a situação dos judeus era sem futuro na Rússia. Com muitas especificidades em sua trajetória particular, a sua família não veio com a JCA, vieram subsidiados pelo governo brasileiro, até a localidade de Erebangó. Segundo ele, havia muita propaganda do Brasil em sua cidade. O estabelecimento na colônia da JCA ocorreu, aproximadamente, dois anos após sua chegada, quando muitos imigrantes haviam deixado a Colônia. A Companhia não se responsabilizava por estes imigrantes vindos por conta própria, aconselhando-os a ir para Buenos Aires ou Porto Alegre, e com a afirmação do pai de Jacó Agranionik “eu não vou embora daqui, cheguei para trabalhar na terra e aqui eu fico”, posteriormente, se tornaram colonos.

Agranionik, respondendo ao questionamento da impressão que tivera do Brasil quando chegou, dizendo que “a gente pode pensar no futuro”¹⁵⁶, o entrevistado

¹⁵⁴ AGRANIONIK, Jacó. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Erechim: abril de 1987. Entrevista n. 122.

¹⁵⁵ Matérias complementares à entrevista. Acervo do Departamento de Documentação e Memória do ICJMC.

¹⁵⁶ Idem, *ibidem*.

mencionou constantemente a falta de liberdade da população judaica no Império Russo e as restrições impostas a eles. Ele comparava a situação vivenciada como acontecendo dentro de um gueto, e assim se referia.

A vida em Quatro Irmãos teve início da seguinte forma: “eu trabalhei na estrada de Erebango até Quatro Irmãos, um ano e oito meses com a pá e a picareta. Eu era novo, tinha vinte e poucos anos”¹⁵⁷; desenvolveu trabalhos também com a agricultura, no plantio de milho e feijão, além de criar gado e ser açougueiro. Com a profissão de colono, continuou por toda sua vida, residindo na cidade de Erechim, mantendo terras na colônia de Quatro Irmãos.

Sobre a revolução de 1923, Jacó Agranionik expôs:

Essa revolução só no Rio Grande. Queriam derrubar o governador e no fim deu as batalhas. Morreu muita gente! Mas eles não eram antissemitas, esses que brigaram. Eles diziam que nós não tínhamos nada com esta política, porque o governo federal não tinha nada com esta coisa, esta revolução. Só no Rio Grande! Passou o Rio Grande para fora, não tinha guerra.

Para o seu filho, o mesmo episódio:

Foi o causador do fracasso da colonização da ICA. Muitos colonos foram embora, muita gente foi embora. A revolução foi um fracasso. Aliás, o fracasso da colonização uma parte se deve a revolução. Com a revolução, muitos dos colonos foram embora, foram para as cidades.

Ambos apresentam reflexões diferenciadas a respeito do mesmo tema. Aquele que vivenciou o período de pesadas imposições contra a comunidade judaica no Império Russo, logo justificou que a revolução aqui no Rio Grande do Sul não era antissemita. Para ele, esse fato teria maior relevância, pois não foi ocasionada por motivos étnicos. O conflito foi encarado pelo depoente como diferente do vivenciado no Império Russo, onde o confronto visava à sua etnia. O senhor Agranionik parece rememorar, mas sem mais pesares a Revolução de 1923. Com a pretensão de encerrar o assunto, expôs que o conflito “durou mais do que um ano e, depois, quando já terminou, focos, tinha focos que faziam um inferno. Ah! Nem convém mais sofrer, não vale a pena”¹⁵⁸. O entrevistado remete as perdas que os colonos tiveram com os embates e com a alimentação das tropas, pois “vinha um piquete e matava uma vaca, comiam três, quatro, cinco quilos de carne e o resto ficou. O bicho comeu. Mas a vaca não tinha mais, a vaca morreu. E os colonos

¹⁵⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁸ Idem, *ibidem*.

ficaram aborrecidos, eles não tinham muito gado”.¹⁵⁹ E complementa: “O dano que fizeram estava feito, não tinha de quem cobrar. Largaram meia vaca, mas não tinha mais vaca. Tinha, mas morreram. É! Passamos um trecho muito difícil”.¹⁶⁰

O filho deste depoente considerou que a Revolução foi fator relevante para o “fracasso da colonização”; assim como ele, muitos imigrantes e/ou descendentes judeus responsabilizaram o episódio como devastador para Quatro Irmãos. Como se viu, não foram momentos fáceis para os colonos recém-chegados da Europa, desenvolvendo suas vidas em outro país e estando tão perto de batalhas e confrontos constantes, além de ter de dividir sua produção, alimentando as tropas. As violências sofridas durante toda a década de 1920 agravaram um sentimento em particular ao qual a maioria se refere – o medo. A respeito dessa sensação, muitos deixaram de viver em Quatro Irmãos, para buscar segurança em outras localidades.

Outro imigrante, Luiz Tavejnhanski, nasceu na Ucrânia, em 16 de junho de 1909, nacionalidade russa, emigrou aos dois anos de idade. Seu pai, Leon Tavejnhanski juntamente com sua mãe, Rosa, foram primeiramente para a Argentina, onde ambos trabalhavam como colonos agrícolas. Por intermédio da JCA, a família imigrou para Quatro Irmãos, e lá estabeleceram a família. Ao ser inquirido sobre o movimento revolucionário de 1923, logo lembrou que “todos foram para Erebangó [...]. Combate em cima da nossa terra”. Recorda a sensação que viveram:

Nós fomos mal lá [colônia Quatro Irmãos], porque houve uma revolução em 1923 e mataram um colono que ia na estrada, não se sabe quem foi que matou ele. Mas foi esse negócio de revolucionários. E toda a colônia foi para Erebangó, todos juntos. Não sei quanto tempo ficaram lá em Erebangó. Eu não me lembro bem de tudo. Até houve um combate em cima das nossas terras. E tem até hoje o nome do combate lá. O lugar chamava-se Combate. E depois, voltaram de Erebangó para as colônias e ficamos um tempo lá nas colônias [...]. Nós estávamos em Quatro Irmãos, mas estávamos morando junto com outros colonos. Abandonamos a colônia para morarmos juntos, porque tínhamos medo, na colônia uma não é perto da outra, um quilômetro de distância. Mas eu me lembro um pouco do combate, nós com mais uns rapazes ficamos numa coxilha para ver de longe. E nisso, vinham vindo uns correndo a cavalo e nós descemos e fomos para o mato [...]. Entre chimangos e maragatos, que se falava na época. Borgistas e Assisistas. Se encontraram ali e ali foi o combate, morreu muita gente. Tem o cemitério do combate até hoje lá.¹⁶¹

¹⁵⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁶⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁶¹ TAVEJNHANSKI, Luiz. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: abril de 1987. Entrevista n. 043.

O depoente refere-se à saída de muitos imigrantes em direção ao vilarejo de Erebangó, como foi citado no capítulo anterior. Neste momento, os judeus de Quatro Irmãos unidos, abandonam suas casas em busca de proteção. Alguns desses entrevistados citam este episódio, enfatizando que ficaram juntos em um galpão, por um ano ou mais.

A morte do colono judeu naquela região, mesmo que muitos atribuam ao conflito, segundo Gritti¹⁶², o agricultor sofreu uma emboscada de um ex-funcionário, que objetivava saldar um débito. O assassinato teria ocorrido entre o ano de 1923 e 1924, o que levou muitos imigrantes a referenciar o episódio com a Revolução.

Suas memórias são pessoais, mesmo que ainda jovem, Tavejnhaski remete aos momentos em que permaneceu na Colônia, atribuindo que lá “nós fomos mal”, referindo-se à vida de sua família em Quatro Irmãos. Para Luiz Tavejnhaski, o insucesso da região foi responsabilidade da Revolução, pois, no momento da entrevista, nos anos de 1980, ele mantinha as terras na Colônia com plantação de soja. Nesta época, a plantação rendia-lhe recursos financeiros favoráveis, fator que provavelmente tivesse levado o depoente a atribuir o “fracasso da atividade agrícola judaica” ao transcurso do movimento revolucionário na região. A memória destes momentos vividos com dificuldade depende, consideravelmente, do presente deste depoente; aqueles judeus que abandonaram seus lotes de terra e foram viver na cidade podem considerar a agricultura um projeto que não daria certo. Porém, aqueles que permaneceram, batalhando na atividade agrícola, sentiram as perdas que tiveram, mas recomeçaram após o conflito armado e obtiveram êxito na atividade profissional.

Outro depoente que se referiu ao medo como sentimento preponderante foi Carlos Hubermann, imigrante que possuía apenas dois anos de idade, no momento da Revolução de 1923. Segundo ele, um revolucionário teria invadido o mercadinho de seu pai, exigindo-lhe a entrega de pertences pessoais; tal episódio não saíra da sua cabeça:

Em 1923, na revolução, inclusive, ele [o pai] foi assaltado dentro da própria loja dele. Aí roubaram relógio, roubaram dinheiro que ele tinha com ele, foi calçado por dois maragatos, naquele tempo era maragato e chimango. Inclusive, eu sei daquela revolução que deu, eu tinha dois anos e eu não esqueço até hoje. Eu estava parado na loja do meu pai na porta, sou nascido em 1921, a revolução era em 1923, eu não esqueço que passou um cara, eu não esqueço por o cara era meu “Xará” – o nome dele era Carlos, o meu nome também era Carlos, mas só me chamam de Carlitos – era Carlos Raizler [...]. Me lembro quando foi feito aquela revolução, os chimangos contra os maragatos, os maragatos tiraram uns vinte metros de trilho, para derrubar o trem que vinha

¹⁶² GRITTI, 1997, p. 69.

conduzindo trezentos e doze chimangos, que era do exército da Brigada Militar, mataram quase todos os brigadianos nessa revolução.¹⁶³

Raramente nos lembramos de acontecimentos ocorridos ainda na nossa infância. Hubermann, neste episódio que relatou, teria dois anos de idade quando da Revolução de 1923, provavelmente ele ouviu os pais descreverem este fato durante toda sua vida, e isso permaneceu na sua memória. Para o entrevistado e sua família, este episódio marcou tanto, que Carlos Hubermann sente que viveu e que presenciou este evento, carregando-o como memória pessoal. Michael Pollak refere-se, neste caso, à *memória por tabela*, segundo ele “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”.¹⁶⁴

A respeito desse confronto armado, o entrevistador indagou “em Quatro Irmãos, como repercutiu essa revolução para os colonos?” – a resposta de Hubermann foi clara e objetiva: “Foi péssima! Quase que todo o mundo após a revolução começou a debandar de lá. Os que não tinham coragem começaram a debandar, uns iam por conta própria, outros iam lá na JCA pedir para ir embora, muito pouca gente ficou”. E em relação ao sentimento provocado pelos episódios, o entrevistado rebate: “Medo, porque depois da revolução ficaram muitos assaltantes lá, ficavam sanguinários”. Para Hubermann, os bandoleiros “assaltavam para roubar um cavalo, uma galinha, para roubar roupa do varal, tudo que é jeito eles faziam para roubar, matavam também para matar, para ver morrer”.¹⁶⁵

Os momentos vividos pela família do entrevistado durante os confrontos de 1923 foram difíceis, principalmente considerando o pouco tempo de estabelecimento da família na Colônia. Segundo o entrevistado, a família emigrou da Rússia para a Argentina e, por intermédio da JCA, foram se estabelecer na colônia de Quatro Irmãos, em 1913. No período da Revolução, possuíam um mercadinho, o que complementava a renda de agricultor, pois Carlos Huberman afirmou que o pai mantinha o plantio. Este imigrante,

¹⁶³ HUBERMANN, Carlos. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 7/10/1988. Entrevista n. 054.

¹⁶⁴ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 201.

¹⁶⁵ HUBERMANN, Carlos. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 7/10/1988. Entrevista n. 054.

contrariando a regra, permaneceu na colônia de Quatro Irmãos até o ano de 1952, momento em que opta por radicar-se em Porto Alegre.

Maurício Gudis também tem uma trajetória particular, judeu que emigrou do Império Russo em 1913, devido às perseguições sofridas no território de origem. O pai era alfaiate, e veio para o Brasil com cinco filhos, a esposa faleceu anos antes; o objetivo: “nós viemos para o Brasil para se ver livre daquele perseguição e queria trabalhar na terra, colono, queria conhecer colonos, plantar e comer”.

Segundo o entrevistado, a família ficou estabelecida na colônia de Quatro Irmãos apenas dois anos, quando resolveram ir embora para Porto Alegre; lá o pai arrumou emprego de alfaiate, e Maurício Gudis, já com quinze anos, começou a ajudá-lo. Após seu casamento, decidiu morar na cidade de Erechim, momentos antes da Revolução Assisista. Ele relatou como ocorreu este confronto nesta cidade, que fica próxima a Quatro Irmãos:

E, naquela época, tinha Revolução no Rio Grande, entre borgistas, gente de Borges e partidos contra como sempre tem, coronéis, naquele tempo tinha os coronéis e coisas, né. E em redor da minha casa tinha, chegaram, eles cada um fazia colunas, tinha mais de cem homens, às vezes, assim, no sol, no capim, assim, porque eles iam invadir não sei onde, brigar. Brigar com o governo do estado, era Revolução. E fiquei assim, me resolvi e fui embora. Levei a família. E não sei como é que a gente conseguia viajar naquele tempo, decerto custava muito. Eu peguei o trem com a mulher, ainda não tinha filhos e fui para Porto União, uma cidade em Santa Catarina, não sei como é que me veio a ideia, mas fui lá.¹⁶⁶

A opção do imigrante foi mudar-se de Estado, ir a um lugar onde o conflito não o alcançasse, mesmo não residindo nas colônias agrícolas, as repercussões da Revolução também afetaram seu cotidiano. Um ano após o estabelecimento em Santa Catarina, o imigrante voltou a residir em Porto Alegre, junto a seus familiares. Sua trajetória foi modificada pelo confronto político, o depoente também se refere ao medo, pois sentia-se responsável pela proteção de sua família. Maurício Gudis não detalha com clareza a experiência vivida neste momento; pouco diz lembrar sobre sua fuga ao Estado vizinho.

Olga Chotguis, filha de imigrantes judeus russos, nasceu na colônia de Quatro Irmãos no ano de 1915. Seu pai trabalhava de alfaiate no Império Russo, e emigrou de lá temendo ser convocado para o exército; ele já possuía família, esposa e dois filhos, decidiu vir com a JCA para o Brasil. Narrando sua História de Vida, conta que na viagem

¹⁶⁶ GUDIS, Maurício. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 1987. Entrevista n. 002.

de seus pais, o filho mais novo da família morreu no navio, e foi jogado ao mar; sua mãe ficou desolada.

A herança da memória dos pais permanece no início da entrevista; segundo ela, a imigração para o Brasil

foi aquela luta quando ela veio para o Brasil. Aquela pobreza, aquelas casinhas que deram para eles. Eles mesmos tinham que construir. Primeiro eles moravam nuns barracões, um monte de colonos juntos. Crianças pequenas, chuvas, pobreza. Os homens trabalhavam na estrada [de ferro] e uns que sabiam construir, como o meu pai, que sabia construir casas ... então ele fez a nossa casa e depois ele fez a casa dos outros vizinhos que precisavam fazer e chamavam ele.¹⁶⁷

Segundo a depoente, mesmo o pai sendo alfaiate na Rússia, a colônia dele era próspera. Os produtos plantados nas suas terras eram para o consumo próprio e também vendidos, gerando complemento a renda da família.

Era uma terra muito boa, fértil. O pai plantou árvores de todas as frutas. Tinha cento e poucas árvores. Era imenso, imenso [...]. Dava para vender porque deu muito, depois. Pêssegos, maçãs, uvas [...]. Melancias ele levava às carroçadas para Quatro Irmãos, né? E também ele criava abelhas. Nós tínhamos umas cento e poucas caixas de abelhas, muitas [...]. Plantava cebola, plantava melancia, tinha uma parreira grande que ele enchia caixas de uvas que ele levava para Quatro Irmãos, o povoado, para vender melancias, pepinos, de tudo. E pergunta se alguém antigo conhece, conhecia o pai, aonde se comia melancia em conserva, e pepinos em conserva e aonde se tomava vinho feito por ele.¹⁶⁸

Olga lembra com carinho a infância que manteve na Colônia, das tarefas de seus pais para desenvolver economicamente suas terras e das confraternizações realizadas entre os patrícios nas festas religiosas. Segundo ela, o trabalho de seus pais era difícil, mas conseguiram juntar um *dinheirinho*, e estavam planejando ir para a cidade; porém, estourou a Revolução de 1923, e lembra que

os maragatos e os chimangos. Então quando foi isso aqui, vinham e destroçavam tudo. As moças se escondiam no forro do telhado porque tinham medo que eles faziam o diabo. Então a mãe disse: Manoel, vamos embora. Vamos embora com as crianças porque eu não quero nada, eu quero salvar as crianças. Então fomos. Enchemos a carroça com feijão, arroz, mel, tudo que tinha e que dava para levar. Levaram e foram para Quatro Irmãos, para o povoado. Lá em Quatro Irmãos disseram: nós temos que ir embora para Erebangó. Então tinha o trenzinho, que o Israel trabalhava e todo o mundo sentou nos vagões abertos [...]. Pegaram um galpão aberto, perto de um engenho de madeira e botaram uma família em cada canto, mas nem dava. Então botaram no meio também umas famílias, assim, tudo amontoado. Estavam dormindo nos acolchoados. As crianças ... era uma coisa

¹⁶⁷ CHOTGUIS, Olga. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 16/09/1988. Entrevista n. 189.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*.

horrível. Faziam fogo num canto, fumaça para todo o lado, era um sacrifício imenso [...], para fugir dos bandidos. Ficamos lá não sei quantos meses até que passou aquela fase e os maragatos fugiram, os chimangos, sei lá o que e nós fomos voltando para casa.¹⁶⁹

O medo tornou-se um sentimento recorrente entre os imigrantes judeus na narração da Revolução, pois o episódio da saída maciça de colonos de Quatro Irmãos, abandonando seus lares para seguirem juntos até o povoado de Erebangó recorre a cada entrevista. Cada um expressa de sua maneira a vivência deste período, mas o sentimento é o mesmo: medo, insegurança. Olga narra o anseio do gênero feminino na ocasião da invasão das tropas, pois se escondiam temendo serem encontradas e, por vezes, violentadas. Segundo ela, durante o período de estabelecimento dos exércitos, os núcleos colônias ficaram à mercê, e o que encontraram foi o seguinte:

Chegando em casa ... a casa estava em ordem, mas os móveis todos quebrados, galinha não existia, nada, nada, nada, só seco. Aí, o que nós íamos fazer? Fomos para a colônia, para a ICA, e pedimos alguma coisa. Então deram um adiantamento para comprar umas galinhas, umas coisas e começar de novo. E o pai já pegou e comprou umas tábuas, fez uns armários, fez um fogão assim de tijolos, fez um forno. Ele era uma coisa que nem dá para explicar. Uma coisa nunca vista. E a mãe começou a fazer roupas para as crianças, conseguiu roupas não sei de onde, e foi desmanchar e começamos de novo a plantar verduras perto de casa. Verduras eram perto de casa, e fomos levantando.¹⁷⁰

Como citado no capítulo anterior, a JCA forneceu dinheiro aos colonos que voltaram para suas terras em Quatro Irmãos, para ser utilizado na reposição de animais e de plantações que os colonos haviam perdido. Segundo Olga, a invasão da sua casa ocorreu durante a comemoração da páscoa judaica:

No *Pessach* estávamos todos sentados em redor da mesa fazendo *Seder*, o pai estava fazendo o *Seder*, a Julieta estava no colo dela sentada, ela tinha três anos, e quando estava fazendo o *Seder* e tudo, quando bateram na frente. O pai então levantou e foi atender, pegou o lampião e foi atender. Daí entraram uma bolada de bandidos assim com armas na mão e tudo, e aí o pai entregou o lampião para mãe e disse: ‘olha, podem revisar, aqui não tem ninguém’. Estavam procurando o cunhado dele [do marido, Jaime Chotguis], o Froim Zeltzer, e mais uns da JCA. Eles estavam lá na casa dele [do marido] passando a ruazinha [...]. Se enganaram de casa. Daí ele dizia: ‘aqui não tem ninguém, pode revisar’. Eles queriam machucar o pai e ele disse: ‘podem levar tudo o que vocês querem, eu não preciso de nada’. Aí eles não fizeram nada para ele e não levaram nada. Eles não queriam nada. E fizeram a volta que tinham que fazer para chegar na casa dele [do marido] e foram pela estrada, a cavalo. Mas o pai não perdeu tempo, foi aqui pelo nosso vãozinho para avisar e ainda, na ingenuidade das pessoas que não acreditavam em mortes, nessas coisas, gritando: ‘bandidos, ladrões’.

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁰ Idem, *ibidem*.

Devido a estes episódios, a família permaneceu mais dois anos na Colônia e com a morte de seu pai, quem mantinha a agricultura, foram embora para a cidade de Passo Fundo, alugando a casa de um patrício. O ambiente hostil de Quatro Irmãos trouxe insegurança para a família e a ausência da figura paterna despertou-lhes o desejo de morar em um núcleo urbano.

Jaime Chotguis, esposo de Olga, à qual legou o sobrenome, nasceu na Bessarábia, Império Russo, de onde os pais emigraram por causa dos *pogroms*:

Eles vieram porque já naquele tempo, estavam falando naqueles "pogroms", assaltavam as famílias "idish", essa coisa toda. E veio a colonização da JCA, que convidaram eles para o Brasil, para a colonização. Meu pai não era colono, ele era comerciante. Ele não entendia muito de colônia, mas veio junto com uma leva [de imigrantes].¹⁷¹

Assim como a maioria dos judeus que vieram ao Brasil, sua família tinha outra atividade profissional que não a agrícola. A motivação para a saída do Império Russo teriam sido as ondas de *pogroms* que assolavam a região, provocando sentimentos de medo e insegurança pelos territórios que circunvizinhavam os locais de ataque desses grupos. A opção da família foi imigração para Quatro Irmãos, subvencionada pela JCA, que foi relatada pelo depoente:

Naquele tempo, os colonos não sabiam nada. Recebiam um arado, uma junta de bois, um cavalo, duas vacas e mais ou menos apetrechos para plantação, e nós fomos para uma colônia perto de Quatro Irmãos, um lugar chamado Sepultura, perto da Sepultura. Mas a colônia era um campo muito ... mais para o gado. Tinha gado lá, mas para plantação não era nada bom porque era terra vermelha, a gente arava o campo e no primeiro ano dava, depois não. Naquele tempo, não se conhecia adubo nem essas coisas, nada, e não dava mais nada. E depois tinha aquela formiga saúva que aquilo cortava tudo pela raiz. Não adiantava remédios, venenos, que nada. Naquele tempo, não se conhecia nada.¹⁷²

Para o depoente, a atividade agrícola não era lembrada com apreço; muitos foram as dificuldades que ele expôs sobre a terra e os animais que viviam no local. A falta de experiência e o desconhecimento do solo da região não permitiam que os colonos avançassem economicamente, segundo Chotguis. Ressalta-se que o primeiro trabalho que o pai e o irmão fizeram foi na estrada de ferro; com o objetivo de complementar a renda familiar, foram desenvolvendo outras atividades:

¹⁷¹ CHOTGUIS, Jaime. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 15 de novembro de 1988. Entrevista n. 208.

¹⁷² Idem, *ibidem*.

Quando viemos para Quatro Irmãos, estavam construindo a estrada de ferro de Quatro Irmãos para Erebangó. Então meu mano mais velho, o Bernardo, trabalhava e ajudava a construir a estrada, o meu pai também. Até que se instalaram na colônia, então eles carregavam aqueles carrinhos de mão, aqueles aterros e estas coisas, os trilhos todos e ajudavam para angariar mais recursos porque só da colônia ... a colônia não dava nada ainda. Depois meu pai então começou a trabalhar com couros. Naquele tempo, havia muitos couros de tigres, raposas, grachains, todos esses couros ele levava para os curtumes e fazia pelegos.¹⁷³

Segundo Jaime Chotguis, a “colônia não foi próspera, porque os filhos mais velhos foram embora para trabalhar”, e complementa: “a colônia não produzia, não dava nada”. Na época da Revolução, a família ainda permanecia em Quatro Irmãos, e o pouco que produziam tiveram de dividir com as tropas alojadas naquela localidade:

Nós tínhamos que estar escondidos, as moças – a Menhe, a Tcharna – e quando eles nos surpreenderam num almoço de confraternização, de sábado e vieram na nossa casa. Mas aí eles não fizeram nada, só mostraram que tinha gente. Depois eles começaram a matar. Nós tínhamos uma criação grande de galinha, de perus. Eles então matavam os perus assim a tiro. Eram bandidos. E o meu pai foi então para o “*shtetl*” e lá tinha acampados todos os quartéis dos maragatos. E a minha mãe fazia pães, fazia-se fornos fora da casa e ela fazia assim dez, doze pães. Pães russos, daquela farinha que vinha da Rússia mesmo, uma farinha especial. Crescia aqueles pães redondos, a coisa mais linda, gostosos, me lembro até hoje a gostosura que era. Aquilo dava para toda a semana, toda a família. Mas quando chegaram estes maragatos, eles limpavam tudo. Nos deixaram sem pão, sem nada. Galinhas eles matavam atiro e levavam embora.¹⁷⁴

Alguns episódios peculiares ocorreram com sua família, no momento do confronto político:

Então meu pai foi lá para o comandante, no *shtetl*, foi e deu parte, contou que deixaram minha família sem nada, que levaram tudo e então o comandante se condeou e deu dez mil réis. Naquele tempo, era réis ainda, pagou. Mas quando ele vinha vindo era seis quilômetros, cinco ou sete quilômetros até chegar em casa, já era noituzinha, e os bandidos pegaram ele e amarraram. Disseram assim: “Você foi dar parte para o nosso comandante então nós vamos te matar” [...]. Ele estava sozinho, de carroça. [...]. E amarraram ele perto de uma árvore ali e disseram: “Na madrugada tu vais ser morto, só porque tu foi nos dedar”. [...]. Mas quando foi a madrugada, chegaram os chimangos. Chimangos eram os federalistas, eram do governo. Quando eles chegaram, eles foram forças bem maiores, tinham mais armamentos, eram mais treinados. Os outros, os maragatos, eram assim de pé no chão, bandidos. Matavam o gado. Nós tínhamos assim uns trinta e tantos, trinta e duas reses de gado,

¹⁷³ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁴ Idem, *ibidem*.

mataram todas. Só deixaram duas vacas que estavam prenhe para ganhar terneiro, só estas duas eles deixaram. Ainda foi a sorte que ainda tinha leite e essas coisas. Bem, mas quando foi a madrugada, chegaram como eu estava contando – os maragatos, os chimangos e expulsaram os maragatos todos. Fugiram todos e eles então chegaram e desamarraram o meu pai e soltaram ele.¹⁷⁵

A narração de Jaime referente ao episódio ocorrido com seu pai remete àquilo que Pollak¹⁷⁶ refere como a *memória herdada*, quando os familiares viveram eventos que legam aos demais membros, e o indivíduo lembra daquilo que não viveu, mas ouviu dizer. Segundo o depoente, “eu me lembro da história porque o meu pai contava”, esse fato bastou para que reproduzisse a história.

Sua análise para o contexto partiu do pressuposto de que “na Europa perseguições e ali [colônia Quatro Irmãos], mais perseguições ainda”. Os episódios que fizeram com que os judeus emigrassem da Rússia Czarista para o Brasil (perseguições, mortes e saques realizados pelos *pogroms*) fizeram com que eles abandonassem a Colônia, e fossem se estabelecer nos núcleos urbanos.

Pollak também se refere à *memória subterrânea*, quando algo que foi escondido por tempos, que devia ser como que apagado da lembrança, ressurgem em momentos de crise. A guerra no país de origem, as perseguições, os saques a colheitas e os produtos cultivados voltam a ocorrer na vila onde os judeus se estabeleceram. Suas memórias associam os eventos àqueles que eles já conheciam, a Rússia e aos *pogroms*, como se não tivessem emigrado.

Então fomos embora todos, para Erebango. Aí fomos de trem, com bagagens e tudo. E ficamos lá mais ou menos oito meses, um ano [...]. E dali, a maior parte foi embora. Uns para Passo Fundo, outros para Santa Maria, Cruz Alta, Porto Alegre, uns foram para São Paulo. A colônia ficou reduzida em ... de quinhentos colonos, que o meu pai falava, ficou quarenta, quarenta colonos.¹⁷⁷

Aqui, o depoente atribui o fracasso da colônia à pouca qualidade da terra, ao desconhecimento do trabalho agrícola e ao episódio revolucionário. Segundo ele, estes fatores agregam-se à má administração da JCA, que não proporcionou condições para que os colonos continuassem nos seus lotes de terra, e não os ajudou, apenas forneceu um pequeno subsídio financeiro aqueles que plantavam.

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁶ POLLAK, 1992, p. 201.

¹⁷⁷ CHOTGUI, Jaime. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 15 de novembro de 1988. Entrevista n. 208.

Outra depoente que nasceu em Quatro Irmãos, logo após o estabelecimento dos imigrantes na Colônia, foi Adelina Sirotsky Mester. Filha de judeus russos, da cidade de Soroki, na Bessarábia, os pais emigraram subsidiados pela JCA, e logo começaram a trabalhar, segundo ela:

Meu irmão mais velho trabalhou, trabalhou até na estrada [de ferro] para ajudar, no começo da vida, porque a gente chegava num lugar estranho, num lugar selvagem pode-se dizer, que a gente não conhecia nada. Então, eles trabalharam em tudo que aparecia para trabalhar para ajudar.¹⁷⁸

A estrada de ferro foi uma atividade profissional que muitos jovens imigrantes aproveitaram para ganhar alguns trocados e sustentar sua família, por um período de tempo. Além desta atividade, o comércio constituiu-se em outra opção: o pai de Adelina foi “o único que logo se dedicou ao comércio. Ele mudou a casa, fez uma casa maior, com mais conforto e nós botam agregado, que morava perto de casa, porque fez dois galpões e fez a lojinha”.¹⁷⁹ Paralelamente, a agricultura também era desenvolvida pela família de Adelina, seu pai ganhou um prêmio pelo tamanho da maça que nasceu em sua colônia, “ele cultivava a terra, ele aproveitava a terra. Nós tínhamos de tudo, até para vender na loja”.

A família de Adelina Sirotsky viveu na Colônia durante alguns anos, segundo ela, no início da década de 1920, os irmãos já haviam casado e saído do ambiente rural, neste período, sua mãe falecera. A depoente destaca outro episódio marcante desta época:

A revolução era muito forte, inclusive degolaram um "*idish*" [judeu] lá, entraram de noite e degolaram ele como se degola uma galinha. E daí a ICA fez zona neutra num povoadozinho, Erebangó, e mandou vir um exército e esse exército guarneceu toda essa cidadezinha, onde ela tirou todos os colonos Quatro Irmãos e colocou todos ali, provisoriamente claro, no tempo da revolução. Quando houve a revolução porque houve muita coisa, muito prejuízo, roubaram inclusive.¹⁸⁰

Mais uma vez, a morte do colono judeu aparece como consequência da Revolução, fato que foi colocado anteriormente. A saída para Erebangó também foi alternativa da família Sirotsky, que após, “quando nós fomos para Erebangó, época da revolução, nós não voltamos mais para a colônia”. Seu pai estabeleceu-se com um

¹⁷⁸ MESTER, Adelina Sirotsky. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 20 de abril de 1988. Entrevista n. 003.

¹⁷⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁰ Idem, *ibidem*.

mercadinho no vilarejo, e lá permaneceram, pois no período da Revolução a família sofreu com muitos prejuízos financeiros:

Meu pai vinha vindo com a carroça carregada, tiraram os cavalos dele e deixaram ele a pé [...]. Ele foi buscar mercadoria na cidade e quando ele vinha vindo tiraram a carroça, os cavalos, tudo. A carroça estava carregada e nós nos aborrecemos muito. Depois a ICA viu que estava dando muito prejuízo e muitas mortes, daí ela nos tirou e contratou um exercito e o exercito fez zona neutra em Erebango.¹⁸¹

A JCA procurou proteger os colonos, como vimos no capítulo anterior, a alternativa de levá-los para Erebango foi bem vista pelos imigrantes, pois a maioria refere-se a este episódio. A guarda contratada possibilitou que o vilarejo estivesse mais seguro dos conflitos ocorridos com a Revolução. Este fato não amenizou as consequências nas Colônias, pois quando os imigrantes retornaram para suas casas, muitos haviam perdido bens materiais; no caso da família Sirotsky, apostaram na possibilidade de estabelecer comércio em Erebango e, posteriormente, em Passo Fundo.

Outra “História de Vida” é de Adálio Lavinsky e sua esposa, Raquel; juntos, concederam a entrevista. O pai de Adálio veio com o financiamento da JCA para a Argentina, logo após estabeleceu-se em Quatro Irmãos, trazendo sua família da Lituânia. Seu pai possuía moinho de beneficiamento de cereais, no território dos czares, emigrou por causa dos *pogroms* e da falta de liberdade deste país. Na Argentina, ele trabalhou com granja e adquiriu experiência agrícola, e veio para Quatro Irmãos.

Naquela região, presenciaram o conflito armado de perto:

Sobre a Revolução de 1923. Eu sei que 1923 deu combate aqui. Mas antes era 1922 [*sic*], que deu aquela ... começou a guerra, então era o revolucionário e era da parte do governo do Estado. Então, esse do lado do governo chamava-se chimango, e esse do lado dos outros, os revolucionários, era maragato. Então, eles brigavam. Então, o presidente era Borges de Medeiros. E outro, o que era dos maragatos, era o Assis Brasil. E ali, então, se... se... (?), então fizeram uma revolução. E ali morreu muita gente, lá? Então, se acamparam... Depois, então, em 1923 foi o último combate, foi ali onde tem o cemitério, não é? Ali, então, tinha, chamava-se o coronel Portinho, Simão Machado e, como é mais? Ah, não me lembro mais os nomes deles. E ali foi o maior combate que tinha. Eu sei que da parte dos chimangos, que é do lado do governo, morreu quase tudo. E os outros também morreram. Depois que terminou o combate, então meu pai veio para colônia – nós morávamos em Quatro Irmãos. Primeiro nós mudamos para Erebango, quando era a revolução. E antes do combate, aí nós fomos para Quatro Irmãos. **Ali deu o combate em cima da nossa terra** e ali onde é o cemitério do combate, ali deu a última mortandade. Ali, então, no outro dia, o pai veio para ver como é que está aquilo lá e eu vim junto – eu tinha onze anos –, mas tinha tanta gente morta lá, tudo misturado com a cavalaria,

¹⁸¹ Idem, *ibidem*.

tudo misturado. É uma ... foi ... foi muito ... foi um combate dos maiores que tinha. Depois, então, veio o exército e tomou conta daquilo lá, então, aí terminou a revolução.¹⁸²

O depoente tinha onze anos e recorda dos episódios ocorridos por causa da Revolução na colônia de Quatro Irmãos. A memória vivida se reflete na expressão “ali deu o combate em cima da nossa terra”, retratando os conflitos com um sentimento de invasão dos combatentes. A materialização, no caso o Cemitério do Combate, auxilia que esta batalha não seja esquecida por aqueles que vivenciaram o episódio.

Os prejuízos, segundo o depoente, alcançaram altos índices:

O que estragaram! Carneavam o gado, para comer, faziam churrasco. Animal, que nós tínhamos, levaram tudo embora. Os arreios essas coisas, que eles ocupavam. Mas era do lado dos maragatos, dos revolucionários [...]. Eles ... eles tiravam. Chegavam ali e levavam. E não se podia dizer nada. Chegavam no campo, pegavam quatro, cinco vacas ou mais, carneavam, comiam, o resto deixavam. Era assim.¹⁸³

Segundo Adálio Lavinsky, a Revolução de 1923 não foi motivo para abandonar a Colônia, tampouco saiu da região na década de 1920. O casal foi residir na cidade de Erechim na década de 1960, e ainda possuíam lote de terra em Quatro Irmãos e viviam dessa renda financeira. Para eles, o motivo maior de sair da Colônia foi proporcionar uma educação de qualidade aos filhos, pois lá havia somente o primário.

O traço comum da comunidade judaica de Erechim é a ligação com Quatro Irmãos: os judeus atualmente cuidam da manutenção do cemitério, e a maioria mantém as terras da família na região, e trabalham nelas com agricultura.

Samuel Chwartzmann concedeu um depoimento ao ICJMC e também um relato, este material resultou na publicação da obra *Memórias de Quatro Irmãos*, em 2005, já citada. Neste material, Chwartzmann descreve a trajetória judaica no Rio Grande do Sul, citando nomes dos moradores, médicos e professores da Colônia, além de outras informações. A respeito da Revolução de 1923 em Quatro Irmãos, relatou:

Ainda permaneceu mais de uma centena de colonos em Quatro Irmãos até 1923. Em 1923, houve uma Revolução Estadual, que fez com que os colonos abandonassem suas casas e bens indo para os povoados mais próximos, com medo que se repetissem os assaltos e mortes que aconteciam nos seus países de origem. Depois de 1923, poucos colonos

¹⁸² LAVINSKY, Adálio e Raquel. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 28 de agosto de 1988. Entrevista n. 184. **Grifo nosso.**

¹⁸³ Idem, *ibidem*.

voltaram para suas colônias e mesmo cuidando de suas plantações e animais preferiram morar na Vila de Quatro Irmãos.¹⁸⁴

Quatro Irmãos era dividida em núcleos, como já citado, nos lotes de terra viviam os colonos, distante aproximadamente dois quilômetros uns dos outros; a vila seria o local em que o comércio tinha mais evidência, e as pessoas residiam mais próximas. Muitos imigrantes citam a saída da colônia para a fixação na vila, onde se sentiam mais seguros, pela proximidade das pessoas em um núcleo mais povoado. O medo também foi sentimento usado por Samuel Chwartzman, quando relatou os episódios da Revolução em Quatro Irmãos. Referente a este episódio, também avaliou:

Em 1923, estourou uma revolução no Estado do Rio Grande do Sul, liderada, pelo lado do governo, pelo então presidente (atualmente equivale ao governador do Estado) Antônio Augusto Borges de Medeiros, cujas forças eram denominadas chimangos. Joaquim de Assis Brasil era o líder das forças oposicionistas, denominadas Maragatos. Chimango é o nome que o gaúcho dava a um pássaro que costuma pousar no lombo do gado, para picar-lhe os carrapatos. Maragato não sei o que é, mas não deve ser um elogio. Os choques de maior envergadura dessa revolução deram-se na fazenda Quatro Irmãos. Lá existe o memorável cemitério denominado "Cemitério do Combate", onde dizem que centenas de combatentes, de ambos os lados, foram enterrados juntos em vala comum. O colono David Faiguenboim foi assassinado. Os colonos, que passaram por "pogroms" em suas terras de origem, ficaram com medo de assaltos e assassinatos e abandonaram os seus lares e tudo o que possuíam. Levaram apenas os pertences mais necessários, como roupas de cama e vestir, que eram poucas, algumas panelas e víveres, tudo isso transportado por carroças. Foram até a Vila Quatro Irmãos e dali transportados pelo trenzinho da ICA até Erebangó, onde a maioria ficou acampada, esperando o fim da revolta para voltarem aos seus lares. Alguns, que tinham parentes em Passo Fundo, foram para lá, onde aguardaram que se fizesse a paz para voltarem as suas casas, o que aconteceu após alguns meses. Porém, só alguns poucos voltaram. O restante ficou residindo nas cidades, perto de filhos ou parentes, que os assistiram. Os que voltaram, acamparam em Quatro Irmãos, esperando acalmarem os ânimos. Não foi fácil os colonos convencerem suas mulheres a voltarem para a colônia. Alguns já ficaram no povoado, embora continuassem cultivando suas terras e cuidando do seu gado.

O depoente traça o enredo da Revolução de 1923 em Quatro Irmãos em poucos parágrafos, às vezes minimizando as situações, outras enfatizando-as. Na memória estão também as novas manifestações que ocorreram no ano seguinte e a respeito delas destaca que:

Em 1924, houve outra revolta, essa com saques no comércio da vila Quatro Irmãos. Novamente houve o êxodo dos colonos, que iam, como anteriormente, de carroça até Quatro Irmãos, dali pegavam o trem até

¹⁸⁴ CHWARTZMANN, Samuel. Relato e depoimento concedidos ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 12 de abril de 1988. Entrevista n. 099.

Erebango, ficando aí acampados até acalmar os ânimos da revolta. Nessa revolta, o colono Peisse Birman foi preso e levado a pé até Quatro Irmãos. Lá foi exigido da ICA um valor por seu resgate, o qual foi pago imediatamente. Assim Peisse Birman foi solto e tudo ficou só no susto.

Para Samuel Chwartzmann, os acontecimentos dos anos de 1923 e 1924 ficaram resumidos apenas em alguns prejuízos materiais e, segundo ele, o motivo da evasão da Colônia foi o sentimento de medo e insegurança dos imigrantes. Suas conclusões são construídas a partir de sua trajetória familiar; Samuel trabalhou nas lides agrícolas ajudando seu pai, além de outras atividades, como açougueiro e sapateiro. No ano de 1943, iniciou atividades na administração da JCA, até o encerramento das atividades da Companhia no Brasil. Apenas deixou a Colônia em 1961, quando fixou residência e loja comercial em Erechim.

Nahum Chwartzmann nasceu na colônia de Quatro Irmãos, em 1929. Suas memórias, assim como as da maioria dos entrevistados, iniciam com a referência de sua família, que emigrou da Bessarábia. Segundo o depoente, a família veio ao Brasil pela facilidade na compra de terras, tendo em vista que no Império Russo não podiam adquiri-las. Relata a trajetória difícil que seus pais enfrentaram devido à inexperiência agrícola e a falta de aparato técnico para o desenvolvimento do trabalho. Nahum afirma que na década de 1920 os colonos já estavam mais aptos para o trabalho nas colônias e sua atividade começou a prosperar; mas novos percalços ocorreram:

Mas quando já estava num ponto bastante evoluído, já estavam [os imigrantes judeus] bem fixados, então começaram os ciclos revolucionários. Isso em 1922/1923/1924 até 1930, eles tiveram de fugir várias vezes, porque os revolucionários invadiam as terras e saqueavam, matavam, abatiam as rezes mais bonitas que tinha. Abatiam a mosquetão. Comiam a parte nobre, a parte carnuda e o resto deixavam para os corvos. Mas, chegou um ponto em que a minha mãe disse para o meu pai: “Olha, morar de qualquer forma, trabalhar em qualquer coisa, mas não vamos ficar mais aqui na colônia”.¹⁸⁵

Este depoente, como poucos, evidencia toda a década de 1920 como sendo devastadora para o desenvolvimento econômico de Quatro Irmãos, e não somente os anos de 1923 e 1924. Mesmo tendo nascido após este período, a memória herdada de sua família o faz relatar como se o tivesse vivenciado, traçando seu roteiro de vida através do percurso que seus pais iniciaram.

¹⁸⁵ CHWARTZMANN, Nahum. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Passo Fundo: 22 de dezembro de 1988. Entrevista n. 007.

A família Chwartzmann decidiu se estabelecer na Vila Quatro Irmãos, local que trouxesse maior seguridade à família. Nahum, em 1951, deixou a residência da família, e fixou residência na cidade de Passo Fundo, segundo ele:

A gente sempre é atraído pela cidade, as borboletas são atraídas pela luz. Eu também fui atraído pelas luzes da cidade, o interior já não servia, eu tinha familiares que moravam em Passo Fundo, não tinha mais campo para estudar. E Quatro Irmãos era assim: enquanto tinha extração de madeira teve muito desenvolvimento, muito progresso, mas depois que começou a descrever, a ser devastada as florestas, então as pessoas começaram também a ir embora. Uns por causa dos filhos, outros por outros motivos. Eu fui porque eu queria estudar.¹⁸⁶

Sua avaliação reflete o sentimento de muitos jovens que deixaram a Colônia. A expectativa de novas conquistas e possibilidades atraiu os imigrantes judeus para outras localidades, no Brasil e no exterior. A criação do Estado de Israel, em 1948, também propiciou que imigrantes e/ou descendentes fossem lá se estabelecer. A família Chwartzmann acompanhou todo o processo de criação de Quatro Irmãos, desde a chegada dos imigrantes em 1913 até a saída da administração da JCA, na década de 1960.

O último depoimento que se refere ao tema da pesquisa é o de Henrique Henkin. Descendente de imigrantes judeus, nasceu em Erechim, cidade do interior do Rio Grande do Sul, no ano de 1917. Homem público ligado à política, atuou como deputado, advogado e delegado de polícia. A entrevista no acervo do ICJMC constitui-se de áudio e transcrição. Sua peculiaridade chama a atenção desde o início, pois sendo a transcrição literal, o entrevistado orientava como deveria ser o desenvolvimento da entrevista, demonstrando que a seguiria segundo sua vontade. Desse modo, poucas vezes é interrompido, ficando ao seu critério as colocações.

Sua fala inicial é emblemática, refere-se ao projeto desenvolvido pelo ICJMC, indicando os objetivos que se desejava salvaguardar:

Em primeiro lugar, eu estou satisfeito de poder prestar a minha colaboração ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, que se dispõe a **registrar a memória dos judeus que vieram para o Rio Grande do Sul**. Embora, improvisadamente, sem papel e sem dados escritos e registrados na mão, eu posso prestar algumas informações que eventualmente poderão ser úteis a esses registros a que se propõe o Instituto Marc Chagall. E para não furtar-me a maiores detalhes ou divagar sobre outros assuntos eu, desde logo, vou situar a minha situação.¹⁸⁷

¹⁸⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁷ HENKIN, Henrique. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 1988. Entrevista n. 071. **Grifo nosso**.

O depoente discorre sobre inúmeros assuntos entre família, trabalho, a Companhia de Imigração – JCA, a vida nas colônias e nas cidades do interior do Rio Grande do Sul, as tradições religiosas judaicas, a educação, as relações intercomunitárias e as organizações judaicas, o Estado de Israel, o Sionismo e as migrações de seu grupo étnico. No relato, também constam considerações referentes à política do Rio Grande do Sul, à Revolução de 1923, ao Estado Novo, às discriminações, como o nazismo. Estes eventos são narrados, cronologicamente datados, e logicamente explanados.

Tais considerações foram expostas no intuito de explicar a fonte a que a pesquisa teve acesso, visando a melhorar a compreensão destas “Histórias de Vida”. Este documento tornou-se significativo pelos elementos que apresenta. Segundo Henkin:

Em mil novecentos e vinte e três, eu vou registrar um episódio aqui, que é muito importante para definir, não só a situação da minha família, mas como de modo geral dos judeus de Quatro Irmãos. É, que como todo mundo sabe, no ano de mil novecentos e vinte e três houve no Rio Grande do Sul uma revolução, mais do que uma revolução, era uma guerra civil.¹⁸⁸

Ao iniciar o relato dos episódios de 1923, o depoente trouxe elementos da história do Rio Grande do Sul de forma geral, a trajetória política do Estado, mas ele definiu como “importante para sua comunidade étnica”, ou seja, aos judeus de Quatro Irmãos. Henkin, não discorre somente sobre suas memórias pessoais, agregando a elas a história do Rio Grande do Sul e da imigração judaica. Em sua fala, o entrevistado coloca-se pouco como sujeito, aparecendo raramente como parte integrante da narrativa; sem evocações e/ou sentimentos envolvidos. Seu discurso torna-se bem articulado, devido à vida pública do depoente.

A respeito da trajetória familiar relembra que:

Essa revolução atingiu muito a região nordeste do estado, abrangendo o município de Paiol Grande e, conseqüentemente, a colonização de Quatro Irmãos. A tal ponto, que um irmão meu, com dezessete anos ou dezoito anos, acabou se engajando, inclusive, nos revolucionários, e houve um combate sangrento em Quatro Irmãos, ele foi preso, foi ameaçado de fuzilamento e tal. Houve interferências do irmão mais velho, houve interferência da ICA e ele acabou sendo solto.¹⁸⁹

Este episódio relatado por Henrique Henkin destacou que os judeus de Quatro Irmãos não estavam alheios aos acontecimentos políticos do Rio Grande do Sul; muito pelo contrário, para haver engajamento político por parte de um descendente de imigrantes, há pouco estabelecidos no Estado, este judeu, supostamente, estava a par

¹⁸⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁹ Idem, *ibidem*.

daquilo que estava em jogo na realidade política, daquele momento. Referente a este aspecto, porém, não há referências nos demais depoimentos analisados, somente Henkin cita a simpatia do irmão com a causa revolucionária de 1923.

A respeito desta Revolução em Quatro Irmãos, o depoente enfatizou:

Bem, essa revolução de vinte e três, como qualquer revolução, determinou que as tropas revolucionárias, por onde passassem, eles tinham que se alimentar, então, eles requisitavam gado e cavalo das colônias ou dos proprietários que encontravam. E, desta maneira, eles retiraram muito gado e muito cavalo das colônias. E as colônias empobreceram e isso contribuiu muito para muitos colonos irem embora de Quatro Irmãos. Reduziu-se muito o número de colonos. A minha família ficou lá: os meus irmãos ficaram lá, a minha mãe ficou lá [...]. Então, eu contei esse episódio, para mostrar que a Revolução de vinte e três, que é um fato histórico no Rio Grande do Sul, ele é um dos fatos mais importantes da história brasileira, porque foi a única revolução local que pode ser chamada de guerra civil, porque era uma verdadeira guerra civil, a mortandade era tremenda nos combates.¹⁹⁰

Segundo o depoente, a família, após o término dos conflitos, continuou na Colônia, com criação de gado e plantio. Por mais difícil que tenham sido os embates revolucionários para os colonos imigrantes, o que acarretou na evasão de muitos lotes agrícolas, o conflito foi considerado passageiro, e suas memórias o referem com pesar.

No ano de 1989, ocorreu em Erechim uma comemoração pelo setuagésimo aniversário de emancipação do município. Nesta solenidade, “a Câmara prestou [homenagem] à comunidade judaica pelo 40º Aniversário da Independência do Estado de Israel e pelos 80 anos de imigração judaica no Planalto”.¹⁹¹ Na ocasião, estavam presentes os líderes da comunidade judaica de Erechim, o presidente da Federação Israelita do Rio Grande do Sul (FIRS) e o cônsul de Israel no Brasil, respectivamente, os senhores Abraão Izaquiel Charchat, Abraão Faermann Sobrinho e Tzvi Chazan, os quais receberam homenagens pela contribuição que esta etnia deu para o desenvolvimento da sociedade de Erechim.

O discurso proferido no Evento explanou a história de Israel até tornar-se o “Estado Judeu”; referiu-se também à trajetória dos judeus que imigraram para o Brasil com o financiamento da JCA e a evasão destes das colônias agrícolas em direção a Erechim. A respeito da Revolução de 1923, destacou:

Nos episódios revolucionários e pós-revolucionários de 23, Quatro Irmãos sofreu muito. Famílias foram dispersas, homens mortos e bens destruídos. Muitos foram morar em outros locais e dedicar-se a outros afazeres. A nossa cidade recebeu

¹⁹⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁹¹ SPRITZER, Raquel T. Erechim organiza comemoração para festejar a imigração judaica. **Resenha Judaica**. Janeiro de 1989. In: Departamento de Documentação e Memória do ICJMC.

muitos deles, os quais engrandeceram nosso comércio, nossa indústria e nossa cultura.¹⁹²

Observa-se que neste período ocorreram, de forma recorrente, referências aos confrontos armados da década de 1920 em Quatro Irmãos. A homenagem à comunidade judaica também fez questão de destacar o sofrimento vivenciado pelos imigrantes na Colônia. Repare-se que na década de 1980 houve a preocupação em preservar o episódio dos períodos turbulentos na memória da comunidade judaica, como elemento participante de sua trajetória no Rio Grande do Sul.

Além dos depoimentos selecionados, colhidos pelo ICJMC em 1987 e 1988, no ano seguinte, 1989, a homenagem em Erechim, noticiada pela *Resenha Judaica*, fixaram na comunidade o sentimento de pertencimento a esta história. Anos após, poucos descendentes de imigrantes referem-se a esta Revolução, principalmente aqueles radicados em Porto Alegre. Em 2012, a maioria dos judeus da Capital descende dos pioneiros de Barão Hirsch ou Baronesa Clara, ou mesmo de imigrantes que vieram diretamente para centros urbanos. Por isso, as referências aos episódios de 1923 ficaram restritas aos anos de 1980.

A vivência individual de cada imigrante integra um todo. Michael Pollak observa a função da memória enquanto elementos étnicos de uma comunidade:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes.¹⁹³

Os eventos revolucionários de 1923 na colônia judaica de Quatro Irmãos tornaram-se uma *memória compartilhada* pela comunidade étnica. Seguindo Alessandro Portelli, “a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”.¹⁹⁴ Sendo assim, o termo de memória coletiva não seria adequado ao tema exposto, tendo em vista que apenas alguns imigrantes citaram este episódio, e o compartilharam com os judeus residentes nas colônias agrícolas, não envolvendo a comunidade judaica urbana.

¹⁹² Idem, *ibidem*.

¹⁹³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

¹⁹⁴ PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUCSP**. São Paulo, 1981, p. 16.

Por mais que alguns judeus não tenham vivenciado os conflitos armados, estes filhos e/ou amigos transmitiram essa memória como se pertencesse a eles mesmos:

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.¹⁹⁵

A memória tornou-se herdada e/ou compartilhada por famílias que dividiram o mesmo navio, que vieram de regiões próximas, se conheceram na colônia, partilhavam o mesmo templo, se tornaram amigos, conhecidos; falam a mesma língua, mantinham os mesmos hábitos. A primeira geração de imigrantes estava arraigada nas tradições do país de origem, reproduziram nas colônias agrícolas do Rio Grande do Sul aquilo que trouxeram do Império Russo.

Essa forte ligação proporcionou a inter-relação entre as famílias e as trajetórias, pois o *pogrom* do território de origem tornou-se memória de todos aqueles que se referenciavam ao território do czar. Ieda Gutfreind¹⁹⁶, em estudo recente, refere-se a esta menção do vocábulo *pogrom*, considerada pelos imigrantes judeus como toda e qualquer violência à comunidade étnica. Segundo a autora, há muitos depoimentos do acervo do ICJMC que remetem a estes ataques e que muitos compartilharam a vivência deste episódio, com o grupo que residia em Quatro Irmãos. Como afirma João Carlos Tedesco, “as recordações culturais servem a uma comunidade porque possibilitam radicar a própria existência no passado e reforçar a identidade presente”.¹⁹⁷

Alguns preferem não falar sobre as vivências em tempos de dificuldade. Nestes casos, a memória traz lembranças que machucam. Então, pouco é dito ou referido ao assunto – indizível.¹⁹⁸ O silêncio não configura esquecimento, pois os depoentes “têm por tarefa apreender os limites flutuantes entre os possíveis do dito e do não-dito”¹⁹⁹, configurando uma árdua empreitada, quando o assunto remete às dores e aos desgostos da vivência individual ou também comunitária.

Le Goff afirma que “a memória é um elemento essencial daquilo que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais

¹⁹⁵ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 2201.

¹⁹⁶ GUTFREIND, Ieda. Imigração judaica no Rio Grande do Sul: pogroms na terra gaúcha? **WebMosaica**. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. v. 2. n. 1 (jan-jun) 2010.

¹⁹⁷ TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

¹⁹⁸ POLLAK, Michael. A gestão do indizível. **WebMosaica**. V. 2. n. 1. (jan-jun) 2010.

¹⁹⁹ DOSSE, François. **A História**. Bauru: Edusc, 2003. p. 294.

dos indivíduos e das sociedades”.²⁰⁰ Para reforçar os laços que, de alguma maneira, legitimam e unificam um determinado grupo, a memória torna-se parte integrante deste processo. A pesquisadora Anita Brumer, referindo à identidade judaica, destaca o papel da família “na transmissão e na socialização” dos fundamentos da história e da cultura da comunidade étnica.²⁰¹ Sendo assim, as experiências compartilhadas pelos imigrantes judeus radicados nas colônias agrícolas transmitiram aos seus descendentes muitos elementos da vivência individual, que, aos poucos, foram sendo incorporados por mais membros da comunidade.

Portanto, a memória do período revolucionário permaneceu em membros da comunidade judaica gaúcha. Alguns eventos foram maximizados, outros minimizados, dependendo da circunstância vivida. Aqueles que moraram na colônia tiveram a percepção de que o evento foi o maior já visto; para outros, nem tanto. Inegavelmente, os imigrantes judeus que viveram em Quatro Irmãos tiveram seu cotidiano marcado pela Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul.

²⁰⁰ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5º ed. Campinas: EUNICAMP, 2003. p. 469.

²⁰¹ BRUMER, Anita. A identidade judaica em questão. In: Abrão Slavutzky (org.). **A Paixão de Ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica**. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1998. p. 177.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa foi se tornando amplamente satisfatória, na medida em que o texto foi sendo construído e reconstruídos, a partir das observações e dos aprendizados que considerei durante sua realização. O tema atraiu-me desde o início do curso de História, quando iniciei meu trabalho como voluntária do ICJMC, e conheci o rico material que constitui o acervo de “Histórias de Vida” da Instituição.

As referências aos episódios revolucionários de 1923 e 1924 no Rio Grande do Sul repercutiam nos depoimentos dos imigrantes judeus, formando um enredo, uma trama feita de acontecimentos vividos e sentidos com intensidade. Seus relatos constituem-se em uma fonte histórica que merecia maior atenção.

A História Oral de Vida valoriza o indivíduo, o ato narrador, sua experiência como resultado de vida. Essa experiência é o ponto crucial da narrativa, com suas contradições; o aspecto individual e subjetivo é o mais importante; interessa portanto a experiência vivencial de determinada pessoa. Neste caso, a interferência do entrevistador durante os depoimentos é mínima.²⁰²

Esta singularidade da *fonte oral* abriu-me um leque de possibilidades de pesquisa, que até então não tinham sido desenvolvidas a respeito do tema. A maioria dos estudos feitos por pesquisadores anteriores que utilizei no estudo estava baseada nos documentos da JCA e do governo do Rio Grande do Sul, sem recorrer às vivências dos imigrantes judeus. Consideram-se os depoimentos policiais que utilizou Marcos Feldman, mas as narrativas contidas nas “Histórias de Vida” pouco tinham sido enfocadas.

Na tentativa de entender o motivo pelo qual a Revolução de 1923 permaneceu na memória dos imigrantes judeus de Quatro Irmãos, foi necessário entrar em questões complexas, principalmente por tratar-se de indivíduos que narram sua história (autobiografia) e, a partir disso, constroem o enredo. François Dosse, na obra *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*, expõe as dificuldades encontradas nesta tarefa, pois “esses relatos [de vida] pressupõem o envolvimento do pesquisador”²⁰³, constituindo-se na especificidade da fonte oral.

²⁰² CONSTANTINO, Núncia Santoro. Teoria da História e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 64.

²⁰³ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009, p. 242.

As dificuldades foram aparecendo, principalmente quando se trata de uma etnia a que não pertença, e meu interesse por ela partiu de pesquisas anteriores ligadas a sua história. Meu estudo foi constantemente revisado com cuidado, pois as palavras podem dar origem a sentidos e significados que, às vezes, não faziam parte das intenções de quem as formulou. Mesmo que o interesse parta do profissional, quando tratamos de uma comunidade étnica as barreiras são estabelecidas para as pessoas que não fazem parte dela. A princípio, não haveria problemas, pois os depoimentos que utilizei já estão em áudio e transcritos no acervo do ICJMC. Porém, quando se trabalha com História Oral devem-se considerar suas surpresas.

Ao cursar uma disciplina com a professora e pesquisadora Núncia Constantino, com o objetivo de entender, estudar e utilizar a metodologia da História Oral de forma correta, foi-me solicitado um projeto de história oral e a realização de uma entrevista. Como o meu projeto de mestrado utilizava os depoimentos do ICJMC, coletados na década de 1980 e disponibilizados no acervo da Instituição, eu não teria muitos imigrantes vivos para entrevistar. No ICJMC, me sugeriram a senhora Esther Golandinski, pois sua mãe imigrara para Quatro Irmãos.

Mantendo relações com o ICJMC, conheci Esther Golandinski, que trabalhou na Instituição desde sua fundação, na década de 1980, e que coletou e transcreveu muitas entrevistas que constituem o acervo da mesma. Feito o primeiro contato, realizei a leitura do depoimento de sua mãe, Olga Golandiski, no intuito de entender melhor a trajetória de vida da família, realizei algumas anotações, antes da entrevista com Esther. Nesta etapa, dei-me conta de que a imigração de Olga Golandinski foi posterior à Revolução de 1923, pois ela veio ao Brasil em 1927, para as colônias que iniciaram após a reestruturação de Quatro Irmãos, realizada dois anos antes pela JCA. Com isso, interessei-me em saber se estes imigrantes, vindos posteriormente, teriam tomado consciência daquilo que aconteceu na colônia antes de sua chegada.

Esther pertence a uma outra geração de descendentes de imigrantes, já nasceu em Porto Alegre, cursou ensino superior. Da geração que eu pesquiso, a maioria é imigrante e/ou descendente que viveu nas colônias agrícolas judaicas. Para estes, a Revolução de 1923 significou perdas, prejuízos, medo, traumas, desmantelamento das colônias. Para os outros ela representa algo que apenas influenciou indiretamente e/ou não teve sequelas alguma nos núcleos urbanos.

Quando indaguei a respeito dos movimentos revolucionários da década de 1920 no Rio Grande do Sul, pois este era o tema de meu trabalho, não obtive retorno, pois, segundo ela, a família dela não comentou nada a respeito. Continuei a questão, tentando abarcar os depoimentos com que ela trabalhara do ICJMC, mas a resposta continuou negativa.

No entanto, no momento em que tentei abordar o “*fracasso*” da colonização da região, senti que invadi um território muito delicado do seu grupo étnico, pois logo me respondeu que: “é engraçado, se tu falas com o pessoal da colônia eles não admitem que tu digas que é um fracasso, eles não admitem! Eles podem argumentar de várias maneiras o porquê as pessoas foram saindo, mas eles não admitem jamais que foi um fracasso!”²⁰⁴ Logo entendi que não tinha utilizado o termo adequado, e que deveria tomar mais cuidado com as palavras.

A respeito da colonização agrícola judaica, afirmou, reiteradas vezes, que não houvera fracasso, e que alguns efetivamente viveram da agricultura: “esse meu tio, irmão da minha mãe, ficou lá na colônia até 1952, foi o último da família que saiu da colônia, ele ficou lá até 1952, trabalhando com agricultura”.²⁰⁵ Esther acrescentou, ainda falando dos judeus que moram em Erechim e que trabalham com a agricultura em larga escala: “não ficou um grande número, mas muitos ficaram, e estão lá até hoje. Quer dizer, fracasso até que ponto? As pequenas propriedades desapareceram, mas quantas famílias ficaram e estão vivendo da agricultura até hoje”.²⁰⁶ Afirmei que concordava com ela em vários aspectos, que se criou uma *imagem* de que o judeu não trabalharam com agricultura, mas que, de alguma maneira, isso não corresponde à realidade.

Observaram-se na pesquisa, as reiteradas vezes que os depoentes consideraram o termo *fracasso* inadequado; muitos imigrantes que permaneceram com as glebas de terra da colônia de Quatro Irmãos, garantiram seu sustento financeiro com a agricultura. Como já exposto, a JCA obteve vários problemas estruturais na constituição do projeto agrícola, o que acarretou em severas críticas em relação a sua atuação, não restringindo ao período da Revolução de 1923.

A entrevista de Esther Golandinski me gerou novos questionamentos e posições diferenciadas daquelas que eu havia observado nos demais depoimentos que encontrara.

²⁰⁴ GOLANDINSKI, Esther. Depoimento concedido a Diéle Schneider. Porto Alegre: 23 de maio de 2011. Áudio e transcrito. Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral – PPGH/PUCRS.

²⁰⁵ Idem, *ibidem*.

²⁰⁶ Idem, *ibidem*.

Esther mostrou-me a percepção de uma judia cem anos após a colonização de Quatro Irmãos, morando num bairro que era tradicionalmente judaico e hoje, ela mesmo afirma, “o Bom Fim já não é mais um núcleo judaico!”. A partir das observações da entrevistada, percebe-se que muitas coisas mudaram, desde as primeiras entrevistas com membros da mesma comunidade.

Além disso, dei-me conta de que estou trabalhando com a história e a memória de um grupo étnico, e que, por isso, devo ter cuidados com meus posicionamentos fechados e estanques frente a uma história que não é minha, e de um grupo ao qual não pertencço. Essa atividade me proporcionou compreender melhor as fronteiras estabelecidas entre entrevistador e entrevistado, tendo em vista que os depoimentos utilizados na pesquisa foram coletados por outras pessoas, e que tive acesso a esse material já arquivado.

Debrucei-me nas razões de compartilhamento da memória, que ocorrem devido aos imigrantes judeus enfatizarem situações diferenciadas a respeito da Revolução, não constituindo uma visão única dos acontecimentos. As vivências relatam episódios e posicionamentos, por vezes, diferentes em relação a saída da Colônia. Alguns imigrantes relacionam o fato de terem abandonado as terras em virtude dos acontecimentos ligados a Revolução, outros, referem-se ao clima de instabilidade e afirmam o retorno ao ambiente agrícola, saindo mais tarde por razões como estudo, trabalho e/ou casamentos.

O compartilhamento da memória não se restringiu a comunidade judaica estabelecida no Rio Grande do Sul, a sociedade gaúcha sofreu, igualmente, as consequências deste episódio revolucionário e postergou a memória deste período com os membros familiares. A região norte do Rio Grande do Sul, composta por diversas etnias que há pouco haviam chegado ao território, sentiram o clima de instabilidade e medo que rodeava aquelas terras. Por isso, o depoimento de Golandinski apresenta um importante posicionamento a respeito da guarda da memória familiar:

A primeira coisa que me ocorre, que é uma coisa que me incomoda hoje, nessas alturas dos meus setenta e dois anos, é que durante muito tempo a gente não perguntava para eles e eles não falavam. Então, muita coisa se perdeu, não sei se por falta de curiosidade pessoal; mas eu já, conversando com outras pessoas da minha faixa etária, das minhas relações e, muitas vezes, se recorre ao “báh, eu não perguntei”, “báh, o pai não contou, a mãe não contou... não falou”. E o tempo passou e essas memórias se perderam!²⁰⁷

²⁰⁷ Idem, *ibidem*.

Esta reflexão atualmente tem sido muito cara aos pesquisadores da história e da oralidade – “*essas memórias se perderam*”. O ressentimento de que poderia saber mais da trajetória de seus pais permaneceu durante a entrevista; nas suas falas, ela se perguntava: “Eu já era professora de história, onde é que eu estava? No que eu estava pensando? O que eu estava fazendo? Eu sei o que eu estava fazendo, mas como é que a gente deixa passar essas coisas?!”²⁰⁸

O trabalho realizado pelo ICJMC assume um papel de destaque frente às observações da depoente, pois a realização do Projeto de Preservação da Memória Judaica ocorreu no período exato, já que naquele momento havia imigrantes da primeira geração, que logo após faleceram, mas deixaram registrados sobre sua trajetória. A memória e a tradição oral continuaram ligando as gerações da comunidade judaica como grupo étnico coeso.

Os primeiros imigrantes que optaram por contar suas histórias são referências para os demais membros da comunidade. Os memorialistas étnicos que escreveram suas memórias e as publicaram foram percussores do objetivo de salvaguardar a trajetória de sua etnia para as futuras gerações. Perante o *boom* de publicações deste gênero, solicitar que este tipo de fonte não se perca, tampouco se banalize, torna-se uma tarefa árdua, pois estes documentos proporcionam um olhar diferenciado do pesquisador. Também deve ser analisado com crítica e postura profissional, considerando, porém, as especificidades deste tipo de narrativa, a análise torna-se instigante.

Os conceitos utilizados na pesquisa também foram constantemente repensados, pois as vivências de cada imigrante constituem-se em um objeto singular de análise, não podendo ser considerado como um todo ou um coletivo. Para isso, os conceitos de Michael Pollak e de Alessandro Portelli encaixaram-se na temática aqui desenvolvida, tendo em vista que as vivências dos imigrantes judeus de Quatro Irmãos foram compartilhadas apenas entre os membros da família ou com amigos, não tendo abrangência para toda coletividade.

De acordo com Portelli,

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada (razão pela qual cada indivíduo tem algo a contribuir para a história “social”); mas do mesmo modo que *langue* se opõe a *parole*, ela

²⁰⁸ Idem, *ibidem*.

só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. Ela só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual.²⁰⁹

Ao considerar as vivências individuais de cada imigrante, ressaltam suas características únicas, pois quando estas são observadas no coletivo as singularidades são minimizadas. A memória compartilhada possibilita que muitos elementos do individual permanecem no todo. Por mais que a memória da Revolução de 1923 se conservasse entre um grupo específico da comunidade judaica – entre aqueles imigrantes radicados em Quatro Irmãos, em um núcleo rural –, essa memória não integra toda a comunidade judaica do Rio Grande do Sul, pois aqueles radicados em núcleos urbanos pouco ou nada sofreram em decorrência dos movimentos revolucionários da década de 1920.

Ao encerrar uma pesquisa, pensa-se em várias respostas às problemáticas levantadas no início, mas ao final do trabalho verifica-se que ao invés de respostas, têm-se mais questionamentos.

Após ter analisado vários depoimentos, percebeu-se que o medo e a insegurança foram fatores primordiais para a saída e, até mesmo, o abandono das colônias. Os prejuízos materiais foram irreparáveis, pois a indenização nunca ocorreu, ao menos para a totalidade dos estragos. Realmente, não foi nada fácil manter-se ao longo de todos os movimentos revolucionários nas colônias agrícolas, ainda mais que o território permaneceu durante anos sem segurança.

A formação da colônia agrícola judaica de Quatro Irmãos foi a segunda tentativa da JCA para estabelecer imigrantes no Rio Grande do Sul e, por vezes, a Companhia buscou corrigir os erros constatados em Philippon. Apesar disso, os anos de 1920 são marcados pelos movimentos revolucionários de 1923 e 1924, além das disputas de terras que ocorreram entre os bandoleiros e a JCA, nos anos de 1927 e 1929. Estes fatores aumentaram ainda mais as insatisfações dos colonos e descontentamentos com a atuação da financiadora.

Buscou-se aqui traçar um panorama histórico-social dos anos de 1920 no Rio Grande do Sul e seus efeitos para a região norte do Estado, a partir de um objeto específico – as vivências dos judeus de Quatro Irmãos. Esta colônia, que por vezes é exposta como projeto fracassado, foi responsável pelo estabelecimento de muitas famílias judias que postergaram suas tradições em território gaúcho.

²⁰⁹ PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Vai di Chiana** (Toscana, 29 de junho de 1944). Disponível em < www.cholonautas.edu.pe > Acesso em 12 de dezembro de 2012.

REFERÊNCIAS

Acervos

Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo/RS/BR.

Departamento de Documentação e Memória do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall.

Laboratório de Pesquisa em História Oral – Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Artigos eletrônicos

Boletins Informativos. Disponível em: < www.chagall.com > Acesso em 12/12/2012.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: < <http://cpdoc.fgv.br/sobre> > Acesso em 12/12/12.

CYTRYNOWICZ, Roney. **História dos Judeus no Brasil.** Disponível em < http://www.conib.org.br/historia-dos-judeus-no-brasil-descricao.asp?cod_conteudo=87 > Acesso em 08/12/12.

GHIVELDER, Zevi. Bessarábia, era uma terra doce e bonita... **Morashá.** Edição n. 67 - março de 2010. Disponível em < http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=829&p=1 > Acesso em 06/11/12.

Histórico. Site da Prefeitura Municipal de Quatro Irmãos. Disponível em < <http://www.quatroirmaos.rs.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?iIdMun=100143490> > Acesso em 08/01/2013.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Vai di Chiana** (Toscana, 29 de junho de 1944). Disponível em < www.cholonautas.edu.pe > Acesso em 12 de dezembro de 2012.

Bibliografia

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Rio Grande do Sul: as oposições & a revolução de 1923.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

BACK, Léon. Imigração Judaica. In: BECKER, Klaus (org.). **Enciclopédia Rio-grandense: Imigração.** Regional: Canoas, 1958.

BARBOSA, Tatiane Machado. A Jewish Colonization Association (ICA). In: WAINBERG, Jacques A. (org.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul.** Federação Israelita do RS, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRUMER, Anita. A identidade judaica em questão. In: Abrão SLAVUTZKYI (org.). **A Paixão de Ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica**. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1998.

CHWARTZMANN, Samuel. **Memórias de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: EST, 2005.

COHEN, Vera Regina de A. A imigração judaica no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. Teoria da História e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

COSTA, Geraldino da. Colônia Philippon. In: WAINBERG, Jacques A. (coord.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FIRS, 2004.

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DOSSE, François. **A História**. Bauru: Edusc, 2003.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: EDUSP, 2009.

DUCATTI NETO, Antônio. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST, 1981.

EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Edusp; Humanitas, 2008.

FEIERSTEIN, Ricardo. **Vida Cotidiana de los Judíos Argentinos: del gueto al country**. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.

FELDMAN, Marcos. **Memórias da Colônia de Quatro Irmãos**. São Paulo: Maayanot, 2003.

FRISCHER, Dominique. **El Moisés de las Américas: vida y obra del barón de Hirsch**. Buenos Aires: El Ateneo, 2004.

FERREIRA FILHO, Arthur. **História Geral do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1965, 3ª ed.

FERREIRA FILHO, Arthur. **Revolução de 1923**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Departamento de Imprensa Oficial do Estado: 1973.

GERTZ, René E. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GERTZ, René E. A memória da Revolução Farroupilha na colônia alemã. In: SIDEKUM, Antonio; GRÜTZMANN, Imgart; ARENDT, Isabel Cristina (orgs.). **Campos múltiplos: identidade, cultura e história**. Festschrift em homenagem ao prof. Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia/Oikos, 2008.

GILL, Lorena Almeida. **Clienteltchiks: os judeus da prestação em Pelotas (RS): 1920-1945**. Pelotas: EUPPel, 2001.

GILL, Lorena Almeida. Os judeus em Pelotas. In: WAINBERG, Jacques A. (coord.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FIRS, 2004, pp. 95-100.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escritas de Si**. Escritas da História. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GRITTI, Isabel Rosa. Os judeus. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coords.). **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007, V. 3. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.

GUTFREIND, Ieda. O Rio Grande do Sul: história e imigração. In: BLUMENTAL, Gladis Wiener (org.) **Em terras gaúchas: a história da imigração judaico-alemã**. Porto Alegre: SIBRA, 2001.

GUTFREIND, Ieda. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul: da memória para a história**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004.

GUTFREIND, Ieda. Imigramos na esperança de uma vida melhor. In: WAINBERG, Jacques A. (coord.). **Cem anos de amor: a imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FIRS, 2004.

GUTFREIND, Ieda. A atuação da Jewish Colonization Association no Rio Grande do Sul: A Colônia Philippon. **WebMosaica**. v. 1. n. 1. (jan-jun) 2009. p. 108-112.

GUTFREIND, Ieda. **Comunidades Judaicas no interior do RS: Santa Maria**. Santa Maria: EDUFMS, 2010.

GUTFREIND, Ieda. Imigração judaica no Rio Grande do Sul: pogroms na terra gaúcha? **WebMosaica**. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. v. 2. n. 1 (jan-jun) 2010.

GUTFREIND, Ieda; SCHNEIDER, Diéle de Souza. As viagens de Isaías Raffalovich e a construção da identidade judaica dos israelitas brasileiros. **Anais do VIII Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos**. História, Literatura e Mito: viajantes europeus na América do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2011.

HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografias: os desafios da memória. **História Unisinos**. v. 8, n. 10. jul/dez, 2004, p. 143-156.

IGEL, Regina. **Imigrantes Judeus/Escritores Brasileiros**: o componente judaico na literatura brasileira. São Paulo: Perspectiva: Associação Universitária de Cultura Judaica: Banco Safra, 1997.

IOTTI, Luiza Horn (org.). **Imigração e colonização**: legislação de 1747 a 1915. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

KARNAL, Oscar da Costa. **Subsídios para a história do município de Erechim**: Bôa Vista de Erechim, julho, 1926. Porto Alegre: Globo, 1926.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007. 3ª ed.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: EDUNICAMP, 2003. 5ª ed.

LESSER, Jeffrey. Jewish Colonization in Rio Grande do Sul (1904-1925). **Estudos CEDHAL**, n. 6, São Paulo, 1991.

MALERBA, Jurandir. **Ensaio**: teoria, história e ciências sociais. Londrina: Eduel, 2011.

MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. **Revista Colóquio/Letras**. Ensaio, n.º 143/144, jan. 1997, p. 41-62.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NICOLAIEWSKY, Eva. **Israelitas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática da história. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

PINTO, Celi Regina J. **Positivismo**: um projeto político alternativo (RS 1889-1930). Porto Alegre: L&PM, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. 6ª ed.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. A gestão do indizível. **WebMosaica**. V. 2. n. 1. (jan-jun) 2010.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUCSP**. São Paulo, 1981.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

REVEBEL, Carlos. **Maragatos e Pica-paus: Guerra Civil e Degola no Rio Grande**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

RIBEIRO, Luiz Dario T. A Ruptura Revolucionária na Rússia/1914-21. In: VIZENTINI, Paulo (org.). **A Revolução Soviética (1905-45): o socialismo num só país**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p. 27-75.

ROMANO, Ruggiero. Lección inaugural. Por la historia y por una vuelta a las fuentes. In: TORTOLERO, Alejandro (coord.). **Construir la História**. Homenaje a Ruggiero Romano. Universidad Autónoma Metropolitana, Universidad Autónoma del Estado de México. Colegio de México, Colegio de Michoacán, Instituto Mora Mérida. México, 2002.

SCHNEIDER, Diéle de Souza. Revista Ilustração Israelita: fotografias como modelos de uma identidade em constituição. In: MONTEIRO, Charles; KERN, Maria Lúcia Bastos. **Seminário Internacional: Imagem, Cultura Visual e História da Arte**, 2012, Porto Alegre. Simpósio Internacional: Imagem, Cultura Visual e História da Arte. Porto Alegre: edipucrs, 2012.

SCHNEIDER, Diéle de Souza. 'Memorias compartidas: el 1923 en el recuerdo de la comunidad judía riograndense'. In: **17º Conferencia Internacional de Historia Oral Los retos de la historia oral en el siglo XXI: diversidades, desigualdades y la construcción de identidades**. Buenos Aires: Subsecretaría de Patrimonio Cultural Ministério da Cultura, 2012.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TRINDADE, Hélió. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, J. H; GONZAGA, Sérgio (orgs.). **Rio Grande do Sul: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

VOLOCH, Adão. **O Colono Judeu-Açu**. Romance da Colônia Quatro Irmãos – Rio Grande do Sul. São Paulo: Novos Rumos, 1960.

Documentos

Imigração judaica no Rio Grande do Sul. **Histórias de Vida**. Volume I e II. Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, Departamento de Memória.

Microfilmes da JCA. Nº. 1B. Localização 498 a 502. Documento: Carta para Paris nº. 755. Data: 12/02/1923. Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Porto Alegre/RS. Sem catalogação.

Microfilmes da JCA. Nº. 1B. Localização 544. Documento: Telegrama para Paris. Data: 03/04/1923. Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Porto Alegre/RS. Sem catalogação.

Depoimentos

AGRANIONIK, Jacó. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Erechim: abril de 1987. Entrevista n. 122.

CHOTGUIS, Olga. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 16/09/1988. Entrevista n. 189.

CHWARTZMANN, Nahum. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Passo Fundo: 22 de dezembro de 1988. Entrevista n. 007.

CHWARTZMANN, Samuel. Relato e depoimento concedidos ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 12 de abril de 1988. Entrevista n. 099.

GOLANDINSKI, Esther. Depoimento concedido a Diéle Schneider. Porto Alegre: 23 de maio de 2011. Áudio e transcrito. Acervo do Laboratório de Pesquisa em História Oral – PPGH/PUCRS.

GUDIS, Maurício. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 1987. Entrevista n. 002.

HENKIN, Henrique. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 1988. Entrevista n. 071.

HUBERMANN, Carlos. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 7/10/1988. Entrevista n. 054.

LAVINSKY, Adálio e Raquel. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 28 de agosto de 1988. Entrevista n. 184.

MESTER, Adelina Sirotsky. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: 20 de abril de 1988. Entrevista n. 003.

TAVEJNHANSKI, Luiz. Depoimento concedido ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre: abril de 1987. Entrevista n. 043.

Periódicos

Manifestação política. **A Época**. Passo Fundo, 9 de novembro de 1922. n. 91, p. 3. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

Secção Livre. **A Época**. Passo Fundo, 23 de novembro de 1922. Anno II. P. 1. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

Successão presidencial. **A Época**. Passo Fundo, 23 de novembro de 1922. n. 93, p. 5. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

O pleito presidencial. **A Época**. Passo Fundo, 14 de dezembro de 1922. n. 95, p. 7. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

O pleito estadual. **A Época**. Passo Fundo, 28 de dezembro de 1922. n. 98, p. 3. Acervo do Arquivo Histórico e Regional de Passo Fundo/RS/BR.

Dr. Davi Sevi. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 21 de novembro de 1925, n. 45, p. 3. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

Colônia Quatro Irmãos. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 9 de junho de 1928, n. 308, p. 2. Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo/RS.

Situação Anormal em Quatro Irmãos. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 1 de dezembro de 1928. n. 356. p. 1. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

Os acontecimentos de Quatro Irmãos. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 22 de dezembro de 1928. n. 362. p. 2. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

Continuam os Salteadores a Agir em Quatro Irmãos. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 17 de janeiro de 1929, n. 371, p. 2. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

Os sucessos de Quatros Irmãos: ainda não pacificada aquela zona. **O NACIONAL**. Passo Fundo, 25 de abril de 1929. n. 411. p. 2. Arquivo Histórico Regional Passo Fundo/RS.

SPRITZER, Raquel T. Erechim organiza comemoração para festejar a imigração judaica. **Resenha Judaica**. Janeiro de 1989. In: Departamento de Documentação e Memória do ICJMC.

Trabalhos acadêmicos

AGUIAR, Airan Milititsky. **Saudações para um mundo novo: o Clube de Cultura e o Progressismo judaico em Porto Alegre (1950-1970)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2009. Trabalho não publicado.

BARTEL, Carlos Eduardo. **O movimento sionista e a formação da comunidade judaica brasileira** (1901-1956). Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2012. Trabalho não publicado.

HEUFFEL, Evelyne. **Philippon: une colonie juive exemplaire?** Trabalho não publicado. Em língua estrangeira (francês).

SCHNEIDER, Diéle de Souza. **A repercussão da Revolução de 1923 na colônia judaica de Quatro Irmãos.** Trabalho de Conclusão do Curso de História, licenciatura plena da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Porto Alegre: 2009. Trabalho não publicado.

SILVA, Nayme Marlene Nemmen da. **A presença judaica em Passo Fundo: século XX.** Passo Fundo, 2002. Dissertação de mestrado em História. Universidade de Passo Fundo. Trabalho não publicado.

VERBA, Iuri Tovar. **Filantropia ou Negócios?** Análise da relação entre a Jewish Colonization Association e a Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil. Porto Alegre: PUCRS, 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso).